ANO 37.º QUARTA-FEIRA, 5 DE JUNHO DE 1957 N.º 12.391

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

A VIAGEM PRESIDENCIAL AO BRASIL

O general Craveiro Lopes chegou hoje à Baía

A cidade em festa dispensou ao Presidente português uma recepção inesquecível de entusiasmo e de exaltação lusíada

SALVADOR DA BAÍA, 5 — O avião presidencial em que viajou desde Lisboa o general Craveiro Lopes desceu no aeroporto militar de Santo Amaro de Ipitanga às 8 horas de hoje (11 T. M. G., 12 da hora legal de Lisboa).

Quinze minutos antes já o avião fora avistado. A aterragem, porém, demorou por ter o Presidente manifestado o desejo de sobrevoar a Baía, para observar a cidade de tantas recordações portuguesas, algumas vezes denominada «a cidade das igrejas».

E' isso, aliás, o que faz o encanto máximo desta terra: as torres mais diversas elevam-se do casario e assinalam dezenas de pontos da cidade, nítidamente desenhada em dois planos: a Catedral, de uma simplicidade áustera; a igreja de S. Francisco, do mais rico baroco em seus trabalhos de talha doirada; a igreja do Carmo, que guarda uma das mais belas recordações luso-brasileiras — foi no Convento anexo que os Holandeses assinaram o tratado de capitulação; a obra-prima de mármore que é a Conceição da Praia; a do Pilar com seus riquíssimos baixos relevos de prata, etc.

As primeiras palavras ao descer do avião

Quando o Presidente desceu do avião, dois soldados da Força Aérea Brasileira estenderam um tapete, sobre o qual passaram o chefe do Estado de Portugal e a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes, seguidos

(Continua na página central)

NA HORA DA DESPEDIDA — Rodeados por ministros e outras altas personalidades, o Chefe do Estado e o Chefe do Governo trocam o abraço de despedida momentos antes do general Craveiro Lopes tomar lugar no avião em que seguiu para o Brasil

Vai instituir-se o «Dia da Comunidade Luso-Brasileira»

RIO DE JANEIRO, 5 — Vai instituir-se o «Dia da Comunidade Luso-Brasileira» que será comemorado anualmente em 10 de Junho para «manter e avivar os laços de fraternal estima que ligam Brasileiros e Portugueses».

Foi esta a proposta feita ontem na Camara Federal pelo deputado Chagas Freitas, director do vespertino «Notícia», do matutino «O Dia» e presidente do sindicato dos proprietários de empresas jornalísticas.

Na justificação do seu projecto, afirma «não haver necessidade de longas explicações para o projecto pois e Brasileiros e Portugueses constituem uma só família, pelo sangue, cultura e tradição histórica». — (F. P.).

Os actos complementares do Tratado Luso-Brasileiro

RIO DE JANEIRO, 5. — Três projectos de convenções e oito capitulos consubstanciam os trabalhos realizados pela Comissão Brasileira incumbida de estudar os actos complementares do Tratado de Amizade Luso-Brasileiro.

A comisão preconiza o conclusão de duas convenções, uma regulando extradição, outra sobre a dupla nacionalidade. Também recomenda a assinatura de um acordo sobre vistos em passaportes.

No que respeita a esta ultima questão, sugere que os vistos sejam gratuitos para portadores de passaportes comuns e a simplificação das formalidades. Outra sugestão é a supressão da «Carteira de identidade para estrangeiro», no que respeita aos Portugueses. Várias profissões reservadas a nacionais, poderão, segundo esta sugestão, ser exercidas por Portuguesas: despachantes alfandegários, corretores de fundos publicos, leiloeiros, árbitros judiciais, comércio de pedras preciosas, tradutores publicos e intérpretes comerciais, jornalistas, locutores, bem como trabalhar na estiva, pesca nas águas brasileiras, etc.

Outra sugestão é a de que o funcionamento das sociedades anónimas ou companhias portuguesas não dependam do decreto de autorização para esse fim exigido para

(Continua na página central)

Visado pela Comissão de Censura

«Diário de Lisboa»
PUBLICA HOJE
32 páginas
dezasseis das quais constituem um suplemento especial
dedicado ao Brasil

Nota do dia

Critérios diferentes

O Governo brasileiro pôs á disposição de alguns enviados especiais da Imprensa portuguesa que se encontram no Rio um avião para os conduzir á Baía, a fim de puderem assistir á chegada do sr. general Craveiro Lopes áquela cidade. Além de uma deferência que nos cumpre agradecer, trata-se de um acto de compreensão e de boa vontade que importa registar e de um exemplo que não queremos deixar de apontar á consideração dos nossos compatriotas—e principalmente dos nossos patriotas. Entre nós, onde a Imprensa é considerada pelo estatuto constitucional que nos rege uma «instituição de caracter publico», nem sempre as coisas se passam por forma identica. Infelizmente, estamos habituados a um tratamento que, a maior parte das vezes, não condiz com a importancia que, teóricamente, nos atribuem. Não falamos já das inumeras regalias de que noutros países disfruta a nossa profissão e que entre nós são letra morta. Queremos referir-nos apenas á falta de consideração habitual com que somos mimoseados e que está manifestamente em desacordo com os princípios que proclamam e a própria Constituição consigna. Os factos desmentem, por via de regra, as boas palavras que habitualmente nos consagram. E já diz o ditado que boas palavras não engordam ninguém. Nem aplanam dificuldades ou resolvem situações que têm tanto de anacrónicas como de vexatórias.

A proíbição das experiências nucleares será proposta pela Noruega à Assembleia das Nações Unidas

OSLO, 5. — O presidente do Conselho, Einar Gerhardson, declarou que a Noruega pensa submeter á próxima Assembleia das Nações Unidas, novas propostas tendentes á proíbição total das experiências com armas nucleares. — (F. P.).

As opiniões dos cientistas

BERNE, 5. — A assembleia da Sociedade das Ciências Naturais da Suiça, da qual fazem parte todos os cientistas inscritos nas diversas associações cientificas do país, apreciou os perigos resultantes das consecutivas experiências nucleares e manifestou a sua inquietação pelo prosseguimento das mesmas.

A assembleia concluiu ser conveniente convocar uma reunião internacional dos cientistas mais qualificados de todo o Mundo, para que se determine, com maior rigor, a amplitude dos perigos provenientes das explosões atómicas. E', também, seu parecer que as experiências nucleares deverão ser suspensas, enquanto se não efectuar aquela reunião. — (A. N. I.).

*

CAMBERRA, 5. — O cientista nuclear dr. Marcus Oliphant declarou que «não há provas indiscutiveis», de que os ensaios nucleares estejam a causar qualquer mal á Humanidade e por isso se recusou a assinar o apelo dos cientistas norte-americanos para acordo urgente, internacional, que proíba aquelas experiências. — (A. N. I.).

*

CIDADE DO MÉXICO, 5. — O almirante Octacílio Cunha, presidente do Conselho Nacional de Energia Nuclear do Brasil, declarou que as poeiras radioactivas não constituem perigo imediato para a Humanidade. Sublinhou, porém, que esse perigo se concretizará se as experiências nucleares continuarem a fazer-se ao ritmo actual. — (A. N. I.).

Terceira explosão nuclear no deserto de Nevada

LAS VEGAS (Nevada), 5 — Foi feita hoje a terceira experiência nuclear, da série actual. O engenho fora colocado num balão cativo e lançado da altura de 160 metros. A força da explosão correspondeu a 10.000 toneladas de TNT.

Tinham sido tomadas medidas de segurança especiais, para evitar que o balão se soltasse, deslocando-se para outra área. — (A. N. I.).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O pára-quedismo
não é uma aventura

A ideia preconcebida e errada, entre nós, de que o pára-quedismo é uma arma perigosa já decaíu em desuso em numerosos países, onde a juventude se lhe entregou de alma aberta para o praticar como desporto.

Em França, por exemplo, o pára-quedismo arrasta milhares de jovens que o praticam, na ansia de novas emoções e pela preparação exigida que se reflecte na conduta física de todo o pára-quedista.

A ginástica, os exercícios preparatórios para a coordenação de movimentos e reflexos, dão, ao soldado do ar, uma desenvoltura, uma auto confiança que o impõem no conceito geral, como soldado de elite.

Estas qualidades, altamente desenvolvidas durante os treinos, aguçam-lhe o engenho, tornam-no dinamico e desembaraçado e imprimem-lhe um um carácter «sui generis» de virilidade, de força descontraída, que nós admiramos quando os vemos marchar impecáveis, ou mesmo na rua, andando garbosamente.

Hoje, com os conhecimentos técnicos possuidos, o pára-quedismo é perfeitíssimo. A aventura apenas existe no espírito de cada um.

Para exemplificar, até que ponto a técnica está aperfeiçoada, contemos o motivo por que, nos treinos, o salto é feito a 400 metros.

Dada a hipótese de o pára-quedas dorsal não se abrir (facto quase inédito, mas previsto), o homem levaria onze segundos a chegar ao solo. Ora, só passados quatro segundos, tempo necessário para a campanula se encher de ar, o pára-quedista sabe se existe alguma anormalidade. Restam, portanto, sete segundos: três para o soldado agir e quatro para o pára-quedas de reserva se enfunar.

Outra curiosidade, pouco conhecida do grande publico, é a manejabilidade do pára-quedas. Isto é: cai-se onde se quer, dentro de certos limites, suficientes, contudo, para resolver um problema inesperado. Uma árvore, com que se não contava, pode revelar-se como hipótese de «campo de aterragem»... Claro que uma descida, nessas circunstancias, não seria nada agradável. Manejando, então, as quatro bandas de suspensão, o homem imprime ao pára-quedas a direcção desejada que lhe permite livrar-se de obstáculos.

Se o jovem leitor quer ter esta maravilhosa sensação de possuir o espaço, escreva um simples bilhete postal para o Centro de Recrutamento N.º 1 — Av.ª António Augusto de Aguiar, 5, em Lisboa, propondo a sua inscrição no Batalhão de Pára-quedistas da Força Aérea. Servirá, ao mesmo tempo, a sua juventude e a sua Pátria!

DESASTRES DE VIAÇÃO

Uma camioneta
embateu numa árvore
porque o condutor adormeceu ao volante

Esta madrugada saiu de Peniche para Portimão, com um carregamento de peixe, uma camioneta pertencente ao sr. Ernesto Aires Pereira, residente em Sacavém, guiada pelo motorista Luís António Dimas, de 25 anos, que ia acompanhado de sua mulher Engrácia Catrunfo Dimas, de 23 anos e do respectivo ajudante. Ao passar na recta de Pegões o veículo foi embater com grande violência num sobreiro que arrancou e depois foi despenhar-se num valado. As caixas do peixe ficaram todas espalhadas no solo, e a camioneta completamente desmantelada e as pessoas que nela seguiam numa crítica posição. Acorreram várias pessoas que socorreram as vítimas e conduziram o casal, que ficou ferido, ao Hospital de Vendas Novas, donde seguiram para o Hospital de S. José, o motorista com ferimentos na cabeça e a mulher, com contusões pelo corpo. O ajudante ficou ileso. O desastre deve-se ao facto do motorista ter adoecido ao volante.

Voltou-se um automóvel

A 8 quilómetros de Alcácer do Sal, quando descrevia uma curva, por ter rebentado um pneu, voltou-se um automóvel conduzido pelo seu proprietário sr. Mário António Ramalho Grenho, chefe da secretaria judicial de Serpa, que ia acompanhado da esposa, sr.ª D. Isabel Mendes Rosa, de 28 anos, e de duas filhas, residentes em Serpa. Só a sr.ª D. Isabel Rosa ficou ferida, pelo que foi conduzida ao Hospital de S. José, onde ficou internada. O proprietário do carro e a família, deviam partir em breve para Moçambique, onde o sr. Grenho vai exercer idênticas funções ás que desempenha em Serpa.

ELE & ELA

A caixa do adesivo

Uma região de turismo
na Beira Setentrional

CINFÃES, 5. *(Pelo telefone)*. — Por iniciativa da Casa Regional da Beira-Douro, prestigiosa instituição com sede na cidade do Porto, está a ser estudada a possibilidade de ser criada uma Região Turística da Beira Setentrional, encantadora zona, de tão belas paisagens e de uma etnografia tão rica. Terá a referida região como fulcro principal a Serra de Montemuro, em cujas vertentes do lado Norte, se situam as terras de Cinfães. A Camara deste concelho aderiu já, em principio, a tão louvável sugestão; e estamos certos de que os Municipios de outros concelhos interessados prestarão também a necessária adesão.

REGIONALISMO

A Casa do Alentejo, para comemorar o seu 34.º aniversário, promove no dia 10, pelas 13 horas, na sua sede o tradicional almoço de confraternização, para o qual foram convidados a assistir, além de outras entidades oficiais, os srs. governadores civis dos distritos de Lisboa, Évora, Beja e Portalegre e deputados pelo Alentejo.

Chega àmanhã a Lisboa
o presidente do Centro Nacional do Comércio Externo da França

É esperado em Lisboa, amanhã, pelo avião da Air France, o sr. Alfred Jules-Julien, presidente do Centro Nacional do Comércio Externo da França.

O sr. Jules-Julien é uma importante personalidade dos meios jurídicos e políticos franceses. Juiz do Supremo Tribunal de Justiça Constitucional, foi subsecretário de Estado de 1936 a 1938 e ministro em 1939 e 40. Depois da libertação, foi eleito membro da 2.ª Assembleia Constiuinte Francesa, e deputado á 1.ª Assembleia Nacional francesa. Comendador da Legião de Honra, e cruz de Guerra, preside a vários comités e associações, entre elas a Associação Francesa para o estudo das linguas e para o envio de jovens franceses ao estrangeiro.

Entre nós, o sr. Jules-Julien conferenciará com os conselheiros do Comércio Externo franceses, residentes em Portugal.

ACORDA DE SÁVEL
FAMOSO PRATO REGIONAL
do RIBATEJANO de Salvaterra

Uma sessão de homenagem
a D. Mécia Mouzinho de Albuquerque

Uma comissão composta pelos srs. condes de Monsaraz e dos Arcos, D. José Inácio de Castelo Branco (Pombeiro), D. António de Bragança (Lafões), José Augusto Vaz Pinto, António Jacinto Ferreira, Frederico Gavazzo Perry Vidal, Álvaro César de Mendonça e Álvaro dos Reis Torgal, promove, no próximo dia 8, ás 21 e 30, no Grémio Literário, uma sessão de homenagem a D. Mécia Mouzinho de Albuquerque, distinta escritora, sempre pronta a associar-se a toda a espécie de assistência e de caridade, como o tem provado, não só em Portugal, mas em Espanha, durante a ultima guerra civil. A essa consagração á representante em Portugal de «La Societé des Gens de Lettres», de França, associar-se-ão, entre outras entidades, o notável escritor francês Jean d'Esme, presidente cessante daquela sociedade, D. Manuel Garcia Viñolas, adido cultural á embaixada de Espanha em Lisboa, e os professores Mendes Correia, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, e Benard Guedes, distinto radiólogo.

O VOO DAS AVES

CINFÃES, 5. — Pelas crianças da escola a cargo da professora D. Josefina Augusta Torres de Meneses e Vasconcelos, desta vila, foi apanhado um pombo-correio, portador de uma anilha de aluminio com os dizeres «Portugal 52—N.º 04203», e outra de borracha com o «N.º 224—Nucleo Columbófilo—Avintes». Ficou entregue aos cuidados do veterinário municipal.

Manuel Machado Saldanha

Em representação da Associação Industrial de Angola e a convite do Congresso das Industrias, a fim de tomar parte na elaboração das respectivas conclusões, chegou a Lisboa o administrador-delegado, das Industrias A. B. C., daquela provincia, sr. Manuel Machado Saldanha.

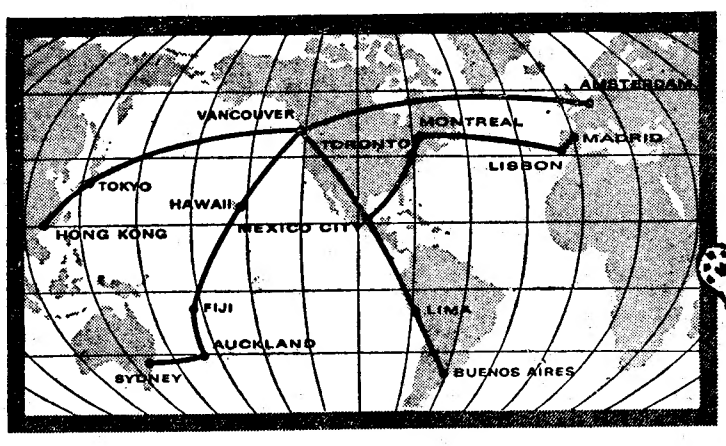
OS LISBOETAS DORMEM MELHOR

Desde a proibição dos sinais acústicos dos automóveis, os lisboetas passam as noites maravilhosamente calmos.. com a condição, naturalmente, de não terem tomado café antes de se deitarem! Mas quase todos conhecem agora e apreciam O NESCAFÉ SEM CAFEÍNA que permite tomar um café delicioso sem qualquer risco de insónias.

Husqvarna

Canadian Pacific AIRLINES

Servem 5 Continentes



A rede aérea da Canadian Pacific Airlines liga agora 5 continentes: Europa, América do Norte, Oriente, Sul do Pacífico e América do Sul.

Agora
VOOS DIRECTOS DE LISBOA AO CANADÁ

Todas as 3.as e 6.as feiras os famosos aviões Super DC 6 B da Canadian Pacific Airlines partindo de Lisboa às 22.00 horas levá-lo-ão directamente a MONTREAL e TORONTO com o maior conforto, sem mudanças e com a bem conhecida hospitalidade da Canadian Pacific. As marcações podem ser feitas por intermédio da sua Agência de Viagens ou da T. A. P.

Canadian Pacific AIRLINES

ASAS DA MAIOR ORGANIZAÇÃO DE VIAGENS DO MUNDO
LINHAS AÉREAS, FROTA MERCANTE, CAMINHOS DE FERRO, HOTÉIS

Para quem sofre dos PÉS

UMA BOA NOTÍCIA

Sentirá um bem-estar imediato logo que mergulhe os seus pés num banho tonificante com Saltratos Rodel (sais cientificamente doseados e maravilhosamente eficazes). Este banho oxigenado expulsa as dores, dá vida aos pés, tornando-os frescos e leves. Os calos amolecidos extirpam-se com mais facilidade. Hoje à noite, um banho com Saltratos Rodel... Amanhã passará alegremente. À venda nas farmácias, drogarias, perfumarias e em todas as boas casas.

Foi para Evora

o funeral do automobilista Borges Barreto

Com a presença de elevado numero de individualidades e larga representação de dirigentes e sócios do Clube dos 100 á Hora e do Automóvel Clube de Portugal e de elementos de todos os clubes desportivos que praticam o automobilismo, realizou-se hoje o funeral do corredor português sr. Borges Barreto, vítima de um acidente ocorrido, em circunstancias que relatámos, quando disputava o Grande Prémio de Saint-Etienne.

Durante a noite, o corpo foi velado, na igreja de S. João de Deus, para onde fora conduzido ontem após a sua chegada ao aeroporto, procedente de Paris.

Pela camara ardente, passaram centenas de pessoas, muitas das quais fizeram turnos consecutivos junto da urna contendo os restos mortais do malogrado desportista.

Pelas 8 horas foi celebrada missa de sufrágio pelo reverendo Jesus Vicente Calhe Bermejo, padre branco, no altar-mor da igreja, a que assistiram também as pessoas de família do extinto.

Era tal o numero de pessoas que ali se encontravam, que dificilmente se entrava na sacristia onde se encontrava o corpo.

Uma hora depois, a urna foi retirada da camara ardente e conduzida para uma ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Évora, que a transportou para aquela cidade.

Sobre a urna, foram colocadas as bandeiras do Clube dos 100 á Hora e do Lusitano Ginásio Clube, de Évora.

As coroas e os ramos de flores, em elevado numero, foram colocados num carro do Automóvel Clube de Portugal, cedido para este fim. Organizou-se, em seguida, um extenso cortejo automóvel até á Rotunda do Aeroporto, onde se verificou uma paragem, durante a qual o coadjutor do referido templo, rev. Alfredo Ferreira Coelho, fez a encomendação do corpo.

Terminada a cerimónia, o cortejo funebre retomou a sua marcha, já com menor acompanhamento.

Os serviços funebres estiveram a cargo da Agência Magno.

Serviços técnicos

das camaras municipais

Tomou posse esta tarde, no Ministério do Interior, a comissão que o Governo nomeou para proceder ao estudo dos serviços técnicos municipais, á qual preside o sr. eng. João Pedro da Costa, inspector superior de Obras Publicas. A referida comissão tem o prazo de seis meses, para apresentar o seu relatório.

Foi aqui o belo templo de Juno, em Agrigento, á sombra do qual pascentam hoje mansos rebanhos de velo branco

PEREGRINAÇÃO PELA ITÁLIA

Através da Sicília Grega

em visita aos velhos templos

AGRIGENTO, Maio — Há três meios de partir de Palermo, capital da Sicília, para o continente italiano: por linha férrea, pelo Norte da ilha, via Cefalú a Messina; por vapor, de Palermo a Nápoles; e pelo Sul da ilha, a mais interessante, por permitir visitar a grande série de templos gregos, via Agrigento e Siracusa, até Messina.

Para o efeito, há uma companhia de automóveis de turismo que mantém um perfeito serviço de «autopulmans» confortáveis, capazes de fazer o longo percurso em três dias. Visita-se primeiro Segesta, uma das cidades mais antigas da ilha e de que resta apenas um dos templos dóricos mais bem conservados da Sicília. Colocado sobre uma colina de 300 metros de altura, tem 36 colunas e ficou por concluir. Mesmo assim, produz grande impressão pelas suas linhas simples e grandiosas, no meio do deserto e das montanhas que o cercam. As suas colunas têm 9 metros e 30 de altura e não possui telhado. Outro monumento, no cume de uma montanha, é o teatro grego, de onde se obtem uma vista magnifica. Perto há também restos de quatro nascentes de águas termais. Durante muito tempo, os Gregos dominaram a ilha a que chamavam a Grande Grécia.

De Segesta vai-se almoçar a Erice, hoje pobre vila quase deserta a 750 metros de altitude frequentemente envolta em nevoeiro, mas situada na ponta do extremo ocidental da ilha, a qual tem três pontas, representadas por pernas com um sol no centro, símbolo este—a Tinacrisa—que se vê esculpido por toda a parte e se encontra nos primeiros selos da Sicília. Erice foi no passado grego e romano cidade importante sendo Trapani o seu porto. Virgílio, na «Eneida» diz que ali morreu Anchises e que Eneas celebrou jogos em sua honra. Colocado sobre o Monte S. Giuliano, esguia-se o tempo de Vénus Ericine, de que só restam ruinas no castelo e que tem amplas vistas.

Nesta região é que actuava o célebre salteador Giuliano, de Montelepre, que roubava os ricos para dar aos pobres, modo violento de exercer a caridade.

Passa-se por Alcamo, pátria do poeta Ciullo d'Alcamo, anterior a Dante, que floresceu na corte do imperador Frederico II. Segue-se depois pelos portos de Trapani e Marsala, região famosa de vinho de que não faz reclame. Foi neste porto que, com os seus mil soldados, desembarcou Garibaldi, vindo de Génova, dando a primeira batalha contra os napolitanos em Calatafimi, em 15 de Maio de 1860, para a unificação da Itália, pelo que tem belas estátuas em todo país.

Chega-se depois a Selinunte, fundada em 628, antes de Cristo, para visitar as ruinas dos templos mais considerados da Europa. Foi teatro de sangrentas lutas, sendo destruida na primeira Guerra Punica (263 A. C.). Dos numerosos templos derrubados por terramotos, restam apenas de pé catorze colunas da Acropole, construida por Pammitus sobre uma colina de 47 metros, próximo do mar. As métopas destes templos estão no Museu de Palermo de 1823.

Passa-se depois por Sciacca, pequena cidade colocada numa encosta á beira mar a 80 metros de altitude, encontrando, lá em cima, na montanha, as Termas de Selinunte. Chega-se por fim á interessante Agrigento, onde se passa a noite, para visitar os templos na manhã seguinte. Coube-me o Hotel Belvedere, cujos proprietários fizeram escavações por sua conta, tendo em casa um museu de antiguidades—ceramica e bronzes gregos de valor.

Agrigento dos Romanos e Acragas dos Gregos foi fundada em 582, A. C., sendo considerada por Pindaro «a mais bela cidade dos mortais». A verdade é que tinha entre 200.000 habitantes e tem hoje 25.000 apenas. E' bela a sua situação, semelhante á de Coimbra, sobre uma alta montanha escarpada do lado do Norte, mas descendo em anfiteatro para o mar. Ao longo deste tem a defendê-la uma série de belos templos em ruinas, que se visitam com interesse. O primeiro, de Juno, a terrível esposa de Jupiter, cantado por Ariosto, segue-se majestoso a 120 metros de altura. Tinha 34 colunas de 6 metros e 40 cada, de que hoje restam 25. Data da melhor época dórica (V séc. A. C.). Como a pedra destes templos é porosa, estão es-

(Continua na 14.ª página)

REUNIÃO INTERNACIONAL EM LISBOA

No Congresso dos Hospitais

foram hoje discutidas as modernas concepções hospitalares

Prosseguiram hoje os trabalhos do X Congresso Internacional de Hospitais. Esta manhã decorreu a quarta sessão de estudos, que foi presidida pelo dr. F. Kohler (Suiça), e E. Boverio (Itália), e secretariada por R. Marlin (França).

O tema de discussão foi «A concepção do Hospital e as necessidades do futuro — problemas particulares postos por certos tipos de hospitais». Foram apresentadas as seguintes teses: «Hospitais dos trópicos», por A. S. Gray (Inglaterra); «Hospitais psiquiátricos», por J. Lauzier (França); «Hospitais pediátricos», por C. E. Lysaght (Irlanda); e «Hospitais para doentes contagiosos», pelo arq.º N. G. Brink (Suécia).

Após um intervalo para o almoço, os congressistas voltaram a reunir-se para debaterem na sua 5.ª sessão de estudos a administração dos hosptais e as necessidades do futuro. Foram apresentados relatórios pela Comissão Permanente da F. I. H. para o estudo e pesquisas sobre a administração de hospitais. A esta sessão presidiu Sir George Henderson (Escócia), que foi secretariado por R. G. Aeppell (Inglaterra). Sir Allen Daley (Inglaterra), L. Viborel e L. Peyssard (França) dissertaram sobre o tema.

A' hora em que fechamos o nosso jornal estão a terminar os trabalhos desta sessão. Ainda esta tarde, os congressistas deslocam-se ao Palácio dos Condes de Farrobo, onde o ministro do Interior lhes oferece uma recepção.

A moda que vem...

Será um disparate. Mas é um disparate em que se insiste. E de insistência passará, porventura, á moda, talvez episódica, mas certamente tiranica. São óculos enormes, esguios, afilados, de curvas orientais. Têm exotismo e são suficientemente antipráticos para que haja quem os ache indispensáveis...

TRÊS IRMÃOS

carbonizados num incêndio

LIVERPOOL, 5. — Dois irmãos, uma menina de 4 anos e um rapazinho de 7, morreram carbonizados num incêndio numa casa de três andares na área de Islington. Os pais, Patrick Lavery e sua esposa, assim como os outros quatro filhos, de idades entre dezasseis meses e onze anos, saltaram do segundo andar para um cobertor esticado por pessoas reunidas na rua, mas todos com graves queimaduras. — (A. N. I.).

Caiu dum 3.º andar

Na ocasião em descarregava uma máquina num edifício da Avenida do Brasil, caiu da altura de um 3.º andar o jornaleiro Custódio da Cruz Pacheco, de 24 anos, morador na Rua D. Maria Rodrigues Patacão, n.º 9, cave. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

Incidentes em França

com Argelinos em greve

PARIS, 5 — Foi dada ordem de greve aos trabalhadores argelinos, pelo Movimento Nacional Argelino, em sinal de protesto contra o morticínio de Meluza. Houve incidentes na região parisiense. Em Puteiaux foi morto um operário e outro ficou gravemente ferido. Houve tiroteio em Nanterre e Saint-Ouen, tendo ficado feridos dois Argelinos.

No Norte da França, a percentagem de grevistas é grande. Em Valenciennes, foi morto um Argelino, de 18 anos, por uma rajada de pistola-metralahadora. — (F. P.).

Hotel Embaixador

Apresenta

Hoje em estreia no "Terraço das Estrelas"

ODYR ODILLON

(17 anos)

Todos os **SÁBADOS** e **DOMINGOS:** Matinées dançantes com a apresentação das atracções da noite. Preço: Esc. 25$00 incluindo chá completo

Câmara dos Despachantes Oficiais

Torna-se publico que, por decisão do Conselho Disciplinar desta Câmara, foi aplicada ao despachante oficial Frederico Ribeiro a pena de «Repreensão» fixada no n.º 3.º do Art.º 65.º dos Estatutos, aprovados pelo Decreto N.º 40.363, de 25 de Outubro de 1955.

Lisboa, 4 de Junho de 1957.

A DIRECÇÃO

1957 A 14 Junho

Lotaria do S.to António

5.000 contos

Bilhetes e suas fracções aos preços correntes

CASA COSTA

75, Rua de S. Paulo, 77 — LISBOA

Acabe com todos os perigosos e desagradáveis focos de mau cheiro da sua casa utilizando

PURODOR

o desinfectante desodorisante perfumado com perfumes franceses.

À venda nos bons estabelecimentos

Representantes: SCHROETER & ALMEIDA

Rua da Madalena, 128-2.º—Telef. 20649 — LISBOA

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A peça «O Cardeal», em ensaios no Teatro Monumental, é provável que suba á cena na decorrente semana.

—Há negociações para que, oportunamente. seja representada no Porto a revista «Há horas felizes», em cena no Teatro Variedades.

—No Teatro Monumental realiza-se hoje o ultimo espectáculo do conjunto artístico «Portugal mais alegre».

—No dia 18, a companhia Maria Della Costa representa, no Teatro Avenida. de Coimbra, a peça «A... Respeitosa».

—Regressou do Porto o aetor Manuel Correia que, em breve, retoma as suas actividades no Teatro Radiofónico da Emissora Nacional. nal.

—O actual prazo de concessão do Teatro D. Maria II, á empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, termina a 5 de Dezembro do corrente ano.

—Indica-se o nome do actor João Villaret para a direcção artística de uma das companhias de declamação organizadas pelo empresário Vasco Morgado com vista á temporada de Inverno, para as quais foi solicitado subsidio ao Fundo de Teatro.

—A actriz Pepa Ruiz seguirá como secretária do empresário Giuseppe Bastos a digressão ao Ultramar da companhia brasileira de revistas.

—O actor João Villaret prepara um recital de poesias no Rio de Janeiro e outro em S. Paulo.

—A actriz Susana Prado está a participar dos ensaios da peça «O Cardeal».

—Volta a falar-se na possibilidade da companhia de revistas que esteve a actuar no Porto, voltar a representar em Lisboa a revista «Lá vai Lisboa», remodelada e ampliada com novos numeros e quadros.

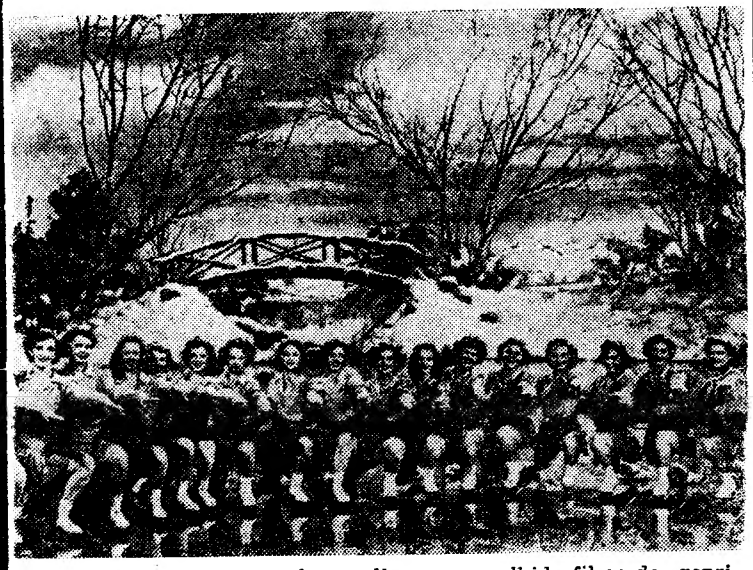
Teatro no Porto

«Ratos e homens» pelo Teatro Experimental

Fechou a sua temporada o Teatro Experimental do Porto. E fechou, com uma peça de invulgar categoria que o publico português ficaria, porventura, votado a não poder ver, se não fora a iniciativa de António Pedro. O publico que

(Continua na 6.ª págima)

INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA
DE CINEMA NO **TRINDADE**
AMANHÃ ÀS 21,15
com um deslumbrante filme austríaco em Agfacolor
PRIMAVERA SOBRE O GELO
(FRUHLING AUF DEM EIS)
Com **HERTA MAYEN — OSCAR SIMA**
Realização de GEORG JACOBY, que dirigiu o inesquecível «A MULHER DOS MEUS SONHOS»



Completa o programa, todos os dias, um escolhido filme de «reprise». Na 5.ª, 6.ª e sábado **«A INIMIGA»**, com Elisa Cegani e Frank Latimore. No domingo, 2.ª, 3.ª e 4.ª **«MAM'ZELLE NITOUCHE»**, com Fernandel e Pier Angeli
MAIORES DE 12 ANOS
Distribuição **EXCLUSIVOS TRIUNFO**

BARROSO LOPES

O PRINCIPE RUSSO QUE AO SENTIR-SE AMEAÇADO DE MORTE PEDE A PROTECÇÃO DE O JOÃO VALENTÃO

O NOVO E GRANDIOSO ESPECTÁCULO DE
SALVADOR
TODAS AS NOITES EM 2 SESSÕES ás 21 e 23 horas
NO TEATRO
MARIA VITORIA
PARA MAIORES DE 17 ANOS
ANITA GUERREIRO EM LINDAS CANÇÕES E BELOS QUADROS DE FANTASIA

CASA DE CELESTE RODRIGUES
Viela
R. Taipas, 14
Tel. 27256
O Restaurante realmente típico

A MULHER DAS CAMELIAS
«LUVA DE OURO»
da crítica argentina
Em 2.ª semana no ODEON
(MAIORES 17 ANOS)

NINA
BOITE DE NUIT (Maiores 17 anos)
APRESENTA EM GRANDIOSO ÊXITO O
BALLET MILOS RISTIC
COM AS ESCULTURAIS BAILARINAS ALEMÃS,
PAULA ROTT, SYLVIA VON E VERA KUHN

LOBOS DO MAR
FADOS E DANÇAS REGIONAIS
Calçada de Carriche, Telf. 051146

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo de Vide, no «Salão Royal»

CASINO ESTORIL
TODAS AS NOITES
Orquestra internacional de
RAY MARTINO
(17 anos)

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE - O HOMEM DO BRAÇO DE OURO - IMPERIO

SÃO LUIZ TEL 27173
Às 15.15 (preç, red.) e 21.30
17 anos
Um filme empolgante em Cinemascope
UM BEIJO AO MORRER
com Robert Wagner, Virginia Leith, Jeffrey Hunter e Mary Astor
Às 18.30 — Festival Gulbenkian de Musica

EDEN TEL. 20768
15,30, 18,30 e 21,30
A ultima obra de Dimitri Kirsanoff
No filme em «Dyaliscope»
UMA NOITE... E CINCO DESTINOS
Toda a graça picante da juventude parisiense
Para maiores de 17 anos

IMPERIO TEL. 55134/5
Às 21.30-ESTREIA (17 anos)
da famosa realização de OTTO PREMINGER
O HOMEM DO BRAÇO DE OURO
com Frank Sinatra, Kim Novak e Eleanor Parker
Um tema que durante muitos anos foi «assunto proíbido»

MONUMENTAL TEL. 55131
Às 15.15 e 21.30 (17 anos)
A VERDADE E O MEDO
Uma interpretação magistral de Dana Andrews admirávelmente acompanhada por Joan Fontaine. Numa vigorosa realização do mestre Fritz Lang

ALVALADE TEL. 763080
Às 15.15 (preç red.) e 21.30 (17 anos)
Um filme empolgante em Cinemascope
UM BEIJO AO MORRER
com Robert Wagner, Virgina Leith, Jeffrey Hunter e Mary Astor

AVIS TEL. 47163
Às 15.30 (Pr. red.) e 21.45—(17 anos)
O filme sensacional em que os realizadores italianos são mestres
Nunca houve amor maior
com Antonella Lualdi, Franco Interlenghi e Gino Cervi

ROMA TEL. 727778
Às 15.30 (Pr. red.) e 21.45 (12 anos)
O cómico n.º 1 do cinema italiano na melhor obra da sua carreira
TOTÓ NA TELEVISÃO
com Darian Gray, Valeria Maricom e Bruce Cabot

ROYAL
A's 21,15 (17 anos)
SENTIMENTO
No programa:
NÓS OS DOIS SÓS

PAVILHÃO PORTUGUÊS Telefone 366783
Às 21.15 (17 anos)
HOMENS VIOLENTOS
com Glenn Ford
A MEIA NOITE DO AMOR
com Jane Wyman

ESPLANADA PORTUGALIA
Às 21.30 (17 anos)
A JANELA INDISCRETA
A caminho de Bali

CASINO ESTORIL
A's 21,30 (17 anos)
O MAR DAS 7 ONDAS
com Tyrone Power

TIVOLI TEL. 50595
2.ª SEMANA
Em Cinemascope
Um filme famoso do grande realizador John Huston com Deborah Kerr e Robert Mitchum
A's 3 e 6,15 da tarde (a pr. red.) e 9.30 da noite
O ESPÍRITO E A CARNE
A história duma freira e cum fuzileiro naval numa ilha deserta
(Para 17 anos)

POLITEAMA TEL. 26305
15,15 - 18.15 e 21.30
4.ª semana triunfal do 1.º filme de SOPHIA LOREN, de que todas as senhoras gostam
A LENDA DA ESTATUA NUA
em CINEMASCOPE
com Alan LADD e Clifton WEBB
Paisagens de estonteante beleza (17 anos)

CONDES TEL. 22523
Às 15.15, 18.15 (Preços reduzidos) e 21.30 — (17 anos)
Nunca o cinema apresentou um tema tão honestamente humano
Nunca houve amor maior
com Antonella Lualdi, Franco Interlenghi e Gino Cervi
O drama de uma mulher que comete um delito para preservar a felicidade

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
A's 15,15, 18,15 e 21.30 (12 anos)
Ultmas exibições
PARA SEMPRE FELIZES
TECHNICOLOR
AMANHÃ, ás 21,30 (Para 12 anos)
ESTREIA
O SANTO DO RINGUE
VISTAVISION

ODEON TEL. 26283
A's 15.30 - 18.15 e 21.30
2.ª semana
(Maiores 17 anos)
O filme mais extraordinário do cinema argentino
Baseado na imortal obra de ALEXANDRE DUMAS
A MULHER DAS CAMÉLIAS
com Zully Moreno e Carlos Thompson

CAPITOLIO TEL 27497
Às 15.30 (Pr. red.) e ás 21.30—17 anos
Um grande filme de ficção científica
A TERRA EM PERIGO
A uma nova dimensão do terror! em Superscope
com Kevin Carthy e Dana Winter

TERRAÇO DO CAPITÓLIO
Todos os dias dois filmes diferentes
Às 21.30 — 12 anos
O filme de emoção
LONDRES À MEIA-NOITE
com Walter Pidgeon
Às 22.45 — O delicioso filme musical
7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS
com Jane Powell

TERRASSE TEL 20917
Às 21 (12 anos)
DUELO NO DESERTO
LOUCURAS DE MILIONÁRIO

LIZ TEL. 48560
Às 21.15 (17 anos)
CANTINFLAS NA RIBALTA
DESEJO HUMANO

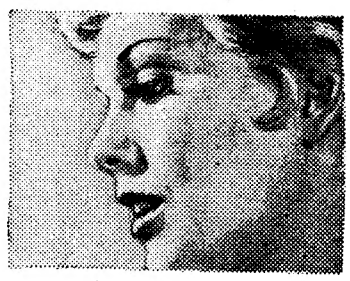
RESTELO Tel. 610375
Às 21.15 (17 anos)
A ULTIMA CARAVANA
Cinemascope
com Richard Widmark

CINEMA IDEAL
Às 21 — (12 anos)
CASTIGO DE MULHER
GRANDE HOTEL

• RETIRO ANDALUZ •
CASA DE DEOLINDA RODRIGUES — Av. Conde Valbom, 114
Telefone 773134
retiro andaluz
DEOLINDA RODRIGUES apresenta 5.ª feira, em reaparição, o grande artista
MANUEL FERNANDES
ao lado de Aura Ribeiro, António Rocha, Beatriz Ferreira, Liberto Conde e Francisco Peres.
P.ª 17 anos
Serviço permanente de jantares e ceias

FRANK SINATRA

ELEANOR PARKER



KIM NOVAK

UM EXCLUSIVO SONORO FILME (17 ANOS)

UMA ESTREIA DIFERENTE

HOJE NO IMPÉRIO

VARIEDADES

A EMPRESA ARTISTICA DE ESPECTACULOS, LIM.ª

EM 2 SESSÕES ÀS 21 E 23 HORAS

APRESENTA

A REVISTA

HÁ HORAS FELIZES !

COM

VASCO SANTANA — BIBI FERREIRA — COSTINHA SOLNADO e C. COELHO

e a atracção

MARIE LAURE

★ Para maiores

★ de 17 anos

ZULLI MORENO

A ESTRELA DE «DEUS LHE PAGUE»

NOUTRO GRANDE ÊXITO

A MULHER DAS CAMÉLIAS

Em 2.ª semana no ODEON

(MAIORES 17 ANOS)

LUSO

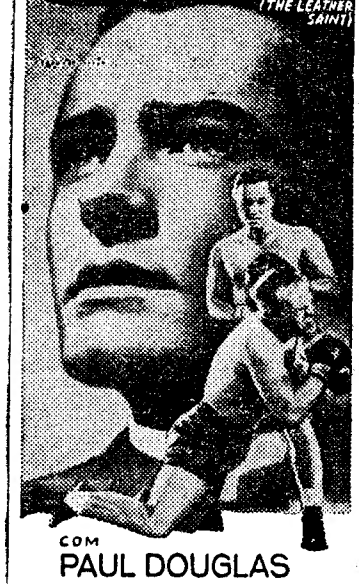
T. Queimada, 8-A T. 32889—17 anos Hoje (até de madrugada) 5.ª e penultima **Meia-Final** do Concurso **«Primavera no Fado»**. No programa: **Maria Amélia Proença — Armando Dias** —Isaura A. de Carvalho — Julieta Estrela e o campeão da alegria **Manuel Bogalho.** Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal.

A HISTÓRIA DO INVENCÍVEL PADRE ALLEN QUE CONSEGUE O QUE QUER POR PROCESSOS INVULGARES!

A PARAMOUNT APRESENTA

O SANTO DO RINGUE

(THE LEATHER SAINT)



COM

PAUL DOUGLAS

JOHN DEREK

JODY LAWRANCE

CESAR ROMERO

Ernest Truex

Richard Shannon

Ricky Vera

Produtor NORMAN RETCHIN

Realizador ALVIN GANZER

Historia e argum. de NORMAN RETCHIN e ALVIN GANZER

VISTAVISION

É um um filme Paramount

AMANHÃ no SÃO JORGE

MAIORES DE 12 ANOS

AMANHÃ, no MAXIME

ESTREIA SENSACIONAL

(MAIORES 17 ANOS)

O ESCULTURAL E MAGNÍFICO CONJUNTO ALEMÃO

BALLET BARMO

Parada Imperial

UMA DAS MELHORES CRIAÇÕES DA ENCANTADORA

ROMY SCHNEIDER

UM MARAVILHOSO FILME AUSTRIACO, REALIZADO POR ERNEST MARISCHKA, QUE DIRIGIU «SISSI» e «JUVENTUDE DE UMA RAINHA».

UM FILME ALEGRE, COM MUSICA DELICIOSA PASSADO NA ROMANTICA VIENA.

UMA PRODUÇÃO ERMA-FILM-VIENA

MAIORES DE 12 ANOS

A 1.ª EXPLOSÃO ATÓMICA EM PORTUGAL

vai dar-se em Santarém no dia 9 de Junho, pelas 5 horas da tarde, com o encontro que toda a «aficion» esperava: o primeiro despique entre as duas primeiríssimas figuras portuguesas do toureio a pé:

CHICO MENDES

— E —

JOSÉ TRINCHEIRA

em competência com

MANOLO VASQUES

o toureiro espanhol mais fino e gracioso da actual geração com touros do **DR. ANTÓNIO SILVA**, de Coruche. O **DR. FERNANDO SALGUEIRO**, o grande triunfador da corrida á antiga portuguesa, e **MANUEL CONDE**, o seu mais directo rival na luta para o posto cimeiro do toureio a cavalo, lidarão touros dos **IRMÃOS OLIVEIRAS**, de Samora Correia, que os **FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM**, comandados por **RHODES SÉRGIO**, pegarão.

PARAÍSO DE GUITARRAS

TRAVESSA DO SALITRE, 1 TELEFONE 20841

RESTAURANTE TÍPICO DE CATEGORIA INTERNACIONAL

(GRANDE SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES)

Continua em pleno êxito o grande acordeonista português

ANTÓNIO MESTRE

Em fados e guitarradas, um escolhido elenco de artistas

Musica p/ dançar pelo «Conjunto Paraiso» com o jovem vocalista José Nobre

Esmerado serviço de Restaurante e Bar

Selecção Rigorosa (17 anos)

Depois de «DEUS LHE PAGUE»

A Mulher das Camélias

Em 2.ª semana no ODEON

(MAIORES 17 ANOS)

Concurso de fados

Sob a direcção do poeta popular Francisco Radamanto, realiza-se hoje, no Luso, a 5.ª e penultima meia-final do concurso «Primavera no Fado», prestando provas os concorrentes: Eva Tomás, Maria Fernanda Costa, Maria Julia Tomás, Laurinda Gonçalves, José Luís de Abreu, Raul F. de Almeida, José S. Rodrigues, Orémio Gonçalves, António M. Coelho, Inácio da Silva Matos, e Armando Brandão Albino. Os acompanhamentos serão feitos por Henrique Margo e Miguel Silva.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

COLHIDA POR UM AUTOMÓVEL—Na estrada de Benfica foi colhida por um automóvel Eugénia Augusta Ribeiro, de 63 anos, residente numa barraca da Travessa do Tarujo, a qual ficou muito contusa pelo corpo, pelo que foi conduzida á sala de observações do Hospital de S. José.

COLHIDA PELO COMBOIO—Na estação do Pinhal Novo, foi colhida pelo «rápido» do Algarve, Luisa da Conceição Vitorino, de 63 anos, de Rio Frio. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, com graves ferimentos na cabeça e pelo corpo.

CONFERÊNCIAS

Amanhã, ás 21 e 30, o escritor e académico visconde Jean d'Esmenard (Jean d'Esme) presidente da «Société des Gens de Lettres», de Paris, efectua, na Sociedade de Geografia de Lisboa, a sua segunda conferência sobre assuntos do ultramar, intitulada «Uma aventura milenária: caravana no deserto do Saará». Seguir-se-á a exibição de filmes, num dos quais, colorido, se descreve a viagem de Vasco da Gama.

—E no próximo dia 7, pelas 21 e 30, que a escritora e poetisa D. Lygia Toledano Esaguy realiza a sua anunciada conferência subordinada ao tema «O soneto e a mulher», em sessão cultural da Casa do Algarve, na Rua Capelo, 5, 2.º. Completarão a sessão recitativos da autora e do artista da Rádio, Mariano Calado, que dirá composições de alguns dos maiores sonetistas algarvios. A entrada é livre.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No dia 9, haverá um almoço de homenagem ao presidente da assembleia geral da Academia Grandela, sr. Carlos Alberto Machado, pelos relevantes serviços prestados á colectividade. A inscrição encerra-se amanhã.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um impermeável de plástico; um relógio de pulso, de senhora; dois tampões de roda de automóvel; dos tampões de depósito de gasolina, de automóvel; um encerado para cobertura de camioneta; dois porta-moedas com dinheiro; um par de óculos graduados; uma camisola de criança; um porta-moedas, um livro de apontamentos e dois lenços; uma caneta de tinta permanente; dois retalhos de linho; dois sapatos e uma sandália de criança; um lenço de bolso e um cinto de bata de criança; um saco do oleado com um rolo de esfregão para alumínio, tubos de linhas e dinheiro; um taipal de madeira para cama de criança; uma saia de riscado; um bilhete de identidade; um vestido de fazenda; diversas argolas com chaves; um porta-chaves de cabedal com cinco chaves; e uma pequena argola com três chaves e uma chapa.

Almoço de homenagem

a D. Ester da Silva Nogueira

No restaurante Montes Claros reuniram-se hoje, num almoço de homenagem á sr.ª D. Ester da Silva Nogueira, que durante 38 anos foi assistente da Escola Superior de Farmácia de Lisboa, cerca de 70 convivas, entre os quais o director prof. Mendes Ribeiro, e todo o corpo docente do referido estabelecimento de ensino, alguns antigos colegas e muitos antigos alunos daquela sabedora e estimada professora.

Aos brindes, usou da palavra o sr. prof. Mendes Ribeiro, que fez o elogio da homenageada, enaltecendo as suas qualidades profissionais e morais. A sr.ª D. Ester Nogueira, por seu turno, agradeceu.

Todo o almoço decorreu numa atmosfera de grande cordialidade e alegria, a que não faltou, no entanto, a nota da saudade do passado.

VIDA MUNDANA

DE VIAGEM

Com sua esposa, encontra-se em Lisboa o sr. Joaquim Monteiro da Silva, figura de relevo da colónia portuguesa de S. Paulo, em cujos quadros associativos ocupa lugar de relevo. Deve seguir por estes dias para Barqueiros, donde é natural.

—Com sua esposa, seguiu para o Norte, o sr. dr. Domingos F. Machado, professor de Medicina da Universidade da Baía, que, há dias, se encontrava em Lisboa e que ontem visitou o Hospital de Santa Maria.

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

está a formar-se á sombra dos teatros experimentais, de um apurado sentido artístico mais actualizado, acabará por estravazar das pequenas salas de ensaio, para encher as grandes plateias e exigir do teatro de profissionais um nivel e uma qualidade artísticos que por vezes não possuem, por culpa desse próprio publico. Habituou-se ao teatro mercantilizado—e desse não consente que se arredem aqueles que o servem. Não lhe perturbamos, porém, o gosto e o conceito do convencionalismo. Deixemo-lo, porque aí estão os ultimos fieis. Mas, entretanto, prepare-se alguma coisa de novo—peças, intérpretes, encenadores e publico—para que o nosso teatro possa actualizar-se...

«Ratos e homens», de John Steinbeck, que o Cinema—sem êxito, entre nós—aproveitou há duas dezenas de anos, é uma peça admirável, cheia de poesia, lenta como as tardes quentes dos ranchos. Carregada de emoção e de palavras duras, causticantes e contrastantes, a poesia vem-lhe, sobretudo, da alma das figuras. Mesmo quando há nelas uma tara ancestral, uma subconsciência tarada, essa poesia vem ao de cima, como uma toalha fina de espuma flutuante.

A acção é lenta, arrastada, repetimos. Sem intransigências com o o publico impaciente. O tema é flagrante e desenvolve-se, sobretudo, no interior das almas: a esperança de dois homens que trabalham para realizar um sonho de felicidade e que depois vão deixar na cidade o dinheiro duramente amealhado. Uma mulher e as mãos de um homem imbecil que é quase o símbolo de toda a humanidade, quebram a linha de esperança e do sonho, tinta do sangue daquela vítima loira como as loiras searas.

A versão portuguesa de «Ratos e homens» é do dr. Correia Alves e a interpretação recebeu do publico os mais quentes aplausos. Mereceram-nos, especialmente, Jaime Valverde, João Guedes, José Silva, José Pina, Baptista Fernandes e Vasco Lima Couto, ao lado dos estreantes—porque os quadros de intérpretes todos os dias se alargam no T. E. P.—Jorge Martins, José Brás e, ainda, de Fernanda Gonçalves, a unica figura feminina da peça, admirável na cena do celeiro.

A encenação de António Pedro, os cenários de Fernando Fonseca e as luzes de Fernando Teixeira têm aquele cunho de arte que o publico já se habituou a aplaudir-lhes.

Primeiras exibições

«Um beijo ao morrer», no São Luís e Alvalade

E' preciso ter os olhos fechados—mesmo com eles abertos—para não ver, que o realizador deste filme pretendeu criar, talhar, modelar um novo James Dean na figura de Robert Wagner. Devemos dizer que o tipo é expressivo. Representa, admirávelmente. Aguenta, e até mesmo encarna o seu antipático papel que, de certo modo, á parte á deliquência, exprime, fundamente, o carácter frio e desabusado, a inteligência seca e perversa e a astucia raciocinada, como que matemática, no jogo das previsões e realizações, de certo tipo de juventude moderna.

Uma palavra pode defini-la—o materialismo. Robert Wagner, pelo tipo físico, a psicologia geométrica, a ansia e o furor de viver o quer que seja de ácido e de cinico, representa só por si um problema humano. Porque, na verdade, não estamos, na presença de um larvado, nem de um criminoso nato, portanto de um doente lombrosiano, mas de uma realidade sociológica, espécie de novo Roskolnikoff, de Dostoiewsky, para quem o mal e o bem não passam de meros conceitos burgueses, sem conteudo.

Digamos agora alguma coisa sobre «Um beijo ao morrer», coroado pelo prémio Edgar Poe e realizado por Gerard Oswald. Este quebrou ruidosamente os «poncifs». Em vez de enquadrar a sua obra, de crime e «suspense», em atmosferas sombrias, com figuras típicas, projectou-a em ambientes claros, luminosos, quase festivos de colorido intenso, dando ao criminoso, na sua moralidade, a mais completa vulgaridade. De facto., Gerar Oswald marca uma maneira, um estilo, e consegue igualar muitas das atmosferas do «Pic-Nic», filme que marcou uma viragem na sétima arte. O entrecho gira á volta de um rapaz universitário que mata uma rapariga em vésperas de ser mãe. Para a Polícia trata-se de um banal suicídio.

A expectativa cresce empolgante, cruciante, de segundo a segundo. A impunidade torna-se patente. Nada se descobrirá. Todos os indícios do assassínio são, por completo, eliminados. Só o acaso, essa força estranha e misteriosa, que nem sempre actua, pode jogar ainda. Mas jogará?

Filme estranho, tanto mais que as vítimas se entregam por amor, este «Beijo ao morrer», o qual nos parece operar metabolicamente sobre as fórmulas sediças do género, dando-nos algo de singular, como emoção qualitativa, num plano inédito, — em que a psicologia dos herois gidianos encontram uma expressão diferente.

Além de Robert Wagner, sensação do ecran, citemos ainda Jeffrey Hunter, Virgínia Leith e Joanne Woodward. Vários complementos, entre os quais o artístico documentário italiano «Terras de Encantos». — *Visor 42.*

«A verdade e o medo», no Monumental

Não é própriamente uma obra-prima esta de Fritz Lang, ontem estreada no Monumental, com o título «A verdade e o medo». No entanto, há nela alguma coisa, ainda que pouco, a fazer lembrar a mestria do conhecido realizador cinematográfico, talvez um pouco afastado dos seus processos primitivos, que foram, aliás, a razão da sua popularidade.

Com este filme pretende-se — assim o pensamos ao princípio — demonstrar a necessidade de abolir a pena de morte, que alguns países ainda conservam como legal castigo de determinados crimes. Objectivo elevado, mas imperfeitamente alcançado, senão frustrado, porque a acção se arrasta, em torno de uma história arquitectada por dois jornalistas, um dos quais se apresenta á Polícia como assassino de uma actriz, e leva o tribunal a acreditar na sua culpabilidade, graças a uma série de provas falsas. As coisas complicam-se, há algumas imagens cinematográficamente certas e, por fim... Bom, neste final é que fica registada a assinatura de Fritz Lang, mas o leitor, aceitará que não se conte a história toda... que, só para ver a tal assinatura, vale a pena ir ao Monumental.

Complementos agradáveis. — *Visor 25.*

As estreias de ontem

No Império

Título—«O homem do braço de ouro».
Produção—Americana.
Realização—Otto Preminger.
Intérpretes—Frank Sinatra, Kim Novak e Eleanor Parker.
Argumento—Drama de um homem viciado pelos estupefacientes.
Processo—Normal.
Distribuição—Sonoro Filme.
Classificação—17 anos.

Coliseu

Hoje e todas as noites, a gigantesca super-produção em 31 partes 15 episódios «Capitão África». Um filme monumental que faz vibrar o público de entusiasmo e de emoção

Continua a entusiasmar todo o publico o monumental filme «Capitão África», a mais gigantesca super-produção de aventuras em 31 partes que hoje e todas as noites se exibe no Coliseu. Lutas titanicas com feras e com ferozes inimigos ocultos na sombra das traiçoeiras selvas africanas, duelos, tiros, emoção, «suspense», um verdadeiro delírio de imprevistos com o grande actor atleta John Hart.

Foi a concurso

a construção da pousada de Bragança

Efectuou-se esta tarde, na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o concurso para a empreitada de construção da Pousada de Bragança, velha aspiração da população daquela cidade.

Trata-se, por agora, da primeira fase da construção do edifício, orçada oficialmente em 2:904.330$00. Todavia, a 2.ª fase que custará apenas 375.357$12 compreende sòmente a ocnstrução de mais quatro quartos.

E' autor do projecto, que foi elaborado tendo em atenção as recomendações dos respectivos serviços do S. N. I., o sr. arquitecto J. Carlos Loureiro, do Porto. Na implantação da pousada tomou-se em conta o relevo do terreno, a panoramica, a orientação e o próprio ambiente.

O edifício compõe-se de três pisos e a sua arquitectura integra-se perfeitamente no estilo tradicional da província trasmontana.

A decisão do concurso deve ser conhecida ao fim da tarde.

Mais um caso

de emigração clandestina para os Estados Unidos

A Polícia Marítima está a proceder a investigações sobre um novo caso de emigração clandestina para os Estados Unidos. Não se sabe ainda, no entanto, se as suspeitas suscitadas têm fundamento. Foi o capitão do navio português «Horta», sr. José Narciso Marques Junior, quem declarou terem aparecido vestígios de passageiros clandestinos numa das baleeiras do seu cargueiro: treze latas vazias de leite condensado, trinta latas de sardinha, seis frascos de drops, quatro latas de bolachas e outros sinais da existência de pessoas a bordo em circunstancias estranhas.

Alguém do navio teria auxiliado os indivíduos durante a viagem.

SEM MEIAS?
NÃO!

Mas sim com as finissimas meias BERKSHIRE sem costura (474 agulhas) que melhor realçam a beleza das suas pernas

Malha regular e elasticidade surpreendente

BERKSHIRE é a garantia para quem compra e o encanto para quem vê

DESPORTOS

DESPORTO UNIVERSITARIO

O Técnico venceu o campeonato regional de basquetebol

Com a realização do encontro I. N. E. F.-Escola Naval terminou o Campeonato de Basquetebol, que teve como vencedora a equipa do Instituto Superior Técnico.

Os futuros engenheiros conquistaram mais um título, tendo desta feita marcado a sua superioridade, pois contaram por vitórias os jogos efectuados. Na verdade, o conjunto do Técnico com provas prestadas mesmo em torneios da Federação, demonstrou nítido ascendente em todos os capítulos de jogo em relação aos restantes concorrentes.

O I. N. E. F. e a Escola Naval, de valor equivalente, decidiram na ultima jornada o segundo lugar da classificação, que coube ao primeiro.

I. N. E. F., 30—Naval, 29

Arbitraram: Aurélio Cruz e Albino Figueiredo.

As equipas alinharam:

I. N. E. F. — Nelson Mendes (2), Manuel Puga (6), Vicente Costa (6), Mariz Fernandez (2), Jorge Crespo, Machado da Costa (2) e António Augusto (11).

NAVAL — Pedro Caeiro (8), António Martins (6), Francisco Trabucho (10), Pereira Leite (6), António Reis, Manuel Silva, Clarimundo Pereira e Vitor Fernandes.

Ao intervalo o I. N. E. F. vencia por 15-10.

O encontro foi disputado com equilíbrio, pois ambas as equipas jogaram desfalcadas dos seus melhores elementos e o resultado pela diferença de um ponto reflecte o desenrolar da partida.

A classificação final desta prova é a seguinte:

1.º Técnico — 4 j., 4 v., 209-139, b., 12 pontos; 2.º, I. N. E. F. — 4 j., 2 v., 2 d., 140-149 b., 8 pontos; 3.º, Escola Naval — 4 j., 4 d., 139-200 b., 4 pontos.

Atletismo

Realiza-se hoje no Estádio Universitário a segunda e ultima jornada do Campeonato Regional de Atletismo.

Do programa constam as seguintes provas: 100 m., 400 m. e 5.000 m., lançamentos de martelo e de peso, salto em altura e triplo salto e estafeta de 4×100 m.

GINÁSTICA

Prossegue o congresso da Federação

Continuam hoje, ás 21 e 30, os trabalhos do congresso extraordinário da Federação Portuguesa de Ginástica, para apresentação e discussão dos novos estatutos e regulamento geral.

ONTEM, EM ALVALADE

O Sporting ganhou a taça «Amizade» num desafio desagradável

Não valeu a deslocação a Alvalade o segundo desafio Sporting-Belenenses para a taça «Amizade». jogou-se pouco sem empenho nem brilho, e o publico — muito numeroso — saiu verdadeiramente decepcionado. Embora nos dois teams os jogadores convocados para a selecção nacional não alinhassem, ainda ficaram neles elementos suficientes, para poderem oferecer á assistência uma partida, pelo menos, igual á de uma semana antes, no Restelo. Mas, ontem, não houve inspiração. podendo supor-se aque a vantagem de dois golos favorável ao grupo de Hernandez pesou no rendimento das turmas, levando-as para menos aplicação. E isso é mau, na medida em que pode arrastar os adeptos do futebol para o alheamento dos desafios á luz artifical.

Ao cabo, o Sporting ganhou, consolidando a sua supremacia, por 1-0. Golo de Pompeu, a meio, sensivelmente da segunda metade, tão fraca como a anterior no desenvolvimento de exibição dos dois onzes. Esse ponto, aliás bem marcado, representou um dos apontamentos de maior interesse desta desagradável pugna. Desagradavel debaixo de muitos aspectos e um deles foi que a partida não teve caracteristicas amistosas. Chegou-se, até, a uma expulsão, pormenor que mais contribuiu para o jogo não deixar saudades.

O Sporting não conseguiu repetir o apreciável labor de há uma semana, alinhando práticamente com o mesmo team. Travaços, porém, não compareceu, «preso» no treino da equipa nacional, e afigura-se-nos que a sua ausência se tornou decisiva. Faltou quem desse ordem ao jogo... Perides, esforçado, não teve arcaboiço para, por si só, assumir esse papel. Acresce que também não esteve Martins, outra baixa de vulto no grupo de Alvalade.

Todavia, e sem embargo de Octávio Sá haver sido o melhor sportinguista, o triunfo «leonino» está perfeitamente certo. Apesar de tudo, desfalcada de três peças do ataque titular, o S. C. P. exerceu leve domínio, carregou mais, mostrou-se mais perigoso. E outros atributos não precisou para ganhar jus ao triunfo que lhe valeu uma taça de nome, algumas vezes esquecido para lá dos limites do rectangulo...

O Belenenses, onde reapareceu Vicente e faltou Dimas, além de Matateu, ainda jogou menos do que os «leões». Jogou sem vivacidade, sem chama, inferiorizando-se em dado momento pela expulsão, acertada mas desnecessária de Pellejero. Uma exibição globalmente frouxa, apenas se distinguindo Vicente, o eborense Polido, e, a espaços José Pereira.

Para tudo ser desagradável, a arbitragem de Raul Oliveira Martins (não confundir com Raul Martins, do quadro da F. P. F.) constituiu uma experiência pouco auspiciosa. O juiz mostrou-se sem pulso e de aí certos lances «feios», que esmaltaram o encontro.

Em sintese: uma noite para esquecer. E oxalá, para bem do futebol, que o publico a esqueça. Jornadas como esta nada acrescentam ao prestígio do jogo. Servem-no mal, mesmo.

Uma defesa do guarda-redes belenenses, apertado por Walter

PATINAGEM

O jantar de homenagem a Maria Antónia de Vasconcelos

Realiza-se depois de amanhã, ás 20 e 30, na Pastelaria Marques, do Chiado, o banquete em honra da campeã nacional de patinagem artística, Maria Antónia de Vasconcelos, do Sporting Clube de Portugal, que conquistou em Bruxelas a medalha de ouro da 1.ª categoria.

Assistirá o director-geral de Desportos. Na sede do Sporting, Rua do Passadiço, na Rua Nova do Almada, 50, na Rua Garrett, 72, e na Rua Augusta, 249, onde estão expostos os trofeus conquistados por Maria Antónia de Vasconcelos, ainda se encontram patentes até amanhã, as listas de inscrição.

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional de Juniores

A Federação Portuguesa de Basquetebol marcou para hoje, ás 21,30 horas, na sua sede o sorteio da final do campeonato nacional de juniores.

O C. S. Pedrouços

empossa amanhã os seus dirigentes e a Comissão de obras

Realiza-se amanhã, ás 19 horas, nas salas do Clube Sportivo de Pedrouços, o acto de posse dos seus corpos gerentes e da Comissão de Obras, a que preside o sr. comandante Henrique Tenreiro. Nessa mesma ocasião será prestada pelo C. S. Pedrouços uma homenagem á Imprensa, Rádio e Televisão.

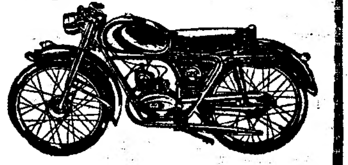
Manuel Faria estabeleceu novo «record» dos dois mil metros

Como se previa, o campeão nacional Manuel Faria, do Sporting, bateu o «record» dos 2.000 metros, máximo que já lhe pertencia desde a época finda. A corrida foi equilibradissima e muito bem orientada, deixando logo, Faria, os seus adversários para trás. O tempo alcançado é um dos mais expressivos e revela a qualidade do corredor, que bateu por cerca de 10 segundos o seu anterior.

O novo «record» é de 5 m. 25,5 s., sendo o anterior (5 m. 35,4 s.) registado em 1956.

Dos adversários de Manuel Faria, Joaquim Ferreira, do Sporting, obteve um tempo de categoria — 5 m. 37,4 s. — muito próximo do antigo máximo. O outro participante, Marques da Silva, também do Sporting, correu os dois quilómetros em 5 m. 51,8 s.

a estrela de 1957!...
Super Seta 3-V
Super Seta Halleiner Motoren Werke
agora com 3 VELOCIDADES!...



a mais moderna concepção no ciclismo motorisado!
um motor robusto...
com mais força
maior arranque — maior velocidade
MICROMOTOR, LDA.
AV. DE PARIS, 3 — LISBOA
FILIAIS — COIMBRA E FARO
AGÊNCIAS — EM TODO O PAÍS

FUTEBOL

No

ESTADIO DO RESTELO

SÁBADO ÀS 21,45

A equipa do

Sporting Clube da Covilhã

— Finalista da «TAÇA DE PORTUGAL» de 1957 —

Defrontará a do

Clube de Futebol «OS BELENENSES»

—Que em 12 do corrente iniciará a sua digressão ao Brasil e que, neste encontro se despede dos seus amigos e adeptos —

SUAREZ — que na próxima época representará o C. F. B. — alinhará, neste jogo, pelo seu actual clube.

Alinharão pela equipa de «OS BELENENSES» todos os jogadores que se deslocam ao Brasil, com excepção dos que, integrados na Selecção Nacional, já se encontram naquele País.

BILHETES Á VENDA, na Secretaria do Clube — Av. da Liberdade, 105-3.º e, no sábado, nas bilheteiras do Estádio do Restelo, aos seguintes preços:

Bancada Central—Poente ...	**35$00**
Bancada Lateral—Poente ...	**20$00**
Bancada do anel superior Nascente	**15$00**
Bancada do Topo Sul	**11$00**

(6 ANOS)

PARA SÓCIOS (com apresentação do respectivo cartão e quota do mês de Maio).

Bancada do Topo Norte e Bancada Lateral inferior — Nascente	**5$00**
Bancada Central inferior — Nascente	**7$50**

Os sócios com «lugar cativo» ocuparão os lugares habituais.

CARRIS

AVISO

IV CIRCUITO INTERNACIONAL DE LISBOA (Monsanto)

Torna-se público que nos dias 7, 8 e 9 de Junho corrente, são alteradas as carreiras de autocarros n.os 14, 14-A, 23 e 29 a **partir das 13.20 horas** como segue:

CARREIRA N.º 14 —Circula apenas entre **P. DA FIGUEIRA** e **CEMITÉRIO DA AJUDA.**

CARREIRA N.º 14-A—Circula entre a **P. DA FIGUEIRA** e **CASELAS** (via Restelo, em qualquer dos sentidos).

CARREIRA N.º 23 —Circula entre **DESTERRO** e **CRUZ DAS OLIVEIRAS** e entre **ALGÉS** e **CASELAS.**

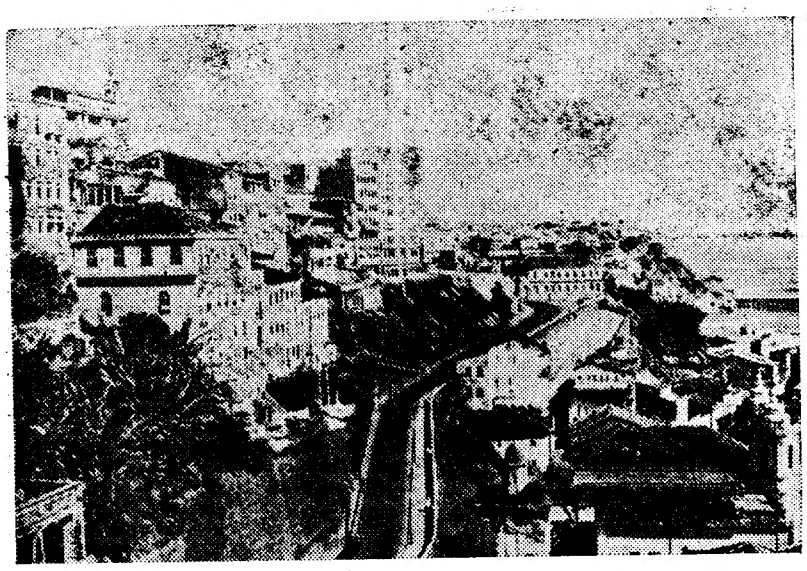
CARREIRA N.º 29 —No Bairro da Boavista é desviada para a **ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO** e segue até **ALGÉS.**

As carreiras extraordinárias efectuam-se entre **PORTAS DE BENFICA** e **CRUZ DAS OLIVEIRAS.**

A partir das 13 horas de sexta-feira, das 11 h. de sábado, e das 9 h. de domingo, os autocarros, enquanto circularem dentro do perímetro do circuito, apenas respeitam as paragens da Cruz das Oliveiras e as do Alto da Ajuda, para entrada e saida de passageiros.

Lisboa, 5 de Junho de 1957

A ADMINISTRAÇÃO



A Baía, que o Presidente da Republica viu esta manhã, através das vigias do seu avião, é uma bela e pitoresca cidade alcantilada, lembrando, como poucas, no Br asil, a velha pátria daqueles que a fundaram

De ontem para hoje

O VINHO E O PÃO

PORTUGAL aumentou, no ano passado, as suas importações, em onze por cento, subindo as exportações apenas cinco. Compete ,em parte, a responsabilidade ao mercado exportador de vinho, sobretudo o vinho do Porto que em Inglaterra deixou de ter entrada folgada. Daí, estar a preparar-se o pedido nos Comnus, para que baixem os direitos da sua importação. Por outro lado, atendendo a que a crise de qualidade e quantidade atingiu os vinhos de mesa, os grémios da lavoura da Estremadura promoveram uma reunião em Torres Vedras em que se criticou a inoperancia da Junta. Esta, por sua vez, publicou uma nota relativa ao assunto, justificando-se: apareceu uma paralização no mercado que a levou a comprar 100 mil pipas e a aumentar em 50 por cento o montante dos financiamentos. Será isto inoperancia? — pergunta a pedir resposta. Como, porém, tão altos como os do vinho são os interesses do pão, aqui se dá nota do despacho ministerial que mantém os preços do centeio, do milho e da cevada, para as colheitas que aí vêm.

ROUBARAM A PONTE

DIZEM do Porto que anda por ali á solta a gatunagem. Não há quintal que não seja varrido da criação. Pois, agora, apareceu maior prova da sua audácia. Pelo menos assim parece: desapareceram as traves de madeira da ponte do Pego, sobre o rio Ferreira (concelho de Valongo). A ponte ameaçava ruina. O povo reclamava. Pois, agora, mais terá que reclamar, porque aumentaram as razões de perigo. De tal modo, que não falta quem diga que o roubo não foi feito para roubar — mas para obrigar quem deve fazer o que lhe compete: a reparação da ponte ...

MISSÃO HUMANA

TERMINOU o primeiro cruzeiro do «Gil Eanes», de assistência á frota bacalhoeira, nos bancos da Terra Nova. Indice da sua missão e da razão da sua presença: 7 intervenções cirurgicas (todas com êxito total) 169 consultas médicas. Noutros planos da sua actividade, marcou excelente presença, com a entrega de 2.729 caixas com lembranças das famílias dos pescadores, 775 outras caixas com batatas e cebolas, e 9 toneladas de gasóleo. Visitou os 75 navios da frota e percorreu 1.802 milhas á roda do Grande Banco. Que dizer, pois, para significar a bela missão humana do «Gil Eanes»?

A ESCOLA, A SOPA E A LAREIRA

ALÉM das dez cantinas escolares que vão ser inauguradas no domingo pelo subsecretário da Educação, na Beira Alta, outras duas vão erguer-se, uma junto da escola de Pala (Porto Manso) onde houve uma festa escolar a seu favor; outra em Alviga, onde D. Joana Dias Ruivo ofereceu 50 contos para alimentação das crianças que a frequentam (esta benemérita dera há meses 250 contos para a cantina de Facundo). Entretanto, as escolas vão sendo cada vez mais: no concelho de Nisa, abridam três novos edifícios escolares; e no Sobral de Carregas (Covilhã), outras tantas salas serão inauguradas no domingo.

HORAS SOMBRIAS

MORRE-SE de qualquer maneira e ás vezes nem se sabe como. Assim deve ter sucedido ao dr. Armando Tavares (Porto) que, ao iniciar a sua conferência no anfiteatro do Hospital de Santo António, caíu fulminado por uma congestão. E teria dado pela morte a pequena Maria Dantas de 15 anos (Padeiro, Arcos de Valdevez) fulminada por uma faísca? Outra sorte teve José Cunha, de 25 anos, empregado comercial em Rio Tinto. Partiram-se-lhe os travões da camioneta e perto de Gondomar galgou a muralha, indo cair ao Douro, na hora em que as suas águas mal lhe cobriam meio carro. Foi isso e a presença dos barqueiros que o furtaram a uma morte certa.

CONVÍVIO COM A AUSTRIA

A Austria e o seu povo amam Portugal, como Portugal sofreu com as suas dores de povo ocupado e amou as suas crianças. Daí, essa corrente de mutua compreensão estabelecida entre os dois países, mais uma vez agora traduzida na festa da legação de Portugal em Viena. Lá se reuniram os alunos do maestro Silva Pereira (não ensinou musica, não senhores, regeu um curso de Português) sete dos quais receberam prémios e todos um «folar» oferecido pelo Grupo das Quintas-Feiras, (iniciativa do Grémio das Mercearias). Um amigo de Portugal (o sr. Woitsch) projectou lindas fotografias da paisagem portuguesa, o que tudo somado deu umas horas de excelente convívio austro-lusitano.

JORNAL PEQUENO

INSCREVERAM-SE no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado os drs. António de Séves, Francisco Cortês Pinto e Mário Neves, eng. Carlos Garcia Alves, Paulo de Barros, Francisco Pereira de Moura e Carlos Alves Martins. ✱ Com o Presidente do Conselho trabalhou o ministro da Presidência ✱ Chegou a Benguela onde foi festivamente recebido, o ministro da Defesa que regressa amanhã a Luanda e no sábado a Lourenço Marques ✱ O embaixador do Canadá visitou a Feira das Industrias Portuguesas ✱ Um grupo de alunos do curso de Engenharia Mecanica e Aeronáutica do I. S. T. visitou a base aérea da Ota, acompanhado do respectivo professor ✱ Os drs. Furtado Rodrigues e Eugénio Mac Bride falaram na Sociedade de Ciências Médicas, sobre aspergilose bronco-pulmonar e a imunização no tétano ✱ As chamas quase destruiram uma oficina de pirotécnia de Felgas (Felgueiras) pertencente á firma Viuva Ramos & Filhos.

O Chefe do Estado assis

ao desfile de dois cort

e embarcou à tarde no «Almirante

(Continuação da 1.ª página)

pelos membros da comitiva presidencial.

As primeiras declarações do general Craveiro Lopes, logo depois de sair do avião, foram as seguintes:

—«Sinto-me feliz por ter realizado esta viagem. Sinto-me, realmente, como se estivesse em minha casa».

Estavam no aeroporto, além do ministro Paulo Cunha, o governador do Estado da Baía, prof. António Balbino de Carvalho; o cardeal D. Augusto Alvaro da Silva, arcebispo da Baía e Primaz do Brasil; o presidente da Assembleia Legislativa do Estado, dr. Ladislau Cavalcanti; o presidente do Tribunal de Justiça, dr. Clovis Leoni; o comandante da 6.ª Região Militar, general de brigada Eduardo de Carvalho Chaves; o comandante do 2.º Distrito Naval, contra-almirante Octávio da Silveira Carneiro; o comandante da Base Aérea, coronel-aviador Afonso Celso Parreira Horta; o prefeito substituto, prof. Heitor Dias; o reitor da Universidade da Baía, prof. Edgar Santos; o embaixador de Portugal no Brasil, dr. António de Faria; o embaixador do Brasil em Portugal, dr. Alvaro Lins; o embaixador Samuel de Sousa Leão Grácie, etc.

À saída do aeroporto

A' saída do aeroporto, após os cumprimentos, organiza-se o cortejo, ao longo da Avenida Oceanica, via Rio Vermelho e Amarelina, passando pelo suburbio residencial da Barra, desfilando até ao centro da cidade. Num grande arco monumental liam-se as palavras: «A Baía sauda o Presidente Craveiro Lopes».

Ao longo de todo o percurso, na majestosa avenida ladeada de coqueiros, os prédios ostentam as bandeiras de Portugal e do Brasil. Os dísticos de boas-vindas e de saudação alternam com os escudos dos dois países e frases como «Portugal e o Brasil irmanados na Paz» repetem-se nos cartazes que cruzam a avenida marginal. Numa das mais belas praias do Mundo— a do Itapoá — as famílias dos pescadores reunem-se desde as primeiras horas da manhã para saudar o Presidente.

Ao chegar á Barra, o cortejo presidencial detém-se junto ao monumento do quarto centenário da cidade. Uma galera de seis metros de altura, encimando a lápida que reproduz versos dos «Lusíadas», foi ali colocada agora, assinalando o local exacto onde, em Março de 1549, desembarcou o primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa. O monumento, oferecido á cidade de Salvador pela colónia portuguesa, foi inaugurado em 1952. Junto dele e da galera alegórica, o Chefe do Estado português recebe os primeiros cumprimentos dos representantes da colónia portuguesa da Baía.

O Presidente Craveiro Lopes admira então o que resta das fortalezas gloriosas traçadas e defendidas por tropas portuguesas nas lutas contra Holandeses.

O cortejo reorganiza-se e segue até á entrada da Vitória, em frente do Palácio da Aclamação, onde já então estavam postadas as forças militares. Diante do palácio foi erguida a tribuna de onde o Presidente Craveiro Lopes assistiu, com a sua comitiva e as altas autoridades locais, ao imponente desfile das tropas a que passou revista.

O cortejo histórico

Organizaram-se, então os cortejos histórico e folclórico da Baía, que rompiam com duas crianças trajando á portuguesa (século XVIII) empunhando ramos de flores. Seguiam-se um arauto da mesma época e seis pajens. O primeiro carro alegórico era o da nau de Cabral, com 12 homens representando os primeiros brancos que aportaram a terras do Brasil. Outro carro, com as suas 25 figuras, recorda a missa que marcou o início efectivo da missão apostólica dos Portugueses desembarcados na Baía. Depois o carro, da fundação da cidade, com 30 figuras e, logo, os produtos do País nos primeiros anos da colonização; o carro da civilização triunfante, da aristocracia do Brasil português, dois pares de fidalgos do século XVII e seis pares de jovens em passos de minuete; a contribuição da Africa Negra para o progresso brasileiro; simbolizada no carro dos escravos. Mas já os olhos se voltam para a pompa do carro seguinte, o do príncipe regente desembarcando em terras de Vera Cruz com sua comitiva; outro, dando a visão da Corte de D. João VI e, complemento deste, um grupo de damas em suas cadeiras de Arruá. Eis, porém, que se aproxima a Independência — o Grito do Ipiranga: são 9 figuras que parecem talhadas em pedra, reproduzindo o quadro célebre do dia em que nasceu o Brasil-nação. E porque nesse momento surgiu também a colónia portuguesa no Brasil — é o quadro que se segue, homenagem ao trabalho português que continua no jovem país irmão. A terminar, o carro alegórico, que é o símbolo de todo o cortejo, de toda a História que ele evocou, da realidade sempre actual — o carro da amizade luso-brasileira, com suas 20 figuras e seus grandes corações engrinaldados de flores.

O cortejo folclórico

Ainda não se tinha dessipado a impressão de assombro do cortejo histórico, inicia-se outro desfile, o folclórico, cujo primeiro carro é o das «baianas da Cachoeira», de lenços coloridos e saias rodadas, cinturas finas marcadas pelo «josèzinho» — o casaquinho curto e cintado com abas recortadas. Segue-se o carro dos homens do mar — 15 figuras de pescadores, com suas jangadas e seus apetrechos de pesca. Vem depois o carro monumental da «romaria da lavagem do Bonfim», evocação da chacina ordenada pelos Holandeses nas escadas do Bonfim e das senhoras da aristocracia que, por suas mãos, lavaram a escadaria do sangue dos mártires, para que se realizasse a romaria. E logo o carro maior do cortejo — 75 figuras ao todo — o do Afaché. Tem-se a impressão de não chegar o tempo da sua lenta passagem para ver tudo, para compreender todas as cenas que apresenta, para apreender a imensa evocação dos costumes da Baía, aqui ressuscitados por milagre. Para terminar, os maqueiros engurados do sertão — os homens que levaram os pioneiros ás regiões remotas do interior brasileiro, misto de guia e de carregador, auxiliares preciosos do progresso e do comércio, tipos característicos da Baía — num carro de 15 figuras admiráveis.

As visitas antes do almoço

Terminado o desfile, e acedendo ao convite da Beneficência Portuguesa, o Presidente Craveiro Lopes inaugura o novo bloco agora construído naquele hospital para comemorar o seu centenário, que passa este ano.

Está também prevista para hoje uma sessão, com a assistência do Chefe do Estado de Portugal, no Gabinete Português de Leitura — belo edifício em estilo manuelino — bem como a visita á Igreja de S. Francisco — uma das mais ricas do Salvador, pelas suas preciosas talhas doiradas do mais puro estilo barroco — e a visita á Santa Casa da Misericórdia e á Camara dos Vereadores, onde serão prestadas ao Presidente as homenagens da cidade.

A lápida descerrada no Gabinete Português de Leitura diz:

...«Traduz esta lápide, o testemunho do orgulho dos Portugueses da Baía, ao receberem na sua casa, o nobre general Craveiro Lopes, símbolo venerando da nossa querida pátria».

O general Craveiro Lopes almoça, com a sua comitiva, no Palácio da Aclamação, a convite do governador do Estado, prof. António Balbino de Carvalho.

Um típico almoço baiano

No almoço houve duas ementas distintas, á escolha dos convidados: uma de cozinha francesa, e típica a outra, constituida pelos pratos tradicionais da afamada cozinha baiana, á base da pimenta e do azeite de dendêm — o vatapá, o mangunzá, o macoto, galinhas em molho pardo e peru recheado. Como acepipe, o acaragé. Como doçaria, os pingos de ovos, os bons-bocados, os papos de freira, os bem-casadinhos, enviados pelas freiras dos conventos do Desterro, da Lapa e da Soledade, que os fazem, hoje ainda, segundo receitas antiquissimas, umas, coevas do «ciclo do açucar», trazidas outras para o Brasil nas bagagens das damas da corte de D. João VI.

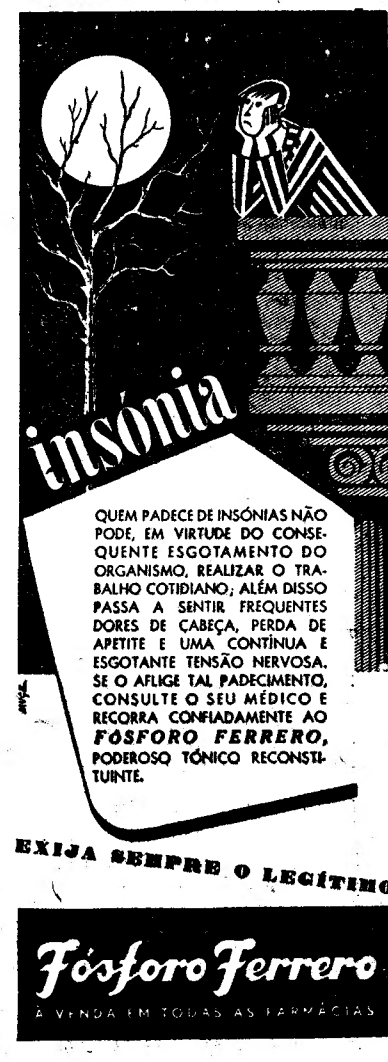
Houve, também grande variedade, quanto a bebidas — e, lado a lado com os vinhos franceses e portugueses, foram servidos, a quem os pediu, vinhos brasileiros do Rio Grande do Sul e o acaçá, que é a bebida predilecta do povo baiano.

Criados encasacados serviram os pratos da ementa francesa, enquanto baianas de lenço berrante amarrado na cabeça, saia ampla de ramagens de cores vivas e avental enorme, circularam por entre as mesas, oferecendo, em travessas fumegantes, as iguarias tradicionais.

E, depois de ter recebido a colónia portuguesa da Baía, o presidente embarca no cruzador «Almirante Barroso», que se faz de rumo ao Rio de Janeiro, quando o Sol

DR. MATOS SOUSA

Mudou o seu consultório para a Avenida Fontes Pereira de Melo, Lote 12-2.º E. (Esquina Av. António Augusto de Aguiar). Telefone 731818.



...tiu na cidade da Baía

...ços — um histórico e outro folclórico

...Barroso» para o Rio de Janeiro

despeja as suas ultimas catadupas de oiro sobre as casas brancas e vermelhas de Salvador da Baía.

O embarque no cruzador brasileiro

O Chefe do Estado português embarca ás 16 e 30 no «Almirante Barroso», onde é recebido com todas as honras: a charanga de bordo executa os hinos nacionais de Portugal e do Brasil, hasteia-se a bandeira portuguesa no mastro de honra, silvam todas as sereias de bordo e a guarnição forma em continência. Em seguida, como é da praxe, é-lhe entregue o comando do navio e ao subir no mastro o pavilhão presidencial este é saudado com uma salva de 21 tiros pelas baterias de terra.

Ao largo do cabo Frio aguardam-no os contratorpedeiros portugueses «Vouga» e «Dão».

Além do Chefe do Estado e da senhora de Craveiro Lopes, seguem também no «Almirante Barroso» o ministro Paulo Cunha e senhora; o embaixador Alvaro Lins e senhora; o dr. Luís Pereira Coutinho, secretário-geral da Presidência de Portugal; o coronel Bento da França, chefe da Casa Militar do Presidente Craveiro Lopes; o general brasileiro Edgar Amaral, o almirante Ivano Guimarães e o comandante Ildegardo de Noronha Filho, do Gabinete Militar brasileiro, do Chefe do Estado português o embaixador Sousa Leão Grácio e senhora; o dr. Rui Braz Mimoso, chefe do gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal; o dr. Ricardo Horta, médico do Presidente; o consul Paulo Tarso Flexa de Lima, funcionário do Cerimonial do Itamarati, e o 1.º tenente Prado, adjunto ás ordens do Presidente.

Sobrevoam o «Almirante Barroso» durante toda a viagem quatro aviões a jacto «Meteor» da Força Aérea Brasileira, que serão rendidos de meia em meia hora. Também esquadrilhas de aviões de treino «Piper Cubs», com bandeiras portuguesas e brasileiras desfraldadas, sobrevoam o cruzador presidencial, que será escoltado igualmente por navios de guerra brasileiros até á baía de Guanabara.

Ainda hoje, a bordo do «Almirante Barroso», o Presidente Craveiro Lopes toma contacto com a Televisão brasileira: no camarote presidencial foi instalado um receptor ultra-moderno de TV.

Como será a vida a bordo

O comandante do cruzador, que entrega o comando ao comodoro Quintanilha de Mendonça Dias, comandante do grupo português de contratorpedeiros, é o capitão-de-mar-e-guerra Hélio Garnier Sarapaio, que tem como imediato o capitão-de-fragata Negreiros Jannuzzi.

O «Almirante Barroso», durante a viagem para o Rio de Janeiro, tem todos os seus serviços a funcional: cantina, lavandaria, sorvetaria, alfaiataria, sapataria, biblioteca, serviço postal-telegráfico, cinema e cinco aparelhos de Televisão. Para consumo durante esta missão, que se iniciou com a partida do Rio de Janeiro no passado dia 1 e que termina no dia 8, de novo na Guanabara, o cruzador dispõe de 2.032 pães, 1.800 litros de leite e 24.000 bananas e laranjas, para a tripulação.

Na altura dos Abrolhos, na costa sul da Baía, o Presidente e a senhora irão ao convés, caso haja bom tempo, para assistir a uma projecção cinematográfica. Será então o primeiro contacto demorado e em pleno oceano entre o Presidente português e a tripulação do cruzador. A bordo do «Almirante Barroso» está instalado o equipamento necessário para que sejam transmitidas por duas emissoras radiofónicas as cerimónias.

Quanto á alimentação do Chefe do Estado visitante, a bordo do cruzador, anuncia-se que haverá dois pratos tradicionais: o coelho á Portuguesa e o leitão á Mineira. Constam ainda das ementas das refeições a servir ao general Craveiro Lopes faisões, perus, patos, lagostas, robalos, vitelas, salmões e caviar. Superintende nas refeições a bordo o «maitre» do Clube Naval do Rio, Roberto Rabichov. O cozinheiro-chefe é um espanhol de nome Cubano. O brasileiro Zacarias e o português Armandinho completam a equipa da cozinha.

A primeira refeição do Presidente Craveiro Lopes a bordo será o jantar de hoje. Antes, porém, haverá um «cocktail», ao qual assistem as individualidades que acompanham o Chefe do Estado português, na sua viagem para o Rio de Janeiro.

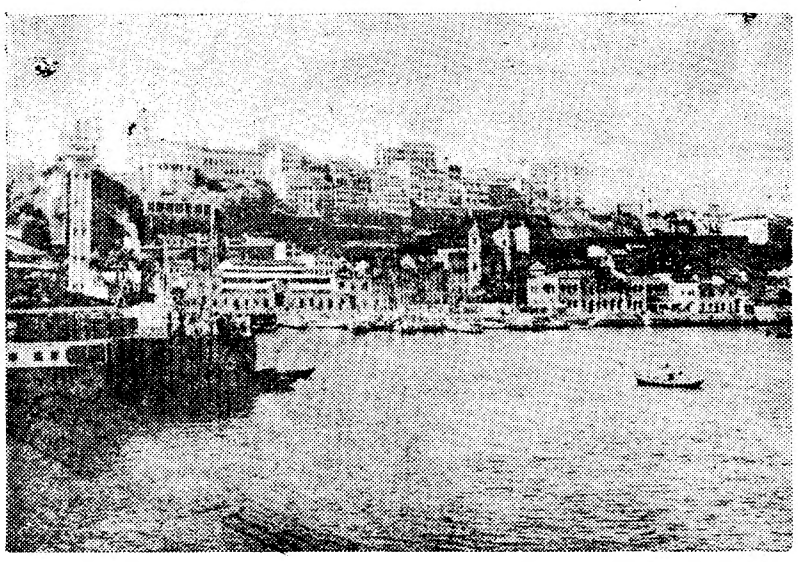
Os aposentos a bordo

Os aposentos destinados ao Presidente são os que habitualmente ocupa o comandante do barco e compõem-se de uma ante-sala, onde o general Craveiro Lopes tomará as suas refeições e onde se encontra uma estante com livros sobre a História naval e a política brasileiras; do quarto de cama e de uma casa de banho privativa. Para a Senhora Craveiro Lopes foram expressamente preparados aposentos semelhantes aos do Chefe do Estado português.

Todo o navio foi reparado e adornado com extremo cuidado, para receber os ilustres passageiros. Foi contratado para esta viagem um corpo de criados, para o serviço do Presidente Craveiro Lopes e de sua esposa.

E' a terceira vez que um Chefe de Estado viaja a bordo do «Almirante Barroso», mas a primeira que este recebe a bordo o supremo magistrado de um país estrangeiro. Antes de ter sido adquirido pelo Brasil, e quando fazia parte das forças navais norte-americanas, viajou a bordo o Presidente Roosevelt. O ano passado, já como vaso de guerra brasileiro, o Presidente Kubitschek de Oliveira utilizou-o numa viagem de S. Paulo para o Rio de Janeiro.

As autoridades empenharam-se em conseguir que o «Almirante Barroso» seja digno da sua missão de primeiro lar brasileiro do Chefe do Estado português. — (A. N. I.).



Foi aqui, do porto da Baía, aos pés da velha cidade lusitana, que o Chefe do Estado português embarcou hoje, a bordo do «Almirante Barroso», para a viagem até ao Rio de Janeiro

O tratado

luso-brasileiro

(Continuação da 1.ª página)

empresas estrangeiras. Prevê outra proposta facilidades para casamento de diplomatas brasileiros com portuguesas-natas.

No que se refere ao intercambio cultural, sugere a Comissão que sejam garantidas vagas nas escolas oficiais brasileiras a portugueses e sejam iguais as exigências feitas para o registo de diplomas portugueses no Brasil ás que se fazem em Portugal para Brasileiros. Outras sugestões versam sobre a situação militar dos residentes portugueses.

Trata-se, em suma, de ver quais as sugestões que deverão ser depois acrescentadas ás coligidas pela Comissão Portuguesa, trabalho que incumbirá á grande Comissão Mista Luso-Brasileira, cuja constituição se espera seja anunciada quando da assinatura da declaração conjunta dos dois presidentes. — (F. P.).

Um busto

de Antônio José de Almeida

na Camara dos Deputados

do Rio de Janeiro

Por ocasião da recepção ao sr. general Craveiro Lopes na Camara dos Deputados do Rio de Janeiro, será inaugurado um busto do grande tribuno e antigo Presidente da Republica, dr. António José de Almeida, o primeiro Chefe de Estado Português que visitou o Brasil. Ali será, então, evocada a sua visita, há trinta e cinco anos, que na verdade marcou um extraordinário progresso no grau das relações luso-brasileiras, não só pelo seu significado em si, mas, ainda, pelos dotes oratórios e de simtia pessoal de António José de Almeida.

Frankie Laine

causa delírio em Itália

MILÃO, 5. — Mais de 500 polícias tentaram dominar o entusiasmo transbordante e agressivo das centenas de jovens, que se comprimiam, ontem á noite, á entrada do «Palazzo del Ghiaccio», a fim de aplaudir o seu ídolo: o cantor norte-americano Frankie Laine.

Grande numero de admiradoras, muitas pertencentes aos 48 «clubes Frankie Laine, da Itália, desmaiaram na confusão, enquanto os guardas tentavam abrir caminho para que o artista pudesse passar. — (A. N. I.).

Mataram a loba

e apanharam-lhe vivos

os seus seis filhos

SABUGAL, 5—(Pelo telefone)— Depois de dois dias de aturadas diligências, os srs. Américo Martins, Joaquim dos Santos, José Maria e Manuel Joaquim, na Quinta do Val da Figueira, da freguesia de Penalobo, deste concelho, conseguiram, com forquilhas e paus, matar uma loba que pesava 28 quilos. Depois apanharam-lhe 6 filhos, 4 fêmeas e 2 machos, que apresentaram vivos na vila.

DIPLOMATAS

E' esperado amanhã em Lisboa o sr. Alfred H. Mertsch, novo embaixador da União da Africa do Sul.

RISCOS NA AREIA

NINHARIAS

de **ROCHA JÚNIOR**

Em louvor de Santo António e seus respeitáveis companheiros do mês de Junho, os esperançosos meninos de Lisboa andam já por aí a estoirar bombas, que não são ainda atómicas (sabe Deus a pena que eles têm de o não serem!) mas chegam e sobejam para assustar, irritar e até atirar ao chão pessoas doentes, como ontem aconteceu aqui próximo da minha porta. Porque os simpáticos infantes, uma vez que os artigos manipulados com pólvora continuam a ter comércio livre em Portugal e, por se tratar de géneros de primeira necessidade, não estão ainda sujeitos a tabelas de preços nem guias de transito (razão de abundarem por esse país fora os jovens manetas e ceguetas que quiseram dedicar-se ao fabrico de espingardas e á manipulação de foguetes) os meninos, dizia eu, adquirem os inocentes brinquedos em magna abundancia e põem em jogo todos os recursos da sua fresca imaginação para lhes darem aplicações vistosas e quanto possível originais.

Uma das inovações descobertas por esses futuros técnicos de Harwell ou de Las Vegas consiste em lançar as bombas para dentro dos portais dos prédios, onde o estrondo, repercutido ao longo de escadas e patamares, se torna muito mais melodioso aos seus ouvidos. E por isso eu, de uma cajadada, acabo de assistir ao deplorável desmaio de uma pobre porteira, que além de porteira é cardíaca, e á ruidosa explosão (de cólera e não de pólvora) do marido da queixosa, o qual ao ver o efeito do gracioso engenho desabafou nestes desabridos termos:

—Rais parta os meudos!

Ora eu julgo prestar um bom serviço á colectividade insurgindo-me contra as tais brincadeiras infantis, que tornam odiosas as crianças, os nossos homens de amanhã.

(Vamos a ver se, tocadas por este lado, as nossas autoridades se compenetram da nocividade das bombas de Santo António e da conveniência de acabar com elas).

* * *

Depois do sossego a higiene. E neste capitulo muito seriam as autoridades de louvar se olhassem um pouco para a maneira como se vende em Lisboa o pão, os pastéis e outros alimentos insusceptiveis de lavagem. Os flocos de aveia, por exemplo, jazem á porta das mercearias em grandes sacas, de rebordo arregaçado, onde todo o bicho-careta mete a mão, a ver se são fininhos ou grossinhos. E vá que se não lembrem de fazer aquilo que provocou o conhecido protesto dum marçano:

—Então o sr. cospe-me nas batatas?

—Ah, desculpe, julguei que eram azeitonas...

Em cima do balcão de certas pastelarias, mesmo á altura do nariz de quem chega, estão pratos com croquettes, sandwiches, pastéis de bacalhau, etc. Todo o produto espirrado do diálogo entre caixeiro e freguês pulveriza conscienciosamente aqueles pitéus. Chegam a estar expostos em tal preparo leitões assados e perdizes. E com estas dá-se o extraordinário fenómeno da multiplicação póstuma da espécie, pois a ave, depois de sair da grelha, vai para o prato do freguês salpicada de perdigotos.

E as montras? A fauna que as povoa e dinamiza? A Senhora Rattazzi, se cá voltasse, diria que os Portugueses cultivam as moscas em viveiros á vista do publico

* * *

Quando o Juca, de sete anos, foi pela primeira vez á escola, D. Lucrécia recomendou ás criadas que começassem a tratá-lo por senhor doutor. E dizia:

As criadas abusam. Dá-se-lhes o pé e tomam a mão. Então esta labrega não teve já o atrevimento de tratar o meu pêlo de arame por tu!

O tu exprime o máximo respeito e o máximo despreso. Os antigos gregos e romanos tratavam por tu os deuses e os despotas. Os santos tratam-se por tu, tal como os escravos e os lacaios. A graduação do tratamento depende das distancias, quer no espaço, quer na categoria social. Assistindo a uma tourada, o aficionado grita, de longe, ao espada: «Chega-te a ele?» De perto, curva-se e murmura: «V. Ex.ª empresta-me o seu lume?»

* * *

As nações bem policiadas devem combater atentamente o alcoolismo, porque in vino veritas. *A embriaguês é irmã gemea da loucura. E esta, seja momentanea ou permanente, constitui sempre um perigo para os que não têm a consciência tranquila. A loucura é a pior inimiga da mentira. E não será exagero dizer que as unicas verdades do Mundo são as que saem da boca dos loucos.*

EM 3 LINHAS

Inaugura-se no sábado, ás 18 horas, a sede do Centro de Recreio Popular do Bairro da Calçada dos Mestres, instalada na Rua 7.

///

O major Amílcar da Ressurreição Diogo de Carvalho foi nomeado administrador, por parte do Estado, da Companhia Portuguesa dos Petróleos de Timor.

///

Custará 209 contos a construção da messe de oficiais do Instituto de Altos Estudos Militares, em Pedrouços.

///

O «Diário do Governo» publicou hoje a lei n.º 2.088, que promulga disposições relativas ao despejo requerido pelo senhorio, com fundamento na execução de obras que permitam o aumento do numero de arrendatários, revogando a alínea c do artigo 69 da lei 2030.

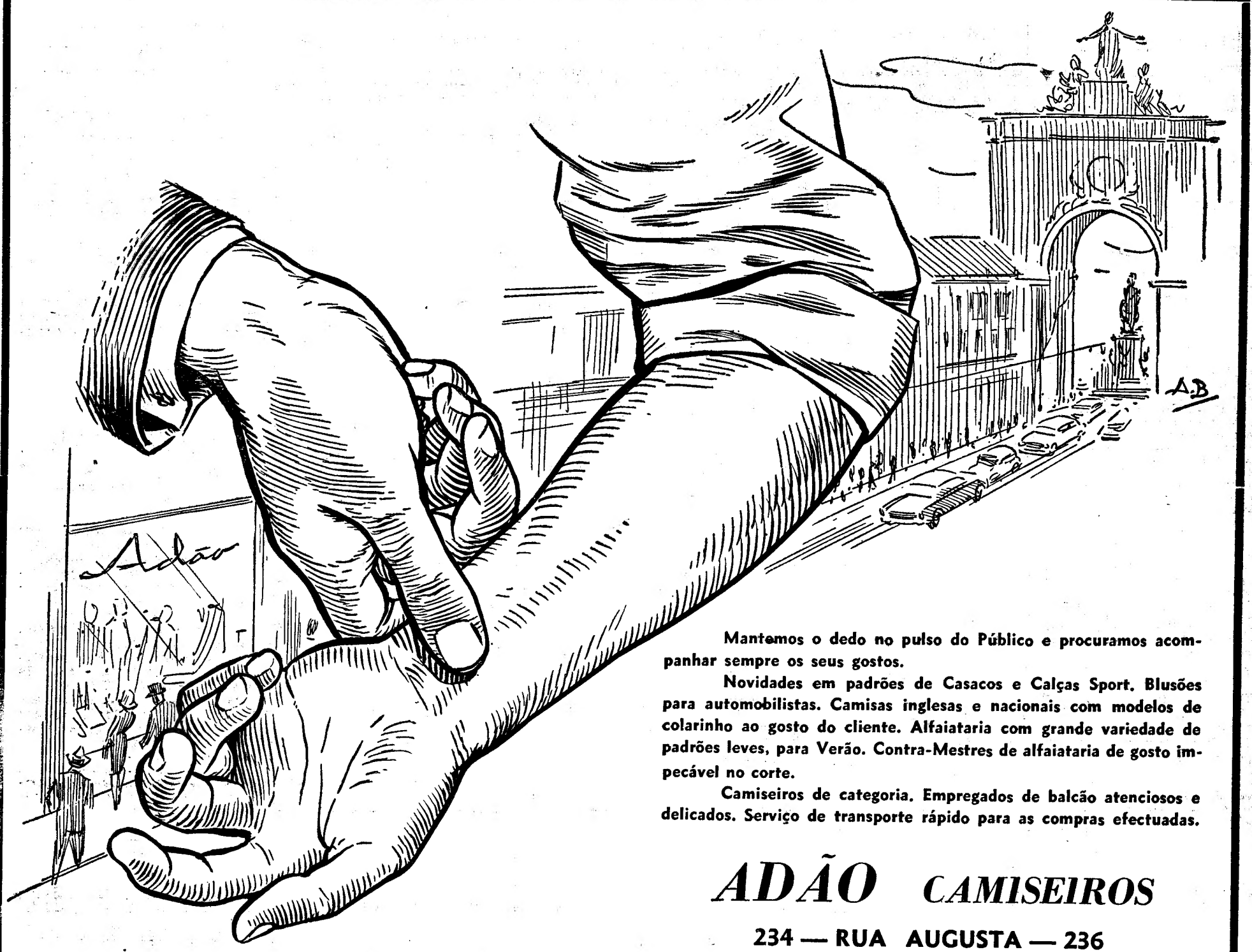
///

Uma portaria determinou que cesse imediatamente o regime de guias de transito relativamente a azeite destinado a auto-abastecimento e pagamento de foros e pensões, devido á «elevada produção da ultima campanha».

A' venda nas drogarias
Representantes exclusivos:
SOCIEDADE PERMUTADORA, S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 190-1.º
Telef. 48141 — LISBOA

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
compra cobrindo todas as ofertas
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta. 253 — Telefone 24564

Pratas
Ouro - Joias - Relógios
Um grande sortido e os melhores preços só no
BARATEIRO DE S. DOMINGOS
R. Barros Queirós, 56



Mantemos o dedo no pulso do Público e procuramos acompanhar sempre os seus gostos.

Novidades em padrões de Casacos e Calças Sport. Blusões para automobilistas. Camisas inglesas e nacionais com modelos de colarinho ao gosto do cliente. Alfaiataria com grande variedade de padrões leves, para Verão. Contra-Mestres de alfaiataria de gosto impecável no corte.

Camiseiros de categoria. Empregados de balcão atenciosos e delicados. Serviço de transporte rápido para as compras efectuadas.

ADÃO CAMISEIROS

234 — RUA AUGUSTA — 236

Hidro-Eléctrica do Douro

S. A. R. L.

RUA DO BOLHÃO, 36 — PORTO

CAPITAL: 165.000 CONTOS

OBRIGAÇÕES DE 5 % — 1956

(2.ª EMISSÃO)

ENTREGA DE TITULOS DEFINITIVOS

Avisam-se os Ex.mos srs. Obrigacionistas de que, a partir do dia 11 do corrente, poderão efectuar a troca das cautelas pelos títulos definitivos (obrigações) representativos desta emissão, nos estabelecimentos de crédito onde efectuaram as respectivas subscrições.

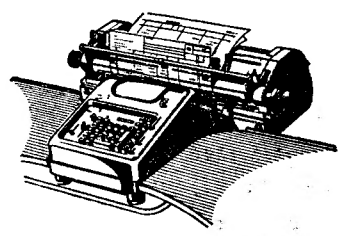
Porto, 4 de Junho de 1957.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Eficex
ORGANIZAÇÃO
AVENIDA JOÃO XXI 4-A
LISBOA

Kienzle
APPARATE
DE VILLINGEN IM SCHWARZWALD
ALEMANHA OCIDENTAL

têm o prazer de convidar os Ex.mos Snrs. Contabilistas, Chefes de empresas, Comerciantes e Industriais a visitar a sua exposição de máquinas e sistemas para contabilidade e organização a funcionar na Exposição do Hospital de Santa Maria de 3 a 30 de Junho das 15 às 23 horas.



Demonstrações por técnicos especializados.

CAFE CORUNA

Restaurante típico
Coruche Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada à Sorraia
Ensopado de Enguias
Lombo de porco ao espeto
Caril à indiana
Lombo de vaca à Coruña

AUTOMOVEIS

novos e usados. Auto-Boavista, Ld. Rua da Boa Vista, 81-B. Telef. 666124. Consulte os nossos serviços.

FEIRA DAS INDUSTRIAS PORTUGUESAS

A C. P. comunica-nos que, no intuito de proporcionar ao publico facilidades para a visita á Feira das Industrias Portuguesas, o prazo de validade dos bilhetes de «fim de semana», é alterado como segue:

Para inicio da viagem de ida:

Desde as 0 horas de sexta-feira, dia 7 do corrente, até ás 12 horas de domingo.

Para inicio da viagem de regresso:

Desde as 12 horas de domingo, dia 9, até ás 12 horas de terça-feira seguinte.

Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica
PREÇOS DE POLICLINICA
Consultas permanentes das 9 ás 21 horas
C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 66 49 91

J. A. Nascimento & Filho, Lda.

Sede em St.ª Maria, Ilha do Sal, Cabo Verde

É convocada a reunião da Assembleia Geral Extraordinária dos sócios desta sociedade para o dia 30 de Junho próximo futuro às 14 horas, no 4.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Rua Nova do Carmo, n.º 80, 2.º andar, em Lisboa, a cargo do notário Sr. Dr. Caetano Nunes, afim de discutir e deliberar sobre o seguinte:

Reintegração e aumento do capital social e o mais que fôr necessário à realização dos mesmos objectivos.

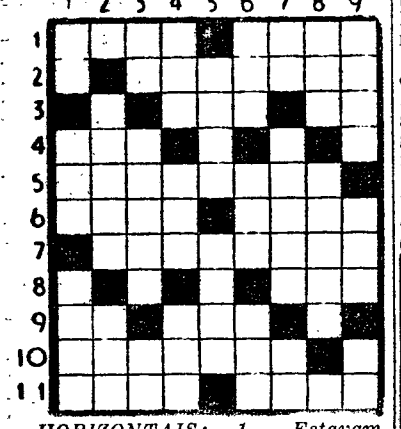
Lisboa, 3 de Junho de 1957.

O Gerente:

Fernando Crespo de Lacerda Ramalhete

Palavras cruzadas

Problema n.º 908



HORIZONTAIS: 1 — Estavam. Cantiga. 2—Apertam. 3—Pronome possessivo. Em o. 4—Camareira. 5—Logro. 6—Rio que separa a Sibéria da Manchuria. Também. 7—Atara. 8—Artigo definido. Pronome possessivo. 9—Reis. Estime. 10—Balela. Tempo do verbo ser. 11—Jarro (planta). Ave de rapina.

VERTICAIS: 1—Preposição. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com a significação de Ah! Oh! Classe de tropas. 2—Assinatura comercial representativa de Sociedade ou Companhia. Ente. 3—Semelhança. Perfume. Em a. 4—Divisão do tempo. Cólera. Amarro. 5—Todas as coisas. Redimi. 6—Altar. Senhor em inglês. Data célebre. 7—Batráquio. Relatos de sessões de corporações. Antes de Cristo. 8—Moeda japonesa. Relativa ao ar. 9—Patrões. Ruim. Símbolo químico do érbio.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 907

HORIZONTAIS: 1—QUEM. Urna. 2—Ur. Ois. Aí. 3—Iscas. 4—Cor. 5—ESTÁ. Aire. 6—Itu. BEM. 7—Saia. Boca. 8—NÃO. 9—Odeia. 10—SE. Era. Al. 11—Amas. MODA.

VERTICAIS: 1—Que Eis. Asa. 2—Ur. Estar. Em. 3—Tui. 4—Mosca. Andes. 5—Iço. Aer. 6—Usaram. Boiam. 7—Ibo. 8—Na. Breca. Ad. 9—Aia. Ema. Ela.

(Provérbio: QUEM ESTÁ BEM NÃO SE MUDA).

«CARVÕES»
Federação das Caixas de Previdência

Praça D. João I, 28 — Salas 402/4
PORTO

Admissão de pessoal

Existindo no quadro administrativo desta Instituição uma vaga de 3.º escriturário, torna-se publico que está aberto concurso, pelo prazo de dez dias a contar desta data, para provimento da referida vaga.

Porto, 4 de Junho de 1957.

A DIRECÇÃO

Ardeu uma barraca

Esta manhã, devido, ao que parece, a uma brincadeira de menores, declarou-se um incêndio numa barraca de madeira que servia de habitação, no Vale do Forno, ao Lumiar.

Compareceu no local do sinistro o pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros, que, sob a direcção do sub-chefe Ferreira, e com o emprego de duas agulhetas, extinguiu o fogo que devorou por completo a referida barraca. Não houve desastres pessoais.

A «Semana das Rosas» na Curia

COIMBRA, 5 — A exposição das rosas nos jardins do Palace Hotel da Curia, recentemente inaugurada e ainda em pujança, continua a ser um dos grandes atractivos daquela famosa estancia, para onde convergem inumeras famílias da região bairradina e do centro do País.

Mantendo uma já velha tradição, o sr. Alexandre de Almeida, conceituado hoteleiro que tanto tem contribuído para o desenvolvimento do turismo no nosso País, ofereceu ali um almoço aos repr antes da imprensa de Coimbra orrespondentes dos diários de Lisboa e Porto.

Ausente em Espanha, onde foi tratar de assuntos para a industria que representa e tanto tem prestigiado, o sr. Alexandre de Almeida fez-se representar por seu filho, sr. Gil de Almeida, seu colaborador a quem foram prestadas merecidas homenagens a que se associaram todos os convivas.

CARRIS

AVISO

IV CIRCUITO INTERNACIONAL DE LISBOA

Serviço extraordinário de autocarros

ITINERARIOS		INÍCIO DOS SERVIÇOS EXTRAORDINARIOS		
		7 de Junho (sexta-feira)	8 de Junho (sábado)	9 de Junho (domingo)
Desterro R. Castilho, junto ao Parque Eduardo VII Portas de Benfica	Cruz das Oliveiras	12 h.	12 h.	10 h.
P. da Figueira Algés P. Afonso de Albuquerque	Parada do Cemitério da Ajuda			
P. da Figueira — Caselas (via Restelo) Algés — Caselas				
Alcantara-Mar R. Castilho, junto ao Parque Eduardo VII	Parque Infantil	13.30 h.	13.30 h.	13.30 h.

Serviço extraordinário de carros eléctricos

ITINERARIOS		INÍCIO DOS SERVIÇOS EXTRAORDINARIOS	
		7 e 8 de Junho (sexta-feira e sábado)	9 de Junho (domingo)
Rossio — Ajuda		—	12 h.
P. Comércio C. Sodré Santos	Ajuda	11 h.	11 h.

São reforçadas as carreiras de carros eléctricos N.os 15-A, 16, 17 e 17-A, de modo a facilitar o transporte dos senhores passageiros que queiram tomar os autocarros em Algés para Caselas, ou em Belém para o Cemitério da Ajuda e Caselas, via Restelo.

Lisboa, 5 de Junho de 1957.

A ADMINISTRAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL DA SOCIEDADE DE EMIGRAÇÃO PARA S. TOMÉ E PRÍNCIPE

E' convocada a Assembleia Geral Ordinária da Sociedade de Emigração para S. Tomé e Príncipe para reunir na sua sede, Largo Barão do Quintela, 3-2.º direito, no dia 19 de Junho, ás 15,30 horas, para apreciação do relatório e contas da direcção e eleição dos corpos gerentes.

Lisboa, 4 de Junho de 1957.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

Companhia Agrícola das Neves

Vasco de Oliveira

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Laura de Oliveira, Vasco de Oliveira Junior, sua mulher e filhos, Maria Augusta de Oliveira, Aires de Oliveira, sua mulher e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade, que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença, seu muito querido marido, pai, sogro, avô, filho, irmão e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 12 horas, saindo da sua residência, Rua Sampaio Pina, n.º 64, 4.º, para jazigo no cemitério de Benfica.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO

D. Herminia Mendes Ramalho Ilharco

FALECEU

Maria Adelaide de Magalhães Ilharco, Francisco de Magalhães Ilharco, mulher e filha, Fernando António de Magalhães Ilharco, mulher e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar á Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, irmã, tia, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da sua residência, Rua Visconde de Santarém, n.º 20, 2.º, Esq., para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

P. N., A. M.

AGÊNCIA SALGADO

Palmira Ramos de Carvalho

FALECEU

Arnaldo de Carvalho, sua esposa e filho, Manuel Ferreira e mais família participam o falecimento da sua muito querida mãe, sogra e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Rua dos Anjos, 45, 3.º, para o cemitério do Alto de S. João.

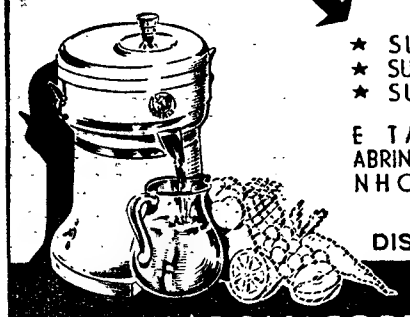
A. G. MAGNO, LD.ª
Av. Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

ASPIRADORES ENCERADORAS

Centrifugador de frutos e legumes

PERMITE-LHE OBTER

TURMIX



★ SUMO DE CENOURA
★ SUMO DE PERA OU MAÇÃ
★ SUMO DE ESPINAFRES

E TANTOS OUTROS, ABRINDO UM NOVO CAMINHO AO NATURISMO

DISTRIBUIDORES GERAIS

MARÇAL CORRÊA, LDA.
R. SERPA PINTO-15 (TELEF: 26076) LISBOA.

PRÉDIOS

POR 800 contos, na Pontinha, isento 6 anos, magnífica construção a render 8 %, rendas de 450$ e 550$, com 8 inq.

POR 800 contos, na Amadora, isento 6 anos, boa construção. bons acabamentos, 3 casas assoalhadas. rendas de 600$00 e 630$00. Facilita 520 contos.

VENDE

PREDIAL RUICAR

Rua de Santa Marta, 27-G, 1.º
Telef. 732662

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, L.da
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA ALTA

GRANDE HOTEL CLUB e BALNEARIO
Abertos de 1 de JUNHO a 30 de Outubro
Informações em Lisboa: Rua do Ouro, 273

Obtêm-se os melhores resultados no tratamento de
BRONQUITES—ASMAS
FLEBITES — CORAÇÃO
e em Renites, Doenças de Pele, Reumatismo Articular e Alterações da Tensão Arterial

FESTA A FAVOR

da construção de uma igreja

Organizada por uma comissão de senhoras, haverá na próxima sexta-feira, ás 17 e 30, no Casino Estoril, uma sessão de cinema, cujo produto se destina a auxiliar a construção de uma igreja em S. Pedro do Estoril. Do programa consta «O pequeno rouxinol», na interpretação do pequeno artista Joselito, sendo a segunda parte constituída por bailados pelas alunas da professora de baile clássico espanhol D. Célia Neves, e ainda por numeros de declamação, por Nèquinha, que dirá a poesia «Exultação á Mocidade Portuguesa», pela recitadora de 7 anos Maria del Carmen Garcia Silva, e por seu pai, sr. Diego Manuel Garcia Ferrando.

Os bilhetes podem ser procurados pelos telefones 061465, 060409 e 061475.

Os membros da U.E.C.

visitaram Conimbriga e Fátima

FÁTIMA, 5. *(Pelo telefone).*—Depois de uma visita ás ruinas da antiga cidade romana de Conimbriga, nos arredores de Coimbra, e de percorrerem Leiria, onde almoçaram, demoraram-se algum tempo na Cova da Iria os membros do Conselho e do Comité Executivo da União Europeia dos Peritos Contabilistas, Económicos e Financeiros (U. E. C.) e da Sociedade Portuguesa de Contabilidade, que estiveram reunidos em Lisboa. Depois da visita á Capela das Aparições e á Basilica, seguiram para a capital, demorando-se algum tempo em Torres Novas e em Santarém.

O PREÇO DO GADO

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 5 — O gado crescido tem baixado muito de preço, com grande pesar dos lavradores que contam com esta fonte de receita para as suas despesas. O preço da carne, todavia, mantém-se elevado.

A freguesia dos Olivais mantém há 71 anos uma filarmónica com fins beneficentes

A freguesia dos Olivais—que outrora era estranha ao concelho de Lisboa — em virtude do plano de urbanização da cidade tem sofrido grandes cortes, com novos arruamentos, sendo alterada a sua anterior fisionomia e transformando-se, em grande parte, numa zona industrial.

No entanto, é ainda nesta freguesia, situada numa das entradas da cidade e num dos seus mais pitorescos recantos, que existem, na via publica, um coreto para concertos e, há 71 anos, uma filarmónica, mantida e creada pela classe operária da localidade, denominada Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense, que neste mês dos Santos Populares está a festejar mais um aniversário da sua fundação.

Há dias, como é tradicional nestas colectividades populares, realizou-se uma sessão solene, á qual acorreram as famílias locais e a que presidiu o seu representante, o presidente da Junta de Freguesia, com a assistência da respectiva federação e de congéneres. Felicitações á velha casa dos Olivais, palavras de incitamento aos filarmónicos pela sua dedicação; louvor aos dirigentes e grande manifestação de apreço ao regente, Sousa Viegas, com a promessa de se iniciar propaganda intensa no sentido de desenvolver a cultura musical e criar novos elementos para a estante, a fim de manter aquele agrupamento. Esteve patente, durante toda a sessão, o carinho, ou melhor, a dedicação que o povo dos Olivais tem por aquele conjunto de indivíduos que, nas horas de ócio — nesta época — se entrega, de alma e coração, á arte musical e, mais, reune as suas esposas e filhas para, em cada aniversário, vestir e calçar crianças pobres da freguesia, tantas quantos vão sendo os anos de existência da sua filarmónica. Para ouvir o concerto musical que, na noite de sábado passado, a sua filarmónica deu no coreto da Praça da Viscondessa, não andaremos longe da verdade ao afirmar que se desabitaram quase todos os lares da freguesia para ouvir o polar programa.

E, como foi esta colectividade que, durante dez anos, presidiu aos destinos da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, onde realizou uma vasta obra de amparo, divulgação e propaganda de todo o meio recreativo português, e como a gratidão é apanágio desta camada popular do nosso povo, o representante da Federação — Domingos Dias Junior — entregou á colectividade o diploma de sócio honorário com que homenageara o seu delegado de então, M. Vaz Ferreira, o qual, entre ovações, o recebeu das mãos do representante da autoridade administrativa que estava a presidir á referida sessão. E, assim, foram homenageados a instituição e o seu delegado.

Notícias da Murtosa

MURTOSA, 3. — A seu pedido, foi exonerado do cargo de delegado do director do Distrito Escolar deste concelho, o sr. Armor Martins de Albuquerque, professor e director da Escola Masculina de Pardelhas; foi nomeado para o substituir o sr. Jaime Torres, professor e director das Escolas Masculinas da Murtosa.

—Pelo Ministério das Obras Publicas foi concedido, á Camara Municipal deste concelho, o subsídio de 18.000$00 para a pavimentação a betuminoso da Avenida 29 de Outubro e ruas da Praça do Comandante Jaime Afreixo, nesta vila.

«A febre da construção de imóveis» é o título da primeira página de «Sempre Fixe» desta semana, da autoria de mestre F. Valença, admirável «charge» á loucura construtiva que se está observando em Lisboa.

Depois vêm outras belas páginas dos nossos melhores humoristas, focando os mais flagrantes acontecimentos da semana, sendo de notar a página da Bola, sempre oportuna e com os melhores comentários.

Curso de divulgação

das leis do trabalho

Promovido pela secção feminina do Sindicato Nacional dos Operários da Industria Ceramica, em cooperação com o Plano de Formação Social e Corporativa, começa hoje, ás 18 e 30, e prosseguirá nos dias 12, 19 e 26, á mesma hora, um curso denominado «Para conhecer as leis do trabalho», com inscrição gratuita e limitada, no qual será divulgada a legislação sobre: férias, faltas, despedimento e indemnização, subsídio de parto, acidentes de trabalho, salários, trabalho nocturno, horas extraordinárias, etc.

Reuniões de curso

Licenciados no I. S. C. E. T.

Realiza-se no dia 10, a reunião dos licenciados em Ciências Económicas e Financeiras do curso de 1945-1949.

Do programa constam: ás 12 e 30, missa por alma dos professores e colegas falecidos, na igreja da Encarnação (Largo do Chiado); ás 16 horas, visita ao Instituto e cumprimentos ao corpo docente; e ás 20 e 30, jantar de confraternização no Restaurante Macau. Quaisquer informações podem ser prestadas pelos colegas drs. A. Varatojo, (Telef. 666834), e M. Martins da Cruz (Telefs. 760791 e 51186).

Bodas de prata de um curso

COIMBRA, 5. *(Pelo telefone).* — Vão reunir-se nesta cidade nos dias 7, 8 e 9 do corrente, para comemorar as bodas de prata da sua formatura, os alunos que se matricularam no 1.º ano da Faculdade de Direito de Coimbra em 1907-1908 e os que frequentaram o 4.º ano em 1931 e 1932 e o 5.º ano em 1932 e 1933, para o que foi pedida autorização ministerial, a fim de que os que são funcionários ou magistrados se possam ausentar do exercício das suas funções, mediante simples comunicação do superior hierarquico. Os que ainda não mandaram a sua inscrição podem fazê-la, mas com urgência, dada a escassez de tempo, para os srs. drs. Manuel Alegre Marta, Palácio da Justiça, Coimbra; Artur Santos Silva, Rua Sá da Bandeira, 260, 2.º, esq.º, Porto; José Osório da Gama e Castro Saraiva de Albuquerque, Procuradoria-Geral da Republica, Lisboa; Fernando Miranda Romariz, Praça da Liberdade, 128, sala 16, Porto; e Eduardo Queirós Botelho de Sousa, Palácio da Justiça, Vila Real.

Visita de enfermeiras

ao hospital de S. José

As finalistas da Escola de Enfermagem Angelo da Fonseca, em Coimbra, visitaram esta manhã as instalações do Hospital de S. José e a respectiva sala de observações,

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

O VERDADEIRO AMOR

Texto integral
do conto de
Théodore de Banville

EM Cannes, num pequeno salão de «villa», cujas janelas, abertas, permitem ver e ouvir cantar o mar azul de ondas de safira, «Miss» Amy, «Miss» Déborah e «Miss» Ellénor, que ficaram sòzinhas enquanto seus pais assistem a uma grande «soirée» em casa de «Lord» Norris, tomam chá, para se distraírem e, principalmente, para se satisfazerem.

Efectivamente, que magníficos e deliciosos mimos se ostentam sobre a toalha russa com figuras bordadas, onde o chá, fumegante, doira formosas chávenas da China, adornadas de monstros inquietadores e ferozes! Caviar, «galantines», saladas russas, aves frias, caça semi-afogada em geleias transparentes, «sandwichs» de língua, de faisão, de lagosta, de todas as coisas possíveis, ali se acumulam a capricho para deleite dos olhos,á sombra de um enorme fiambre, cuja carne encetada desenrola em gamas harmoniosas toda a sinfonia rósea!

Mais rosadas ainda são as três «Misses», todas elas jovens, quase crianças, mas altas e fortes como nereides de Rubens, soberbas, colossais, vermelhas sob os seus cabelos loiros e ruivos, e cujas belas carnes, conscienciosamente sustentadas a bifes suculentos, inspiram ideias de flores e de pêssegos maduros.

Tranquilamente, com continuidade e sem descansarem um minuto, essas virgens felizes repastam-se de codornizes desossadas, de filetes de perdiz e de «sandwichs» infinitamente variados, e, golo a golo, esvaziam as suas chávenas nas quais se vê fumegar o chá da India, tão fina e deliciosamente perfumado—e, além disso, mostrando os seus bonitos dentes carnívoros e espantosamente brancos sob os lábios purpurinos, conversam dos seus amores:

—Sim! é verdade!—diz Déborah—. Continuo a gostar dele, do mesmo modo, do meu querido guarda-marinha Edward Novel, porque é alto como nós, branco e rosado, e sem um pelo de barba. Tem de tal modo os ares de uma rapariga, que, nas ilhas Polinésias, uma rainha quis comê-lo, e a menor brisa insensível lhe desmancha a fina e leve cabeleira. E tu, Ellénor, continuas a estar enfeitiçada pelo teu pianista hungaro?

—Continuo!—diz Ellénor—. Gosto dele por causa do seu ar fatal! A musica prostra-o e abate-o como faria um vendaval. Quando toca, os soluços do piano parecem sair do seu peito despedaçado. Dir-se-ia que ele mesmo é um piano!

«Interesso-me por ele porque, a todo o instante, parece que vai morrer. E é nisso que eu sou muito diferente de Amy, pois ela, sem duvida, o que lhe agrada em «Sir» Williams Sidney é ser esse tenente de Cavalaria capaz de rebentar um cavalo, apertando-o com as pernas, e partir ao meio uma libra com todos os dedos. Mas não é ele o unico que faz esses prodígios de força!».

—Pois também não é por isso que eu o adoro!—diz Amy—. Se fiz dele o meu deus, foi por outro motivo: Tinha-me proibido que continuasse a tolerar a corte de nosso primo Anthony; e, como eu lhe desobedeci, quando me encontrou sòzinha na escada, deu-me uma grande bofetada, a qual me lançou num puro arrebatamento... Porque é assim exactamente que se ama!

Falando desta maneira, «Miss» Amy ergue os olhos para o Céu e torna a beber outra chávena de chá, de doce e penetrante perfume, enquanto «Miss» Déborah e «Miss» Ellénor põem, como uma Andrómeda, a travessa de oiro com brasão, onde reluzia, multicor, a «mayonnaise» fria.

DE LUTO

D. Herminia Mendes Ramalho Ilharco

Faleceu a sr.ª D. Herminia Mendes Ramalho Ilharco, de 86 anos, viuva, natural de Lamego, estremosa mãe da sr.ª D. Maria Adelaide de Magalhães Ilharco, do sr. eng. Francisco de Magalhães Ilharco, professor do Instituto Superior Técnico, e do sr. dr. Fernando Ilharco, director do Centro de Assistência Psiquiatrica da Zona Sul. A extinta era irmã do sr. general Magalhães Ramalho e tia do sr. eng. Magalhães Ramalho, subsecretário de Estado do Comércio e Indústria. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da sua residência, na Rua Visconde de Santarém, 20, 2.º, esquerdo, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

A família enlutada, e em especial, ao sr. eng. Magalhães Ramalho, apresentamos os nossos pesames.

D. Palmira Ramos de Carvalho

Faleceu a sr.ª D. Palmira Ramos de Carvalho, de 80 anos, natural de Angra do Heroismo, viuva, mãe do sr. Arnaldo Carvalho e sogra do sr. Manuel Artur Lopes Ferreira. O seu funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Ld.ª, da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da Rua dos Anjos, 45, 3.º, para o cemitério do Alto de S. João.

Vasco de Oliveira

Na sua residência, na Rua Sampaio Pina, 64, 4.º, faleceu hoje o sr. Vasco de Oliveira, de 63 anos, natural de Terrenho, Trancoso, proprietário. O extinto deixa viuva a sr.ª D. Laura Ferreira dos Santos Dias de Oliveira e era pai do sr. Vasco Aurélio Dias de Oliveira. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 12 horas, da morada acima, para o cemitério de Benfica.

Tenente Almeida Correia

VISEU, 3. — Faleceu na sua casa desta cidade o sr. tenente João de Almeida Correia, de 67 anos, que serviu em Infantaria 14. Deixa viuva a sr.ª D. Isaura Cardoso de Magalhães Correia e era pai do sr. João de Almeida Correia de Magalhães Pessoa e irmão dos srs. cónego dr. José de Almeida Correia, dr. Carlos A. Correia e Julio A. Correia.

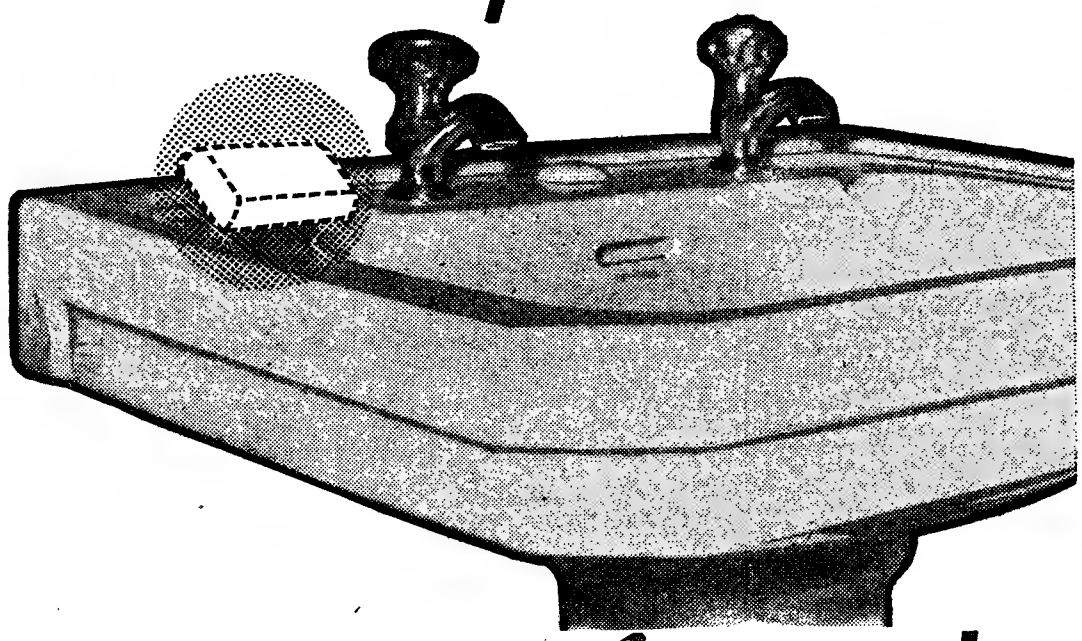
Casa Max

Máq. Escrever
» Fotog. e Barbear.
» para Café e Torradeiras
Televisão — I. S. F.
Fogões, Panelas, Lustres, Candeeiros
FRIGORIFICOS
Carpetes, artigos para viagem.
Vendas a longo prazo.
2-C — Av.ª Praia da Vitória — 2-D

Ouro—Relógios—Jóias—Pratas.
Vendas até 12 meses.
CASA MAX
193-A, R. D. Estefania, 193-B

Já conhece Botelhas?

Falta aqui...



...o seu sabonete!

Mas quando agora comprar... compre o "NOVO" sabonete:

Perfume reune o perfume leve, fresco e jóvem dum "bouquet" florido.
Qualidade mantém-se inalterável e intensamente perfumado até ao fim.
"Toque" a inclusão do "cold cream",* no seu fabrico, produz uma espuma levíssima que transmite à pele um extraordinário "toque" de suavidade e juventude.

Experimente o "tal" sabonete que lhe falta:

MÉLIOR 5$50

Sabonete de luxo

* creme de beleza de excepcional eficiência no rejuvenescimento da pele

ML 780

VIDA MUSICAL

Audições escolares

O Conservatório Nacional promove amanhã, ás 17 e 15, a 28.ª audição escolar do actual ano lectivo, com a colaboração de alunos das classes de piano da professora Ivone Santos, de canto, da professora Ana de Brito Aranha, de violoncelo, da professora Isaura Pavia, de flauta, do professor Luís Boulton.

Vasco Barbosa em Angra do Heroismo

ANGRA DO HEROISMO, 5. — Antes da sua apresentação no Festival Gulbenkian de Musica, o violinista Vasco Barbosa dará um concerto, no salão de musica do Rádio Clube de Angra, numa organização da «Pró-Arte» e sob o patrocinio da Academia Musical da Ilha Terceira. — (A. N. I.).

PASSEIOS E EXCURSÕES

Os componentes da «Tertulia da Avenida das Tílias» seguem no próximo dia 8 para a Costa Nova, onde permanecerão até segunda-feira. O programa do passeio inclui um dia de visita ás Caves Aliança, em Sangalhos.

Restaurante Clementina

Comida puramente Portuguesa
O que há de melhor
Preços muito acessiveis
Rua Jardim do Regedor, 37, 1.º
Telefone 24669

MOBILIAS

Quarto ou C. Jantar, 1.800$ a 3.300$ Rusticas, 2.800$ a 4.000$. Q. Anne, 4.600$ a 6.000$. Fr. Fleis de Deus, 69 ao Camões— Telef 24294.

Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal
SACOR

Capital: 300.000.000$00
Sede em Lisboa, na Rua do Alecrim, 57

Dividendo de 1956 (cupão n.º 19)

Avisam-se os Srs. Accionistas de que se encontra a pagamento, na Sede da Sociedade, no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e no Banco Fonsecas, Santos & Vianna, o dividendo ilíquido de 150$00 por acção, respeitante ao exercício do ano de 1956.

Deduzidos os respectivos impostos, o líquido a pagar é o seguinte:

Acções Nominativas... ...	115$18,9
Acções ao Portador Registadas...	117$26,4
Acções ao Portador... ...	91$46,4

Lisboa, 1 de Junho de 1957.

O CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO

Com café ou sem café beba
BOTELHAS
e ficará satisfeito
é uma Aguardente de categoria

Oferecer aos olhos do turista

o trabalho dos artistas portugueses — eis um meritório objectivo do II Salão da Primavera no Estoril

Sob certa rubrica, tão alvoroçadamente defendida por alguns, a quem caberá porventura a célebre designação de «*the happy few*», e tão desdenhosamente caluniada por teimosa maioria heterogénea, a Junta de Turismo de Cascais abriu o seu *II Salão de Primavera*. E sob essa rubrica—Arte Moderna—, vinte e três artistas, passados pela fieira de juri escrupuloso, aguardam, no nosso primeiro varandim-do-mar, como quem diz no Estoril, os estrangeiros que nos procuram, para lhes dizer como a nossa Terra comunga a hora inquieta, febril, interrogante, que as artes plásticas atravessam aqui e além Atlantico.

Numa saudade que é ainda presença, preside a este recebimento a sombra, a um tempo triunfo e malogro, de Mário Eloy.

E este *II Salão de Primavera* é bem cabido. Não vão dois meses, bem sabemos, depois que Lisboa viu surgir, pontual como data de calendário, no palacete de Barata Salgueiro, o Salão da Primavera da S. N. B. A. Também sob esta ou aquela bandeira de escola, outros certames, nos ultimos tempos, enxamearam por Lisboa. Mas todos, quer falassem da arte sentida á maneira de outrora e de ontem, quer traduzissem a mensagem dum hoje que já se debruça sobre horizontes inexplorados, todos eles foram, no fundo, obra de Português para Portugueses...

Na verdade, afora o coleccionador que, em regra, sabe sempre onde e como, pode acrescentar o seu tesouro de avaro *sui generis*, o turista endinheirado, ao aportar a Lisboa, só esporadicamente visita as exposições plásticas. Se amador das belas-artes, procura os museus, as igrejas. Vai, quando muito, a alguma demonstração da modalidade nas salas do Secretariado Nacional, se a sua estadia adrega de coincidir com ela. Mais nada. A capital absorve-o. O nosso sol, o nosso rio, convidam-no a preferir a natureza á arte — e o estrangeiro sai de Portugal sem conhecer os artistas do País que ficou amando.

Todavia, instalado num hotel de Lisboa, o Americano, o Inglês, o Francês, que buscou a nossa terra não deixa de visitar o Estoril, e, uma vez lá, buscar as instalações da Junta de Turismo, porque isso pertence a hábitos adquiridos nas andanças viajeiras. Do gasalho que lhe seja oferecido ali resultará, indubitavelmente, projecção deveras singular na sua sensibilidade, na opinião que fará da nossa gente, do seu psiquismo, da sua cultura.

Por sua panoramica, comodidades de ambiência social, propaganda entusiástica dos que por ali gozaram sua quinzena de *far niente*, a Costa do Sol é delicioso varandim-do-mar onde o estrangeiro gosta de iludir o tempo. Cabe-lhe, pois, o dever de dar aos nossos hóspedes as imagens justas do momento de progresso e renovação que vivemos e, entre elas, a do actual momento artístico, no que ele tem de mais afim com o hermetismo da pintura de hoje.

Este II Salão de Primavera veio em seguimento á deliciosa vénia prestada, com selecta e formosa colecção de gravuras, á graça e realeza de Isabel II de Inglaterra. Levando-o a efeito, o dr. Augusto de Esaguy, que á Junta de Turismo de Cascais vem presidindo com tão elevado sentido de actualidade, oportunidade e critério estético, fez com que esse organismo se desempenhasse duma elevada missão, bem a dentro do ambito espiritual do verdadeiro turismo: apresentar a quem nos visita os Artistas Novos de Portugal, no que esta palavra «novo» comporta de exaltação nobre e saborosa variedade. E se, como dizia, em carta ao seu amigo Soulier, esse vencedor caluniado e incompreendido que se chamou Delacroix, «a pintura é a vida», bem nos parece que, a quem nos mostra apreço procurando-nos, ofereçamos mais que hospitalidade: dêmos um pouquinho do reflexo da nossa vida.

Assim acontece agora — esta Exposição da Junta a pôr em contacto com os nossos hóspedes os pintores modernos.

*

O certame apresenta quatro géneros: óleo, escultura, guacho, aguarela, desenho, gravura. Mais numerosa a contribuição do óleo, onde «Meninos na Varanda», de Alice Jorge, fica na retina do visitante e com boa recomendação. Entre os trabalhos de Dordio Gomes — uma das pedras brancas desta exposição — avulta o «Gadanheiro», onde o drama do trabalho requinta de expressão. Hansi Staël dá-nos, á sua maneira muito pessoal, uma «Construção de Barcos». Mais imperativo de sugestão do que esclavismo a realidade do tema, as telas de João Hogan, especialmente a rotulada com o numero oito.

Sentido de abalada, dramático e intenso, nos «Ritmos» de José Julio. António Quadros, a dizer como sabe imaginar a realidade. Louro de Almeida, a dar coincidência a certos processos cromáticos de hoje com alguma frase dos canones de ontem.

Em Mário de Oliveira, sobre o arcaboiço dum desenho sábio, uma pintura veemente, toda modernidade e intenção.

Seguindo a ordem do catálogo aparece, depois, Nikias Scapinakis, com certo «Poente» dado em singeleza de tonalidade, e com «Mulher», a confidenciar-nos uma sensibilidade de bebida em ancestralidades arredias de nós. No seu «óleo» a acordar-nos em choque de sensações, Nuno Siqueira é um dos gritos mais expressivos desta parada. E em expressões variadas na impressionante unidade da nossa legenda piscatória, esse artista de comando que assina Julio Pomar. Sintético, quase brutal no seu processo figurativo, Ruy Filipe. Vermelhos luminosos, uma árvore noivando, soliloquios de luz, a «Primavera», de Sá Nogueira. E em outro polo, com dois trabalhos de estrutura linear, geométrica, a dar á recta posição de senhorio, Waldemar da Costa, que na «Composição B» nos insinua fino sabor ascético, sussurro de voz monástica.

Mas a escultura, embora em reduzido numero, também dá boa conta de si.

Maria Barreira, num «Barro Cozido», honra os seus créditos. António Duarte oferece «Escultura decorativa» de seguro quilate. Martins Correia traz-nos a presença de nosso Irmão brasileiro, Olegário Mariano, e merece que lhe agradeçamos. Pereira da Conceição não consente que se passe despreocupadamente perante a sua «Máscara de bronze».

Na guacho, um «Nu» de Alice Jorge; dois aspectos lisboetas, de Hansi; de Nikias Scapinakis, impressiona «Mulher no Campo» — realização que ressuma, desconcertantemente, violência e nostalgias.

Na aguarela apresentou-se Valadas Coriel. Harmonia de linhas, movimento. Lembramos «Cavaleiro» e «Bacante».

Julio desenhou, lá no seu remanso alentejano, quatro curiosos cartões. Mário de Oliveira segreda-nos: «Olhe este desenho... Merece a pena; Martins Correia diz-nos como vê e transfere aos outros, mesmo quando não esculpe. E o catálogo da Exposição encerra-se com o registo da gravura: Bartolomeu Cid a mostrar-nos que há nele um gravador por temperamento; Milly Possoz, numa produção á altura do seu nome de há muito firmado.

E no entanto não é tudo... Quem percorrer a Exposição parará, forçosamente, diante de certo quadro estranho, vigoroso, falando num estilo pictural estuante de dramatismo. Há ali pesadelo; ansia inconformada; arrebatamento emocional; *reverie;* e toda a força do símbolo. Pintou-o Mário Eloy. Projecta-se na Sala a sua sombra, perturbante e desmedida.

E foi assim, em sucinto resumo, esse *II Salão de Primavera*, da Junta de Turismo de Cascais.

Quem nos visitou neste Maio passado pôde contactar com a maioria dos artistas que representam entre nós a falange da Arte Moderna. E a propósito da diversidade, da rebeldia, do inconformismo que lateja á flor desses trabalhos a que vimos de fazer referência, vem-nos á lembrança certa passagem de Baudelaire, numa revolta contra a sujeição ao jugo das regras em arte: «O próprio belo desapareceria da Terra, visto que todos os tipos, todas as ideias, todas as sensações se confundiriam numa vasta unidade, monótona e impessoal, imensa como o tédio e como o nada. A variedade, condição *sine qua non* da vida, seria apagada da vida. Isto é tão verdade que nas multiplas obras de arte há sempre algo que se escapará eternamente á regra e ás análises da escola.

DR.ª ADELAIDE FÉLIX

Peregrinação pela Itália

(Continuação da 3.ª página)

tragados pelo implacável siroco africano. Enfim, para Oeste, fica o da Concórdia, um dos mais bem conservados da antiguidade porque serviu de igreja na Idade Média sob a estranha invocação de S. Gregório dos Nabos! Também dórico, as suas 34 colunas de 6 metros e 80 estão ainda de pé com as suas arquitraves e frontões. Dentro da colunada, foi construida a capela cristã. Perto existem catacumbas cristãs que datam do II séc. da nossa era.

Seguem-se as ruinas do Templo de Hércules, com 38 colunas de 10 metros, que teve uma estátua de Esculápio depois levada para Palermo, onde se encontra. Entre este templo e o de Jupiter, fica a Porta Aurea da cidade, que tinha mais quatro, sendo por ela que os Romanos penetraram em 210 A. C.

Vem a seguir o templo também em ruina de Jupiter, elogiado por Polybio e descrito por Diodoro. Foi começado no V séc., mas nunca foi acabado. Tem 38 colunas de 16 metros e 80 de altura e 6,5 de circunferência. No frontão e nas métopas estava representado o combate dos deuses e dos gigantes e a tomada de Troia. Em 1401, o conjunto era ainda importante. Hoje, porém, grande parte dos materiais desapareceu, tendo sido empregado na construção do cais de Agrigento...

A pouca distancia o arqueólogo Cavallari fez levantar quatro colunas dóricas do Templo de Castor e Pollux, de 6 metros e 45 de altura. Nesta ruina vêem-se ainda restos de estuque e antigas pinturas.

O guia, linguista especializado em arqueologia, fazendo citações de Pindaro, Virgílio, Dante e Chateaubriand, diz-nos não acreditar que os monumentos caissem por efeito dos terramotos, mas sim por decreto do imperador cristão Constantino, que ordenou a destruição dos templos pagãos, e a prova é que os que foram adaptados para capelas cristãs foram poupados, como o da Concórdia.

Terminada aqui a interessante visita aos templos gregos, partimos para Siracusa por Gela e Piazza Armerina.

O poeta Franz Borsellino dedicou a Agrigento versos de que traduzo as estrofes seguintes:

Belo é o florido val agrigentino.
Além dos calmos bosques d'amendoeiras
A aura brisa do glauco mar
Freme.

Por entre colunas d'antigos templos
Belas imagens de louras driades
com nativos faunos, em lânguidas danças,
Se enlaçam.

AMADEU FERREIRA D'ALMEIDA

Kelvinator

PODEROSA E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DE RENOME MUNDIAL DE REFRIGERAÇÃO ELECTRICA PARA O LAR

1957-1958

8.2 pés cúbicos = 232 litros

DE CLASSICAS LINHAS DE IMPRESSIONANTE BELEZA

DE APROVEITAMENTO TOTAL DE TODA A SUA CAPACIDADE DE ALTO A BAIXO

DE TÉCNICA INSUPERAVEL

num conjunto de real valor, harmónico e utilitário, mantendo assim de direito o seu renome mundial.

Preço SENSACIONAL
Escudos 8 990$00
CORRENTE 220 V SEM TRANSFORMADOR

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Almeida & Viana, Ld.ª — R. Flores, 94
Alvo — R. José Falcão, 57-A
Casa José Costa — R. S. Paulo, 11
Construtora Frigoríficos — R. Acácio Paiva, 21
Electro Luminosa, Ld.ª — R. Alves Torgo, 127-B
Freijota, Ld.ª — Av. Liberdade, 136-A
J. E. Moreira — R. Prior Crato, 33
Onda Eléctrica — R. S. Pedro Alcantara, 47
Rádio Moçambique, Ld.ª — R. Cavaleiros, 72
Sabel — Av. Praia Vitória, 1-B
Soter — Rua 1.º Maio, 70
Vapedrone — R. Vitória, 54

e nas Companhias Reunidas Gás e Electricidade—R. Garrett, 2—R. Boavista, 39

Agentes gerais: A. C. Torres Fernandes—Rua S Paulo. 142—Tel. 26021/2, 24535, 20474—LISBOA

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGACÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«UIGE» 14 de Junho	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 9 de Junho.
«AMBOIM» 29 de Junho	Com escala por **Leixões**, para: **Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 27 de Junho.
«PÁTRIA» 6 de Julho	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.** Carrega em Lisboa até 2 de Julho.
«BENGUELA» 26 de Julho	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé (se necessário), Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town (se necessário), Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.** Carrega em Lisboa até 24 de Julho.
«UIGE» 27 de Julho	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 23 de Julho.

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de passagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» 31 de Julho AS 12 HORAS — Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**

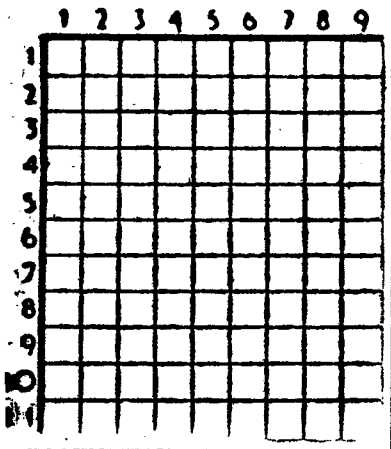
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» 8 de Junho
«VERA CRUZ» 25 de Junho AS 16 HORAS — Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Port Everglades (Miami).**

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 30131/8
PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — T. 23342

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS
NOVA MODALIDADE
Problema n.º 1916



HORIZONTAIS: 1—Serra de Portugal entre o Tamega e o Cávado. 2 — Limpara metais. Viração. 3 — Mofa. Pandega. 4 — Claridade. Gracejam. 5 — O sono das crianças. Deusa. 6 — Símbolo químico do césio. Porém. Post scriptum. 7—Atilho. A mim. 8—Planta hortense cujo bolbo serve de condimento culinário. Aqui está. 9—Quelhas. O mais. 10—Artigo definido. Espaço de oito dias consagrados a uma festa religiosa. 11 — Tostaras.

VERTICAIS: 1 — Botequim. Pregos para ferradura. 2 — Estéreis. Rio de Portugal. 3 — Nota musical. Satélite de Júpiter. A ele. 4 — Raspa. Medulas. 5 — Prega. Rio de Portugal. Gemidos. 6 — Vila do concelho de Vila do Bispo. Pronome demonstrativo. 7 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Nota musical. Parecença. 8 — Nome de mulher. Sopesava. 9 — Sinais ortográficos hoje abolidos da nossa língua. Pelos de certos animais.

Solução do problema n.º 1915

HORIZONTAIS: 1 — Trocadero. 2— Darei. 3 — Ide. Ano. 4 — Pé. Pio. Ar. 5 — Piora. 6 — Persiga. 7 — Vê. Aça. Gá. 8 — Agi. Rim. 9 — Lota. Eira. 10 — Urano. 11 — Ri. Asa. Pó.

VERTICAIS: 1 — Taipa. Valor. 2 — De. Pego. 3 — Ode. Pé. Itu. 4 — Cá. Pira. Ara. 5 — Arriosca. As. 6 — De. Oriá. Ena. 7 — Eia. Ag. Rio. 8 — Na. Agir. 9 — Oporá. Amago.

EFEMÉRIDES

O dia 5 de Junho é o de S. Fernando de Portugal, o Infante Santo.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Central do Lumiar—R. do Lumiar, 77, Tel. 779480; Cartaxo—Aven. da Igreja, 2-C, Tel. 776358; Nova Lisboa—R. Guilhermina Suggia, 12, Sítio de Alvalade-Areeiro, Tel. 727721; Avis—Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Alcantara — Avenida da Republica, 74-A, Tel. 771379; Cosmos — Avenida João Crisóstomo, 44-C, Tel. 40592; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 13, Tel. 47385; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Pinto — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 391185; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 28032; Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 849351; Eusil — Rua Barão de Sabrosa, 104, Tel. 841912; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Matos — Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101/A, Tel. 48888; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A, Tel. 46427; Janeiro — Avenida Alvares Cabral, 100 — ao lado do Liceu Pedro Nunes — Tel. 661453; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 26, Tel. 662857; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; S. Jerónimo — Rua dos Jerónimos, 8-C, Tel. 638916; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 868291; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A, Poço Novo, Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Silmar — Rua de S. Lázaro, 128, Tel. 42829; Costa — Praça da Figueira, 6-B/C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31531—A—.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 45, Cançonetas portuguesas; 21, Noticiário; 23 e 50, Noticiário; 0, Fecho.

Programa «A»—Ás 19, Concerto pelo Sexteto de Cegos; 19 e 20, Palestra da série «Defesa Nacional»; 19 e 30, Álbum musical; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Novidades em discos; 20 e 40, Jornal do ar; 21 e 15, Varanda da Europa; 21 e 30, 4.º acto da ópera «Traviata», de Verdi, cantada no Cine-Teatro da Covilhã; 22, O 10.º aniversário do Auxílio Americano á Europa, alocução do ministro da Presidência; 22 e 15, Teatro das comédias: «O Melhor dos Maridos», de Maria Irene Dionísio; 22 e 55, Fantasia musical; 23 e 20, Danças.

Programa «B»—Ás 19, «Quarteto em ré menor», de Schubert, pelo Quarteto Barchet; 19 e 45, «Fantasia n.º 2», de Bela Bartok, em piano, por Andor Foldes; 19 e 50, Noticiário regional; 20, «Sinfonia Antárctica», de Williams, por orquestra e coro Hallé, pelo soprano Rischie, sob a direcção de John Barbirolli; 20 e 40, Trechos de óperas, de Mozart; 21 e 20, Vida e obra de Bach, pelo prof. Simões Dias; 21 e 50, Triptico; 22 e 10, Concerto, pelo Quinteto de Instrumentistas de Sopro; 22 e 40, Programa eventual; 23 e 35, Musica de camara («Sonata op. 1 n.º 10», de Haendel, para violino e cravo, por Alfredo Campoli e George Malcolm).

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Fados e guitarradas; 18 e 30, Motivos portugueses; 18 e 45, Se a vida se lembrar de mim; 19, Meditação e musica; 19 e 30, Jornal; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 45, Solistas; 21, Passatempo; 22 e 32, Companheiros da Alegria; 23 e 15, Concerto; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Solistas; 0, Talismã apresenta: boa-noite e bons sonhos — Estrelas da meia-noite; 0 e 15, Talismã; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

Estação de Miramar—Ás 18 e 15, Brasil; 18 e 30, Um homem na escuridão; 18 e 45, Conjuntos vocais; 19, Repetição do programa leitura; 19 e 15, Orquestras ligeiras; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Ritmos e melodias; 20 e 30, Programa Philips; 20 e 45, Musica de Espanha; 21, Noticiário, (em colaboração com a E. N.); 21 e 15, Acordeões; 21 e 30, Vamos contar uma história; 22, Companheiros da Alegria; 22 e 45, Melodias; 23, Programa de concerto: «Sinfonia n.º 2, em ré menor, op. 10», de Dvorak, pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Ferdinand Leitner; 23 e 30, Trechos recreativos; 0, Ritmos de baile; 0 e 30, Encerramento.

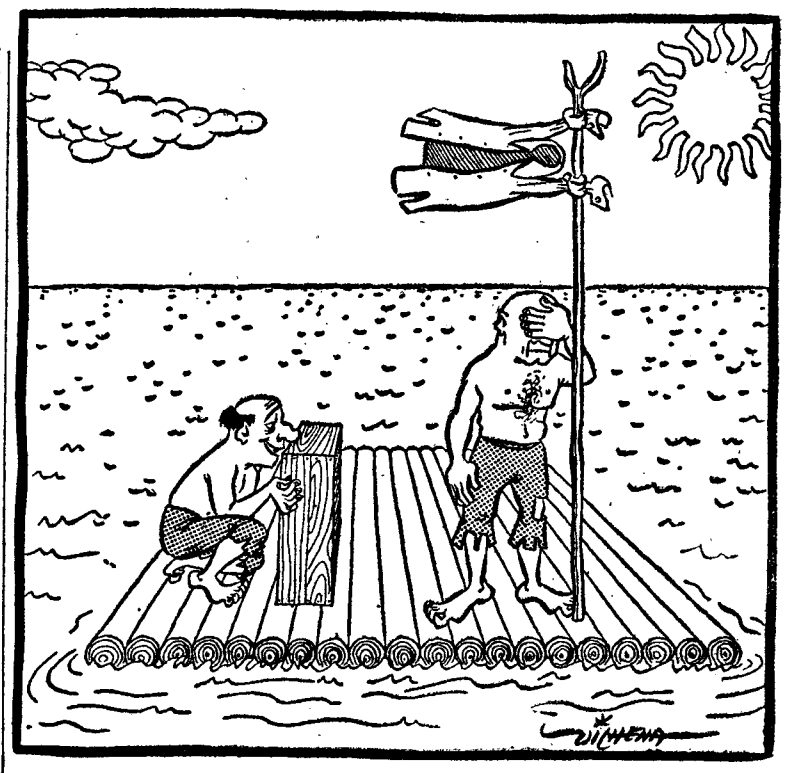
RÁDIO RENASCENÇA—Ás 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Eventual e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Tangos; 19 e 45, Palestra pelo inspector António Leal; 20, Cançonetas portuguesas; 20 e 15, Reis do Ritmo; 20 e 30, 2.º noticiário e guitarradas; 20 e 55, Meditando; 21, Variedades; 21 e 30, Lugares a concurso; 21 e 35, O guitarrista Laurindo de Almeida; 21 e 45, Hit Parade; 22 e 25, Êxitos em parada; 22 e 45, Noticiário e boletim meteorológico; 23, Cançonetas europeias; 23 e 20, Selecções; 23 e 40, Orquestras e canções; 0, Encerramento.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 22, Rádio Graça; das 22 á 1, Rádio Peninsular.

TELEVISÃO

Ás 21 e 30, Abertura da emissão; 21 e 33, A Exposição Canina Internacional: apresentação de alguns exemplares de raças escolhidas — programa organizado pelo Clube dos Caçadores Portugueses com comentários por mr. William Foster, eng.º Frederico Ooom, dr. António Cabral e dr. John de Mascarenhas; 22, Alocução de S. Ex.ª o ministro da Presidência, prof. Marcelo Caetano, sobre «O décimo aniversário do auxílio americano á Europa»; 22 e 5, Reportagem da partida para o Brasil de S. Ex.ª o Presidente da Republica; 22 e 10, Noticiário e actualidades nacionais e internacionais; 22 e 30, «O Livro de Deus e o Livro do Homem», por mons. Miguel de Oliveira — que conversará com o dr. Manuel dos Santos Estevens, director da Biblioteca Nacional, sobre a Exposição Biblíca; 22 e 45, O filme brasileiro «Meus oito anos»; 22 e 55, Musica e artistas: a pianista Nella Maissa interpretará o «Alegretto Grazioso» de Armando José Fernandes, a «Dança de Clat», de Pick-Mangiogalli; e o «Alegro bárbaro» de Bela Bartok: 23 e 5, Ultimas notícias; 23 e 10. Fecho da emissão.

O SR. PASCOAL



— Já pode !

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10.....	929$50	929$00	930$00
Cons. 3 % T. 10	969$50	969$00	970$00
Cons. 3 1/2 % T. 10...	1.017$00	1.016$00	1.018$00
Centenários 4 % 1940	2.310$00	2.308$00	2.315$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	987$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	985$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	985$00	—
Ext.ª 1.ª série car. ...	—	1.197$00	1.205$00
Externo 1.ª série	—	1.197$00	1.205$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext.ª 2.ª série car. ...	—	1.180$00	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext.ª 3.ª série car. ...	1.385$00	1.380$00	1.390$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	—	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 % ...	—	—	520$00
Norte de Portugal 5%	—	—	110$00
Gás Elect. 3 3/4 % ...	947$00	946$00	950$00
Gás Elect. 4 %	970$00	969$00	971$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	1.000$00	999$00	1.000$00
Gás Elect. 5 %	—	—	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	90$00	91$00
U. E. P. 4 % 1945 ...	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948 ...	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951 ...	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952 ...	—	—	—
Metropolitano	—	1.012$00	1.015$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	465$00	460$00	470$00
Angola	—	838$00	900$00
Espirito Santo... ...	—	—	—
Lisboa & Açores	—	—	3.720$00
Portugal	—	2.225$00	2.240$00
Ultramarino...	—	1.960$00	1.985$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial...	—	650$00	658$00
Nacional...	—	—	—
Sagres	—	1.900$00	—
Tagus	—	—	5.000$00
Soberana	—	1.2000$00	—
C.ªs Ultramarinas			
Ag. Cassequel	1.910$00	1.905$00	1.912$00
Ag. das Neves	—	850$00	900$00
Agric. Colonial...	665$00	660$00	670$00
Açucar de Angola.. ...	—	2.680$00	2.700$00
Boror...	485$00	482$00	488$00

C.ªs Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Cabinda...	—	370$00	380$00
Cádá...	4.450$00	4.440$00	4.450$00
Colonial do Buzi	338$00	337$00	339$00
Ilha do Principe... ...	—	1.960$00	—
Incomati..	—	3.750$00	3.900$00
Moçambique..	161$00	160$00	161$00
Zambézia..	195$50	195$00	196$00
Diamantes T 100	—	725$00	—
Lobito T 10...	—	2.620$00	2.680$00
C.ªs Diversas			
Cimentos Tejo...	—	570$00	590$00
Cimentos Leiria	—	481$00	485$00
Crédito Predial	—	48$00	49$00
Industrial Aliança.. ...	310$00	310$00	315$00
Portugal e Colónias ...	—	402$00	405$00
Nacional Navegação...	1.700$00	1.695$00	1.705$00
Colonial Navegação ...	1.050$00	1.050$00	1.070$00
Port. de Celulose	—	2.400$00	2.5000$00
Portuguesa de Pesca....	—	1.715$00	1.730$00
Port. de Tabacos	499$00	499$00	500$00
Tabacos de Portugal...	720$00	715$00	725$00
Sacor	—	—	—
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934 ...	—	250$00	—
Aguas Lisboa 1936 ...	—	—	—
Electr. das Beiras	—	1.440$00	—
Gás e Electricidade ...	294$00	293$50	294$00
H. Alto Alentejo	—	147$00	148$00
H. E. Cávado	—	1.360$00	1.370$00
H. E. Zêzere	—	1.370$00	1.385$00
Nac. de Electricidade...	1.400$00	1.395$00	1.405$00
União Elect. Port.ª ...	—	225$00	227$00

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul	76$75	77$75
Alemanha	6$77	6$92
América:		
Dólares de 1 e 2...	28$30	28$60
Dólares de 5 a 20...	28$60	28$90
Dólares de 50 a 1000...	28$70	29$00
Argentina	$69,5	$73,5
Bélgica	$56,3	$57,3
Brasil...	$37	$40
Congo Belga	$55,3	$56,3
Dinamarca...	3$95	4$25
Espanha...	$54,8	$56,3
França...	$06,85	$07,05
Holanda...	7$40	7$65
Inglaterra	78$25	79$25
Itália...	$04,5	$04,7
Marrocos	$06,8	$07,2
Noruega...	3$80	4$10
Suécia...	5$30	5$60
Suiça...	6$68	6$78
Uruguay...	6$75	7$45
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	283$00	293$00
Portugal — Barra	32$30	32$90
Portugal — Barra Fino	32$70	33$20

PINTO de MAGALHÃES, LDA.
BANQUEIROS
Capital e reservas: 45 milhões de Escudos
Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos.
Títulos e cupões
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
LISBOA: Rua do Ouro, n.º 95/99 — Tel. 30777/79
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53 — Tel. 20134/36
PENICHE — FÁTIMA — AMARANTE — ARCOS

J. BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papeis de crédito
TELEF. 21273

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental o vento é fraco de vários rumos e o ceu está pouco nublado. Há nevoeiro em vários pontos do Norte do litoral Oeste do continente por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a Norte da Peninsula.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 14°; Penhas Douradas, 16°; Lisboa e Funchal, 19°; Faro, 26°.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Ceu pouco nublado, tornando-se muito nublado gradualmente a partir da tarde de hoje no litoral Oeste do continente. Vento fraco de direcção variável e nevoeiros na faixa costeira ocidental. Temperatura sem alteração apreciável.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

VARIEDADES—A's 20,45 e 22,45—«Há horas felizes».
APOLO — 21,45—«A... Respeitosa».
MARIA VITÓRIA—A's 20,30 e 22,45—«O João Valentão».

CINEMAS

TIVOLI—«O espirito e a carne».
SÃO LUIS—«Um beijo ao morrer».
POLITEAMA—«A lenda da estátua nua».
EDEN — «Uma noite e cinco destinos».
SÃO JORGE—«Para sempre felizes».
IMPÉRIO—«O homem do braço de ouro».
ROMA—«Tótó na televisão».
ALVALADE—«UM beijo ao morrer».
CONDES — «Nunca houve amor maior».
COLISEU—«Capitão Africa».
ODEON—«A mulher das camélias»
MONUMENTAL—«A verdade e o medo».
AVIS—«Nunca houve amor maior».
JARDIM—«Garras de mulher».
CAPITOLIO—«A Terra em perigo».
TERRASSE—«Duelo no deserto».
RESTELO—«A ultima caravana».
PROMOTORA—«O tesouro de Pancho Vila».
OLIMPIA—«O sete léguas».
IDEAL—«Castigo de mulher».

Em SETUBAL o «Diario de Lisboa» vendido pelo Sr. Augusto Carlos, Irmão, Ld.ª.

A viúva de Mussolini teria recebido parte do tesoiro de Dongo

PADUA, 5.—No recomeço das audiências do julgamento do «Oiro de Dongo» (o famoso tesoiro de Mussolini), o tribunal tentou esclarecer, ontem, alguns pontos referentes á maneira como foram conduzidas operações de cambios de divisas estrangeiras confiscadas por altura da captura dos dirigentes fascistas. Muito contraditórios, os depoimentos tornaram impossível conhecer exactamente a importancia das dividas que foram negociadas em Milão.

Uma curiosa testemunha, um tal Stefano Rossi, que fora encarregado pelos aliados de dirigir um inquérito sobre a origem de numerosas notas falsas postas a circular na Primavera de 1945, disse que os comunistas teriam criado duas imprensas clandestinas e com as notas fabricadas teriam sido indemnizados os portidários e suas famílias. Os comunistas teriam conservado, também, em seu poder a parte essenciál do famoso tesoiro de Dongo.

Rossi afirmou que, contráriamente ao que fora afirmado, anteriormente, os Americanos nunca tentaram apossar-se do oiro de Dongo. Os aliados limitaram-se a entregar a Rachel Mussolini parte dos bens pessoais que pertenceram a seu marido. Disse que Rachel Mussolini recebeu além de uma maleta com três quilos e meio de oiro, seis pequenos sacos cheios de jóias e brilhantes. Contudo, as testemunhas que invocou para comprovarem esta entrega á viuva de Mussolini já morreram. — (F. P.).

A posição da «Falange»

na política espanhola

LEÃO, 5.—O secretário-geral do Movimento Solis falando no acto inaugural duma nova sede do partido, disse que se enganam os que julgam que a «Falange» deve dar lugar a outra situação política em Espanha.

«A «Falange» — afirmou — é um Movimento de princípios vigentes, actuais, e sem ela não terá a Espanha salvação possível» — concluiu, apelando para a adesão de todos os Espanhóis.—(Efe).

A's 16 e 30

Pflimlin renunciou

PARIS, 5 — Pierre Pflimlin renunciou ao encargo de formar Governo.

O presidente Coty encarregou Guy Mollet de formar novo Gabinete. — (F. P.).

A EVOLUÇÃO DA CRISE FRANCESA

Pflimlin comunicará hoje a sua resposta definitiva ao presidente da República

a todos os grupos nacionais. Na sua maneira de ver, o programa que elaborou constitui um imperativo absoluto ao qual não poderá, de forma alguma, renunciar. Deu alguns esclarecimentos sobre o seu programa financeiro e indicou que o Parlamento deveria votar os textos, a fim de impor, por meio de um certo numero de «travões», um dispositivo de segurança ás despesas publicas.

Declarou, também, que pediria a votação para uma modificação do regulamento da Assembleia Nacional, que permitiria opor-se a qualquer projecto que incluisse despesas que não fossem compensadas por economias.

Depois de indicar que teria hoje, de novo, uma ultima conferência com a delegação dos independentes, Pflimlin afirmou:

«De qualquer forma, irei, esta tarde, ao Eliseu, dar uma resposPARIS, 5. — Pflimlin declarou ter recebido certo numero de respostas afirmativas dos seguintes grupos políticos: Centro Republicano, U. D. S. R., Independentes do Ultramar, Partido Camponês e Esquerda Democrática do Senado.

Os radicais da Rue Valois, devem reunir-se, hoje, antes de darem a sua resposta afirmativa, e a comissão directiva e o grupo parlamentar da S. F. I. O. reunem-se, também, de manhã. Pflimlin receberá hoje, novamente, a delegação socialista, provávelmente, ao começo da tarde.

O presidente do Conselho indigitado reafirmou que de modo nenhum poderá afastar-se da posição expressa na nota entregue ontem ta definitiva ao presidente da Republica». — (F. P.).

Os socialistas não colaboram, mas apoiam Pflimlin

PARIS, 5. — A delegação socialista, cuja comissão directiva e respectivo grupo parlamentar terão, hoje, nova reunião, avistou-se, durante a noite, com Pierre Pflimlin, e, no final da conferência, publicou a seguinte declaração:

«No estado actual das negociações entre o presidente do Conselho designado e os diversos grupos políticos, e dadas as incertezas quanto acolhimento reservado ás propostas apresentadas pelo Partido Socialista, o «comité» directivo e o grupo parlamentar não podem dar um parecer favorável á participação no Governo, mas no desejo de assegurar o funcionamento das instituições republicanas, formulam, desde já, um parecer favorável á investidura de um Governo presidido por Pierre Pflimlin». — (F. P.).

A decisão socialista

PARIS, 5. — Anuncia-se que o Partido Socialista decidiu, por 74 votos contra 22, não participar no Governo que Pflimlin se propõe organizar, mas manifestando-se favorável á investidura daquele político no referido cargo. — (F. P.).

A missão m..ar portuguesa em Espanha

MADRID, 5.—O governador militar desta cidade, general Rodrigo, ofereceu um banquete ao governador militar de Lisboa, general Valente de Carvalho, e aos oficiais que o acompanham, durante o qual lhes foram entregues as insignias das condecorações com que acabam de ser agraciados pelo Governo. Assistiram ao banquete, que decorreu no melhor espírito de camaradagem e com troca de afirmações de amizade entre os representantes dos Exércitos dos dois países, o embaixador de Portugal, dr. José Nosolini; o capitão-general Muñoz Grande e os adidos militar e naval á embaixada portuguesa.—(Efe).

O auxílio militar americano à Espanha

WASHINGTON, 5.—«A Espanha, que é fortemente anticomunista, ocupa, com Portugal, uma posição estratégica de grande importancia» — salientou o general John S. Guthrie, director da Repartição dos Negócios Europeus da Secretaria de Estado, ao depor perante a Comissão Senatorial das Relações Externas, sobre o auxílio militar dos Estados Unidos á Espanha.

Revelou que no Orçamento de 1957 foi incluida a verba de 50 milhões de dólares para equipamento militar destinado ás forças armadas espanholas.—(A. N. I.).

O GOVERNADOR MILITAR DE LISBOA EM ESPANHA — O general Valente de Carvalho, acompanhado pelo embaixador Nosolini, durante a visita de cumprimentos que fez ao Chefe do Estado Espanhol

A POLÍTICA DO GRUPO LESTE

Bulganine e Kruchtchev vão tratar na Finlândia dos problemas comuns

HELSINQUIA, 5.—Pela primeira vez desde a crise hungara, no Outono, Bulganine e Kruchtchev serão recebidos por um Governo estrangeiro. Partirão, hoje, de Moscovo e devem chegar aqui na sexta-feira, ficando como hóspedes do Governo da Finlandia, durante uma semana. Aproveitando a oportunidade para afirmar que as boas relações fino-russas ilustram bem as vantagens da neutralidade e provam a possibilidade da coexistência de regimes sociais diametralmente opostos.

Ao aceitar o convite da Finlandia, os dirigentes russos informaram o presidente Kekkonen de que desejavam dar á sua visita um carácter não só oficial como de significação política. Assim, durante a sua permanência em Helsínquia, realizar-se-ão negociações diplomáticas.

A delegação soviética é excepcionalmente importante, pois inclui o ministro dos Negócios Estrangeiros, Gromiko; o subsecretário de Estado da Defesa, Malinine; o ministro da Agricultura, Mikailov, e o subsecretário do Estado do Comércio Externo, Kumikine. É, pois, certo que se vão abrir os grandes «dossiers» da política internacional e que serão, igualmente, abordadas as questões militares, ao mesmo tempo que as relações comerciais russo-finlandesas.

Há todas as probabilidades de que os visitantes russos reafirmem a sua posição no que se relaciona com o desarmamento e as experiências nucleares, talvez tornando-a mais precisa, á luz dos acontecimentos.

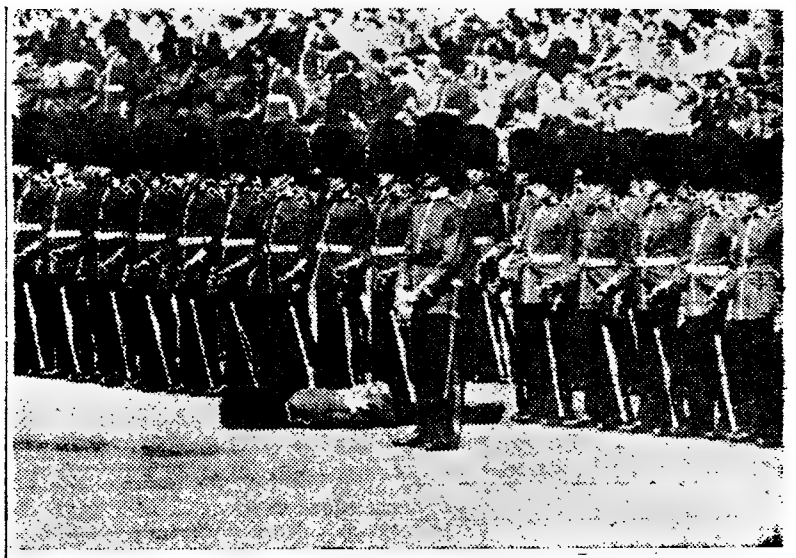
Conservar-se-á secreta, no entanto, uma grande parte das conversações entre os dois países. Os dirigentes soviéticos dão grande importancia á conquista da Finlandia para a tese internacional que defendem, pois há a possibilidade de o Governo de Helsinquia fazer parte, ao lado das nações escandinavas, do conselho Nórdico, que será consultado, por exemplo, antes da Dinamarca e da Noruega adoptarem as armas atómicas.

Contudo, a política finlandesa está já definida e é inalterável. O presidente Kekkonen não se desviará da linha traçada pelo seu predecessor Paasikivi: a Finlandia manterá a sua neutralidade, embora continue a cultivar relações de boa vizinhança com a Russia, e salvaguardará a sua independência política e económica.—(A. N. I.).

Resposta negativa de Washington à nota soviética sobre o Médio Oriente

WASHINGTON, 5.—Confirma-se, de origem segura, que o Governo responderá com uma rejeição cortês, antes do fim desta semana, á nota russa sobre o Médio Oriente, de 19 de Abril. Consta que as três potências ocidentais chegaram, há dias, a acordo quanto ás directrizes das suas respostas á referida nota, que serão idênticas mas separadas, e decidiram informar do seu teor os outros países da N. A. T. O., antes de entregarem as respostas em Moscovo.—(F. P.).

CIGARROS
ALBANY
Filtro "AYLON"



Erectos e garridos como soldados de chumbo, os Horse Guards perfilam-se para a Rainha na sua parada anual. Um deles, exausto e febril, abateu-se no terreiro. Mas nenhum outro se debruça para ele, para que as fileiras não se quebrem. Será levado depois numa maca e reanimado. Mas a parada não foi empanada no seu... brilho

Ultimas notícias

Seis terroristas indianos foram mortos em Goa

GOA, 5. — Um comunicado oficial informa que os três terroristas abatidos no recontro de Zuna Maulinguem foram identificados como sendo Bapu Ramcrisna Boto, Crisna Goncai e Camlacanta Sirodcar. Todos haviam já tomado parte em acções de terrorismo que causaram vitimas, no nosso território.

Outro comunicado informa que na madrugada de 4 do corrente um grupo de cinco terroristas, que, através da floresta, procuravam internar-se na União Indiana foi surpreendido, na região de Nirancaldabal, por uma patrulha da Polícia. Como se recusassem a entregar-se, foi aberto fogo do que resultou ficarem feridos três deles que faleceram, a caminho do hospital, tendo os dois restantes desaparecido na floresta. Os três terroristas mortos foram identificados como sendo: Rajarama Sacarama Sinai Quencro, Ladu Naique e Dulo Mar. O primeiro, em poder do qual foram encontradas algumas notas indianas e documentos comprovativos de que residia, habitualmente, na União Indiana, era um dos mais perigosos bandoleiros que actuavam no nosso território, onde tomou parte em vários atentados que causaram vitimas bem como os dois restantes. — (L.).

Apreensão de contrabando

na fronteira do Sabugal

SABUGAL, 5.—(Pelo telefone).— Pelo alferes Vasco Marcial Damião Figueira, comandante da secção da G. N. R. da Guarda, e pelo sargento Costa e Silva, comandante do posto nesta vila, foram apreendidas, na freguesia de Alfaiates, 8 cabeças de máquinas de costura, no valor de 4.000$00, passadas aos direitos.

Ataques de piratas

nas águas de Macau e Hong-Kong

HONG-KONG, 5 — Canhoneiras comunistas chinesas patrulham a foz do rio das Pérolas, á procura de barcos piratas que atacaram navios entre Macau e Hong-Kong.

Passageiros aqui chegados hoje vindos de Macau, declararam ter visto navios comunistas patrulhando aquelas paragens e que avistaram, também, três canhoneiras britanicas entre Macau e Hong-Kong. — (F. P.).

Comércio da China

com os países do Benelux

HAIA, 5 — A Holanda está em consultas com os dois outros países-membros do Benelux (Bélgica e Luxemburgo) sobre o levantamento do embargo á exportação de mercadorias para a China Continental—segundo foi revelado, ontem á noite, nesta capital.

Interrogado sobre o assunto, um funcionário do Ministério da Economia declarou que, em face dos estreitos laços que ligam as três nações do Benelux, não era aconselhável que se tomasse uma decição unilateral. — (A. N. I.).

Mónaco

A Gerência deste Restaurante comunica aos seus Ex.mos Clientes que para os almoços de amanhã, dia 6, se encontram todas as suas mesas reservadas.

Diario de Lisbôa

SUPLEMENTO ESPECIAL AO N.º 12.391 DE 5 DE JUNHO DE 1957

DEDICADO À COLONIA PORTUGUESA DO BRASIL

POR OCASIÃO DA VIAGEM DO PRESIDENTE CRAVEIRO LOPES

General Craveiro Lopes, presidente da Republica portuguesa

Portugal e Brasil

na hora comovente

do grande abraço no Atlântico

No momento em que Portugal e o Brasil se preparam para reafirmar a sua indestrutível e cada vez mais íntima amizade, os comerciantes e industriais portugueses do Rio de Janeiro saudam sua excelência o general Craveiro Lopes e o Presidente Jùscelino Kubitschek de Oliveira, verdadeiros símbolos da grandeza e vocação histórica das duas Pátrias irmãs.

Dr. Kubitschek de Oliveira, presidente da Republica brasileira

A Confiança
de
Castro, Lebrão & Cia. Ltda.
Uruguaiana, 79

■

Adolpho Gomes de Souza & Cia.
Uruguaiana, 89/91

■

A Imperial
de
Silvestre José Simões e Eduardo Alijó
Rua Gonçalves Dias, 56

■

Almeida, Comércio e Industria de Ferro, Ltda.
de
Anibal Soares Abrantes
Delfim de Almeida Pinho
José Ribeiro de Paiva
e
José de Sá Reis
Rua dos Arcos, 28 a 42

■

Américo Aires & C.ª, Lda.
Rua Carolina Meyer, 24

■

Arthur Sobral
Importação e Exportação, Ltda.
Av. Rio Branco, 52-8.º

■

A. Tavares & C.ª
Rua do Mercado

■

Augusto Barbosa & C.ª Lda.
Cereais em geral
de
Augusto Barbosa
Augusto Alves da Silva
Jayme Alves Barbosa
Rua Acre, 78

■

Banco Irmãos Guimarães S. A.
Rio—Salvador-Recife

■

Banco Predial do Estado do Rio de Janeiro
Niterói

■

Carvalhal, Companhia Tecidos S. A.
de
Aventino Fernandes da Silva Lage
e
Joaquim Fernandes Bordalo
Rua da Alfandega, 91 e 250

Casa Camilo Mourão, Importadora, Ltda.
Fundada em 1885
Rua do Ouvidor, 15 a 19 e Rua do Mercado, 24

■

Casa José Silva, Confecções S. A.
3 — Rua Miguel Couto — 5

■

Casa José Silva, Tecidos, S. A.
Rua Visconde Inhauma, 58

■

Casa Madeira, Araujo Couros Ltda.
de
Francisco António Madeira,
Augusto José Madeira
e
Ricardo António Freire
Rua Buenos Aires, 249

■

Casa Nossa Senhora do Carmo
de
Geraldo J. Almeida
Rua Uruguaiana, 76 — Rio

■

Casa Nunes Martins, Lda.
Exportação e Importação
6 — Largo de Santa Rita — 8

■

Casa Soares, Bebidas
Rua do Senado, 217

■

Casas Huddersfield S. A.
de
Manuel da Cunha Júnior
Rua dos Andradas, 58

■

Companhia de Calçados Fox
de João Ferreira Braga
Rua Mendonça, 9

■

Confeitaria Colombo
de
França & Cia. Ltda.

■

Empresa de Águas São Lourenço S. A.
de
Attila Carvalhaes Pinheiro
Rua S. Bento, 24

■

Fábrica de Carrocerias METROPOLITANA S. A.
de
João da Silva e Waldemar Francisco Moreira
Rua João Pizarro, 515
Av. Brasil, 9955

F. Ramos & C.ª
Rua Buenoos Aires, n.º 175

■

Fábrica de Chocolates Patrone S. A.
de Narciso Basto, Narciso Basto Filho
e Nelson Basto
Rua da Lapa, 10-12

■

Grillo, Paz & Cia.
Importadores, Exportadores e Industriais
de
António Augusto da Paz
Julio Ribeiro Grillo Junior
José Augusto de Carvalho
e
Alberto Virgilio Dias
Sede em Niterói, 75—R. S. Lourenço—77
» no Rio de Janeiro, 64—R. Acre—66

■

José Osório Tecidos S. A.
Rua da Alfandega, 53

■

J. R. Pires
Av. Presidente Wilson, 188

■

Mundo das Tintas
de
F. Ramos & Cia.
Rua Buenos Aires, 175

■

Oliveira Leite (Louças), Ltda.
Importação e Exportação
Praça Monte Castelo, 32

■

Perfumarias Lopes, Industria Comércio S. A.
Praça Tiradentes, 34-38

■

Seabra & Cia. — Tecidos S. A.

■

Souto, Martins & Costa, Ltda.
Tecidos e Confecções em geral
Rua do Teatro, 5-1.º

■

Tecidos Custódio Fernandes S. A.
Casa fundada em 2 de Agosto de 1889
Rua do Ouvidor, 11

■

Vieiras de Castro, Comércio e Industria S. A.
Rua Arquias Cordeiro, 285

■

Xarqarroz Comissões e Representações
Rua do Acre, 29

Na página anterior: a imagem de grandeza extraordinaria e empolgante com que o Rio de Janeiro se oferece ao viajante em sua demanda

MAGNÍFICA BANDEIRA DE PRESTÍGIO

O Liceu Literário Português

abriga à sombra da sua meritória influência

além de Portugueses e Brasileiros, alunos de todas as nacionalidades

No Liceu Literário Português, funciona o Instituto de Estudos Portugueses, onde, no ano corrente, foi fazer a lição inaugural o académico dr. Gustavo Barroso, que falou de «A ideia imperial, na História de Portugal e do Brasil»

O Liceu Literário Português nasceu — nó dizer de Afranio Peixoto — para «dar instrução a crianças da terra, sem indagar da nacionalidade, da raça, da classe, do partido. Sobretudo, dando sem receber: assistência gratuita ao espírito. Obra de Portugueses, aperfeiçoando crianças brasileiras. Benditos sejam eles, esses nossos Pais, que ainda cuidam de nossos filhos!».

Nasceu da dissidência do Retiro Literário Português e teve início confuso e tormentoso. Começou por criar cursos gratuitos, nocturnos, para alunos de todas as nacionalidades, vindo a sofrer crises sucessivas, tal a deficiência de numerário para fazer face ás despesas de manutenção das aulas.

Fundado por iniciativa de Rocha Cabral, em 24 de Agosto de 1869, transformou o espírito que presidia ao retiro, ampliando a assistência, que era dada ali, exclusivamente aos Portugueses analfabetos, como era então a grande maioria dos emigrantes — para abrir as suas portas a todos quantos quisessem aprender.

Em 1880, quando da celebração do terceiro centenário de Luís de Camões, Martins de Pinho (Conde do Alto Mearim), lançou as bases da recuperação financeira da instituição que, desde então, caminhou em direcção ao seu destino, ampliando-se e tornando-se no que hoje é — sem favor — uma das mais maravilhosas obras de cultura erguida pelos Portugueses em território brasileiro.

Apesar do saneamento financeiro de 1880, não viveu o Liceu em mar de rosas, pelo contrário, atravessou más fases, como a gerada pela falência do Banco da Republica, em 1898, que reduziu os seus rendimentos a menos de um quinto durante cerca de 14 anos, quando o comendador Sá e Gama o lançou de novo, na linha de prosperidade com a venda do edifício da Prainha, empregando o dinheiro assim adquirido na efectivação da compra do imóvel da Rua Senador Dantas, onde hoje se encontra.

Chamas destruidoras

Há, no entanto, como que uma predestinação das obras lusas no Brasil: poucas não terão sofrido os efeitos sinistros das chamas. E o Liceu Literário Português não fugiu a esse destino, sofrendo os efeitos de pavoroso incêndio que destruiu totalmente, as suas instalações, grandes e preciosas bibliografias e obras de arte, pacientemente acumuladas através de toda a sua admirável existência.

Os homens que o dirigiam demonstraram, então, férrea vontade e, lutando contra uma série de dificuldades, foram capazes, de dominar todas as contrariedades e alcançaram o triunfo sobre a desgraça, escrevendo o feito glorioso que se perpetua nas linhas sóbrias e harmoniosas do actual prédio de dez andares que substituiu as instalações devoradas pelas chamas, em 31 de Maio de 1932. Coube a glória desta conquista ao comendador José Rainho da Silva Carneiro, nome que ficou, pela sua decisão no momento difícil, ligado indissoluvelmente á história deste monumento de cultura portuguesa construido no coração da capital da Republica do Brasil.

O que faz o liceu

Para que se tenha ideia da obra empreendida pelo Liceu Literário em favor da educação e da cultura da mocidade do Brasil, basta que se apontem os cursos que mantém.

Sem receber auxílio oficial, quer do Governo do Brasil, quer de Portugal, á excepção da isenção do imposto predial que lhe foi concedido pelo decreto que o considerou de utilidade publica, pelos assinalados serviços prestados ao país, havia recebido até 1950, nada menos de 22.794 Brasileiros, 14.436 Portugueses, 578 Espanhois, 329 Italianos, 73 Alemães, 111 Franceses, 35 Paraguaios, 31 Uruguaios, 42 Argentinos, 8 Marroquinos, 3 Escoceses, 4 Belgas, 1 Grego, 4 Polacos, 43 Ingleses, 4 Africanos, 7 Austríacos, 3 Japoneses, 16 Norte-americanos, 8 Suiços, 2 Chilenos, 41 Sírios, 50 Árabes, 5 Russos, 2 Bolivianos, 1 Hebreu, 2 Turcos, 1 Sueco e 1 Arménio, num total de 38.635 homens, isto sem enumerar os que passaram pelos seus bancos no período de 1869 a 1874.

Cursos mantidos

Mantém, o Liceu Literário Português, vários cursos especializados, sem abandonar a sua razão de ser que é, primordialmente, a alfabetização dos menos favorecidos pela fortuna.

Assim, a par da instrução primária a que se vincula o curso de alfabetização de adultos, reunindo cerca de sessenta por cento dos matriculados, possui, ainda, cursos de Comércio, Dactilografia, Náutica, de Arte de Dizer e Interpretação Teatral, Desenho e Pintura.

Alunos que vão dos 13 anos á mais avançada idade frequentam as suas aulas e aprendem a servir o Brasil, amando Portugal.

Educação cívica

Procurando incutir nos seus alunos o amor ás coisas e causas nobres, dedica-se o Liceu Literário Português a assegurar o culto das grandes figuras da história, dos símbolos e padrões históricos, aproveitando as datas de relevo nacional para reunir alunos e mestres em conferências patrióticas, tarefa de que se desempenharam frequentemente os grandes vultos da política, ciência e das artes.

Pedro Alvarse Cabral, em cada ano, é homenageado, indo sempre os corpos docente e discente do Liceu, depor flores no sopé do seu monumento, numa das mais belas praças do Rio de Janeiro.

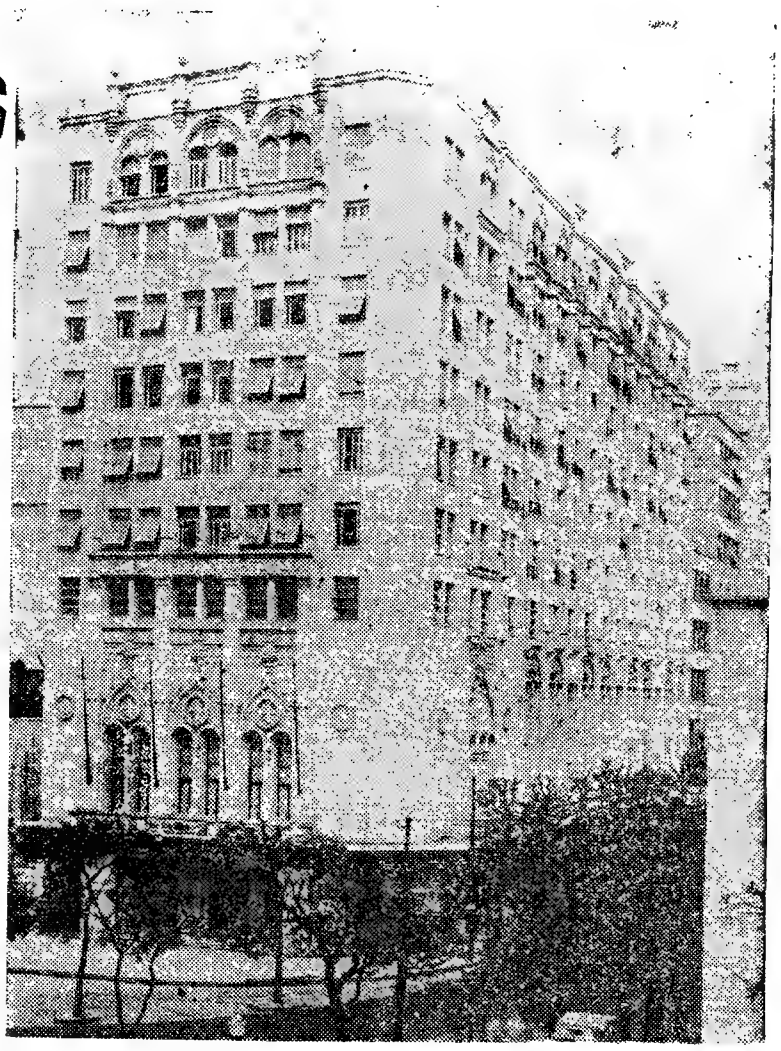
Em linhas gerais, esse poderia ser o resumo do que representa a obra do Liceu Literário Português na diva da mocidade brasileira. Mas a sua acção exerce-se permanentemente em profundidade.

Ao encerrarmos esta reportagem, rápido bosquejo sobre a grandiosa obra, nada melhor que deixar falar vozes mais doutas e autorizadas que visitaram as suas dependências e sentiram o esforço dos que a realizaram.

Albino Sousa Cruz, presidente da Federação das Associações Portuguesas no Brasil, do Conselho da Colónia e do Real Gabinete Português de Leitura, assim se expressou, quando em Agosto de 1944, travou contacto com a realidade da obra, para ele, até então desconhecida: — «*Aqui, na verdade, se comprova o que pode a acção dos homens quando norteados pelos nobres ideais da solidariedade humana e da compreensão mutua. Bem pode orgulhar-se José Rainho da Silva Carneiro ao rever, neste monumento de cultura —, a perseverança do seu esforço infatigável, da sua orientação criteriosa de muitos anos, das suas qualidades bem portuguesas de fidelidade a um nobre propósito e a um elevado ideal. Aqui fica, pois, a minha sincera saudação a todos quantos nesta casa trabalham para o êxito brilhante e cada dia renovado que ela nos oferece: Candido de Oliveira, com seu dinamismo e dedicação de todos os instantes, o corpo docente que tanto relevo e prestígio dá ao Liceu Literário Português e que tão devotadamente realiza a missão de valorizar a cultura nacional e, finalmente, a centena de alunos que concorrem, com a sua juventude e ansia de saber, para que esta casa magnífica seja uma das mais altas expressões da cultura luso-brasileira na terra abençoada do Brasil*».

E, para concluir, as palavras do dr. Pedro Vergara, chefe do Gabinete do Presidente da Republica de então, dr. Getulio Vargas, já desaparecido: «—*E' assim que o Liceu Literário Português, está, desde 1868, há 76 anos, ajudando os Brasileiros a construir o Brasil do Futuro, cooperando, com a sua inteligência, com a sua generosidade, com o seu carácter, com o seu dinheiro, para que se forme, aqui, no chão livre da América, uma Pátria que seja um estuário da humanidade — em que não haja desigualdade de classes, nem ódios de religião, nem preconceitos raciais*».

Nenhumas outras palavras poderiam dizer, tão expressivamente, que representa o Liceu Literário Português como as proferidas pelo conferencista e homem de letras brasileiro.



O majestoso edifício do Liceu Literário Português ergue-se no Largo da Carioca, defronte do pitoresco «Tabuleiro da Baiana», em cujas imediações se registou o feito sensacional da sua transformação da noite para o dia. Efectivamente, em menos de doze horas o largo apareceu com árvores frondosas, canteiros floridos, sem faltar, sequer no arranjo do conjunto, uma murmurejante cascata luminosa, com os respectivos bancos repousantes á volta. Obra dos serviços impecáveis da Prefeitura, o facto encheu de admiração a gente carioca

Em realidade, o Liceu Literário Português une pelo cérebro e prende, pelo coração, o Brasil a Portugal.

A DIRECÇÃO DO LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS — Da esquerda para a direita: José Gonçalves Moreno Borlido, tesoureiro, da freguesia de Portuzelo, concelho e distrito de Viana do Castelo; comendador João de Figueiredo Sucena, procurador, da freguesia e concelho de Águeda, distrito de Aveiro; Felix dos Santos Pimenta, 2.º secretário, da freguesia da Sé, concelho de Lamego, distrito de Viseu; comendador Evaristo Alves, vice-presidente, da freguesia de Lara, concelho de Monção, distrito de Viana do Castelo; comendador José Rainho da Silva Carneiro, presidente, da freguesia e concelho de S. João da Madeira, distrito de Aveiro; dr. Vítor de Campos Côrtes, 1.º secretário, do Estado de Sergipe, Brasil; António Eduardo da Silva Cravo (barão de São de Loureiro), da freguesia de Loureiro, concelho de Oliveira de Azemeis, distrito de Aveiro, e Candido de Oliveira, secretário-geral, da freguesia de Sinfães do Douro

Contribuição da Imprensa

para a união indissolúvel

Por HERBERT MOSES

(presidente da Associação Brasileira da Imprensa)

Geográficamente, só um mar separa Portugal e Brasil e um mar que os Portugueses venceram e arrotearam como terra de lavradio porque nele tinham de plantar a semente do Brasil, chave do seu destino como realização do seu intrépido sonho imperial. Mas sentimentalmente não há fronteiras. O Brasil começa nas faldas da Serra da Estrela e nas margens do Guadiana, e Portugal vem acabar nas barrancas do Paraguai e do Paraná. A's vezes, um coração brasileiro agasalhado com emoção e carinho em terras de Portugal ou um coração português que se sente tão em casa na afectuosa acolhida com que o recebem nos confins do Brasil como se estivesse na sua aldeia, surpreende-se com as diferenças que as leis, a história e a política teimam em estabelecer dentro de tamanha identidade.

É que essa união profunda, que vem do sangue e a inteligência aceita e exalta, constitui coisa tão surpreendente, aventura tão estranha nas relações entre os povos, afasta-se tanto dos roteiros comuns das intrigas, das rivalidades, das invejas, dos conflitos entre as nações, que os homens ainda não a puderam penetrar em toda a sua extensão e ajustar-lhe as instituições e as praxes políticas.

Desde que há história, não viu ainda o Mundo relação tão íntima, tão espontâneamente natural e tão orgânica entre os dois países, a tal ponto que é impossível ser Brasileiro sem amar Portugal de um amor em que só há admiração e enternecimento.

O ensejo da visita do Presidente Craveiro Lopes ao Brasil é ainda mais afortunado porque vem consagrar nos actos e instrumentos diplomáticos que se anunciam o início do reconhecimento formal des-

(Continua na 15.ª página)

Por uma política luso-brasileira

Artigo de João Neves da Fontoura

Além dos principios de paz, de proscrição da guerra de conquista, de respeito á soberania de outros povos, pode dizer-se que duas são as principais constantes da politica externa do Brasil: o culto do pan-americanismo e a estreita vinculação com Portugal. Cada qual emana de razões diferentes. Uma, da geografia, e diz respeito sobretudo á segurança militar; outra, dos laços de parentesco e da certeza de que, embora Estados diferentes, constituimos naturalmente uma comunidade bi-nacional.

Mais de uma vez tenho exposto os pontos de vista da chancelaria brasileira a respeito da nossa integração com o pan-americanismo.

Nesta oportunidade, quando estamos todos festejando a vinda de Sua Excelência o Senhor Presidente da Republica Portuglesa, é áquele segundo aspecto da politica externa do Brasil que me vou especialmente referir.

A POLITICA com Portugal não chegou a ser uma política. É um acto de família. Ninguém faz política com os pais ou os irmãos. Vive com eles, na intimidade do sangue e dos sentimentos. Nas horas dificeis, cada qual procura apoio e conselho nos seus. Sem regras. Sem tratados. Sem compensações. Pela força do sangue.

Entre os povos, a situação não muda muito na substancia. Apenas reveste o carácter juridico de actos internacionais, sujeitos ás disposições do direito público interno de cada país. Mesmo entre os países fraternos.

Nossa politica com Portugal, em principio, nunca mudou, apesar da separação de 1822. Os pequenos atritos, que tivemos, foram incidentes passageiros. Também entre os irmãos há birras e discussões, sem prejuizo da estima reciproca.

Até 1914, nossas relações mútuas não ultrapassavam, porém, os limites afectivos, históricos e culturais. O Mundo, que precedeu a primeira guerra, era em realidade muito diferente. Duas grandes concentrações internacionais se faziam face na Europa: a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente. Os outros contavam pouco para elas. Mesmo o poderio dos Estados Unidos foi subestimado por um lado e outro. O resultado foi o que se viu. Creio que os dois descontaram suas esperanças sobre o «isolacionismo» norte-americano.

É claro que o Brasil e a América Latina não constituiam objecto nem mesmo de cogitações dos estados-maiores diplomaticos e militares. A razão desse descanso residia — penso eu — numa idéia preconcebida, que os acontecimentos desmentiram: a de que a guerra entre as duas alianças seria uma coisa tão terrivel que duraria poucas semanas. Não daria tempo á intervenção de ninguém mais. Durou quatro anos e arrastou em seu vórtice todos os continentes. Tal, como um quarto de século depois, na segunda e trágica experiência de força.

De qualquer modo, a paz interina de 1919 criou condições internacionais completamente novas na convivência dos povos. Os pequenos passaram a ter uma certa importancia.

O BRASIL, que tomou armas, já na I Guerra, depois dela voltou-se muito para Portugal. Nossos contactos foram mais profundos e frequentes. Ambos tinhamos sido beligerantes. A idéia de uma politica atlântica desenhou-se com nitidez nas duas margens do oceano. Entre Portugueses e Brasileiros as antigas rixas amorteceram. O jacobinismo do tempo de Floriano havia feito suas provas, sem vantagem. O Português foi sendo considerado um Brasileiro que nascera na velha metrópole, mas tão bom cristão desta Pátria como os que aqui viram a luz. Dois homens de letras — o Português João de Barros e o Brasileiro João do Rio — fizeram a campanha da reaproximação com tanto brilho e êxito que ela preparou o dia de hoje. Honra seja a ambos: um, já morto, outro, grande ancião, saboreando depois dos setenta anos os frutos de uma inspirada semeadura.

A II GUERRA ia abrir caminho a um entendimento mais profundo e de carácter eminentemente politico entre Portugal e Brasil. Eis o curioso resultado de uma posição aparentemente contraditória, no conflito: o Brasil beligerante e o Portugal neutro. Mas a contradição era apenas de forma e fruto da situação geográfica diversa. No fundo, estávamos do mesmo lado. A qualquer dos dois só podia interessar a vitória de quem soubesse respeitar a soberania das Nações e os principios da civilização, que nos é própria. O Brasil, atacado, e em consequência de seus compromissos continentais, fez a guerra. Portugal, não atacado, e militarmente fraco, face aos imperialismos agressores, conservou a neutralidade, sem quebra de confessar *ab initio* sua fidelidade á aliança com a Grã-Bretanha e a amizade com o Brasil.

Terminada a luta, aniquilados os bastiões nazi-fascistas, a reconstrução do Mundo sofreu o impacto de uma situação paradoxal: os vencedores estavam, entre eles, mais divididos do que em relação aos vencidos! É que na linha dos vencedores se encontrava a Russia Soviética, cuja politica só se inspirou em suas necessidades e seus objectivos ideológicos. Fez acordo com Hitler, quando este parecia o mais forte e capaz de dominar as democracias ocidentais. Ligou-se a estas, quando as armas nazi-fascistas se voltaram contra Moscovo.

Aniquilado o inimigo comum, Estaline retomou as linhas de sua politica dirigida para a revolução universal. Daí, uma nova subdivisão, e, práticamente, apenas duas grandes potências militares frente a frente: os Estados Unidos e a Russia. Estes doze anos do *post bellum* não têm sido outra coisa além de um constante desafio entre ambas. Não houve paz. Há uma guerra permanente no campo politico, e até com episódios militares, como a Coreia e o Médio Oriente. Os novos reagrupamentos se tornaram inevitáveis, á luz dessas realidades.

A POLITICA de aproximação entre Brasil e Portugal vinha sendo feita progressivamente. Vargas, na chefia da Nação, sempre manifestou por ela um interesse particular. Ficou proverbial certo despacho dele numa petição não muito fundada de um Português. Deferiu-a, nestes termos: «Sim, por ser Português».

Quando fui para Lisboa, em 1943, levei o propósito de iniciar gestões que acentuassem, de modo particular, o espirito de comunidade luso-brasileira. Minha acção diplomática não teve outra caracteristica mais acentuada. Fazendo a politica do meu pais no tocante aos interesses de sua posição no quadro da guerra, tratei de dar sentido construtivo á amizade entre Portugal e Brasil. Nem sempre fui bem compreendido. A Alemanha tinha partidários em Portugal, e a acção e muitas palavras do embaixador do Brasil foram por vezes envenenadas como se tendessem a aluir os alicerces da neutralidade lusitana, o que nunca esteve nas cogitações dos aliados. Inteiramente ao contrário. Mas isso é uma outra história, que narrarei em tempo, no meu livro de memórias.

COM o objectivo de dar um sentido prático á idéia da comunidade, achei que se impunha a decretação de um Estatuto dos Portugueses no Brasil, com a contrapartida de idêntico para os Brasileiros em Portugal. Naturalmente, a decretação seria precedida de uma convenção bi-lateral entre os dois governos.

Fixadas as linhas gerais da iniciativa, enviei o caso á consideração de Vargas, a quem pedi que a fizesse concretizar num texto, pelos órgãos competentes.

Em carta datada de Lisboa, aos 5 de Agosto de 1943, ao Presidente Vargas, depois de descrever o que me parecia a posição do Brasil no após-guerra, enunciei as razões de uma nova politica de aproximação com Portugal e conclui: «*Para que o Brasil pusesse logo em equação essa nova politica com Portugal, seria de grande conveniência conceder-se aos Portugueses a qualidade de «quase-nacionais». Essa matéria tem sido há anos ai examinada pelos jornais, em conferências e pareceres de juristas, de uma maneira favorável e fundamentada. Vossa Excelência mesmo já, em vários decretos e despachos, concedeu aos Portugueses uma situação especial em face das leis que regulam a condição dos alienigenas. A repercussão, que teria aqui e sobre a latinidade em geral, uma tal resolução é fácil de imaginar. Ela corresponderia, por outro lado, ao acto da colónia portuguesa, apresentando-se a Vossa Excelência, depois da declaração de guerra, disposta a servir ao nosso lado. Enuncio a questão de modo geral, não descendo a particularidades juridicas, que escapam ao dominio desta carta. Se Vossa Excelência decidisse favorávelmente a este ponto de vista, e o seu Governo me enviasse um projecto a respeito, creio que Salazar adoptaria a reciprocidade. Mas, mesmo sem ela, o acto unilateral do Brasil seria de consequências incalculáveis*».

Vargas aceitou a sugestão. Um projecto foi elaborado na Pasta da Justiça, sob as vistas de seu então brilhante titular, o sr. Marcondes Filho. De posse do texto, entabulei a negociação com o Chefe do Governo Português, o qual se mostrou altamente interessado na reciprocidade da medida, tendo encarregado o grande jurista Machado Vilela de opinar a respeito. Vilela escreveu um opúsculo, muito profundo, acerca da matéria.

O debate entre a nossa Embaixada em Lisboa e o Dr. Oliveira Salazar foi longo e cordial, mas as dificuldades de comunicações, devido ao estado de guerra, demoraram muito o acerto dos pontos de vista.

Nossa inclinação era pela assinatura de uma convenção bilateral, com as linhas gerais, e seguida dos decretos a sairem no mesmo dia aqui no Rio e em Lisboa.

Tudo estava de certo modo ajustado, quando vim a esta capital, em Fevereiro de 1945, chamado por motivos particulares. Ao descer do avião aqui, encontrei a luta interna deflagrada contra Vargas. Havia mesmo o risco de um levante de forças, que o derrotassem do Poder. Isso não obstante, ele insistiu comigo a fim de que levássemos avante a idéia da Convenção e do Estatuto. Considerei que assunto de tamanha importância e gravidade não se compadecia com a posição vacilante do Governo. Esta poderia afectar aquela, o que seria lamentável. Por isso, não foi então avante a iniciativa. E meu raciocinio não era infundado. Haja vista o golpe militar de 29 de Outubro daquele ano, que afastou Vargas do Governo.

JOÃO NEVES DA FONTOURA

A idéia ficou, porém, ancorada em meu espirito e no de todos quantos consideram uma politica luso-brasileira como indispensável ás duas Nações.

DURANTE minha permanência á frente da nossa Embaixada em Lisboa, não me limitei a lutar por uma concessão reciproca de direitos aos Portugueses no Brasil e aos Brasileiros em Portugal. Também mereceram os cuidados de minha acção diplomática os problemas da unidade gráfica da Lingua portuguesa, onde quer que a falem. Foi esse o objecto da Convenção Ortográfica, ainda hoje pendente de aprovação do Senado. Até agora não entendi como a resistência de um grupo de nossos compatriotas consiga evitar que se consume uma das medidas mais elementares para a importância de qualquer idioma.

VARGAS havia dado o maior apoio á questão do Estatuto, como o fez em relação ao problema ortográfico. Em carta de 2 de Dezembro de 1944, escreveu-me: «Quanto aos dois importantes assuntos, de que tanto e tão bem te tens ocupado ai, esforçando-te por uma boa solução — o Estatuto dos Prtugueses e a Questão Ortográfica — tudo vai em boa marcha. Como verás pelo despacho, que exarei na Exposição de Motivos do Marcondes, de 28 de Outubro (junto a cópia), estou de acordo com as ponderações do mesmo e os projectos de Convenção e Decreto-lei, que apresentou e que servirão de base para teus entendimentos finais».

DEMITINDO-ME do posto diplomático, na manhã de 30 de Outubro de 1945, em virtude da crise da politica interna, não abandonei o propósito de bater-me, em qualquer circunstancia, pelo advento de uma era em que a comunidade luso-brasileira fosse consagrada num máximo de extensão e profundidade.

A ocasião surgiu sem muita demora. Eleito, em 1950, Presidente da Republica o sr. Getulio Vargas, fui ocupar pela segunda vez a Pasta das Relações Exteriores de seu Governo, a 31 de Janeiro de 1951. Logo em fins de Março, escreveu-me o meu amigo e ilustre diplomata embaixador Samuel de Sousa Leão Gracie, então chefiando nossa representação diplomática em Portugal, longa e expressiva carta na qual me punha ao corrente do estado dos nossos negócios com aquele pais irmão. Na referida carta narrou-me S. Ex.ª que, em Novembro ou Dezembro de 1948, se dirigira ao meu eminente antecessor, ministro Raul Fernandes, então em Paris, á testa de nossa Delegação na Assembleia-Geral das Nações Unidas, sugerindo-lhe a retomada do assunto interrompido em 1945, á base de um projecto de Convenção áquela época elaborado e cuja cópia se encontrava nos arquivos da Embaixada, acrescentando-se-lhe a cláusula da consulta em matéria de politica externa. O ministro Fernandes, que deveria passar uns dias em Lisboa, em seu regresso ao Brasil, como convidado do Governo português, aprovou calorosamente a idéia, mas não

(Continua na página central)

OLEGÁRIO MARIANO

Portugal de hoje

por Olegário Mariano

Tenho o prazer de reproduzir para o «Diário de Lisboa» as minhas impressões dadas a alguns jornalistas que me consultaram acerca da viagem do Presidente de Portugal ao Brasil:

A visita do general Craveiro Lopes tem uma significação invulgar na sensibilidade da família luso-brasileira porque ele incarna a própria terra das nossas origens. E' Portugal em pessoa que visita o filho dilecto (desculpem a liberdade poética) pela mão do seu ilustre Presidente.

O Brasil, estou certo, receberá de braços abertos, com enternecimento e entusiasmo, o digno colaborador do grande construtor da Pátria Portuguesa—Oliveira Salazar.

Graças a ambos, a realidade de Portugal é uma afirmação inconteste, um sonho que se concretizou nas maiores realizações. Juntos, os dois estadistas, irmanados na mais firme e leal solidariedade, levarão Portugal para os mais altos destinos a que tem direito por sua História gloriosa, pela cultura, pela beleza moral dos seus filhos, pela religião, pelo idioma.

Finanças, realizações materiais, auto-estradas, restauração de monumentos históricos, fundações culturais, hospitais, metrô, casas populares, parques infantis, todo um cortejo infindável de iniciativas já realizadas e a realizar, fazem de Portugal de hoje, do Portugal que eu vi—um exemplo digno de ser imitado por todas as nações do Mundo.

Olegário Mariano

MILAGRE de coesão

por VARGAS NETTO

Sociólogos e historiadores procuram explicar o fenómeno da unidade brasileira através de todas as comoções e do tempo.

Alguns atribuiram esse milagre de coesão brasileira á força dos costumes, ao cimento da religião e da mesma língua. Mas os que assim escreveram esqueciam desde logo o exemplo das republicas da América espanhola. Todas elas professavam a mesma religião, talvez até com maior fervor, sob a constante assistência dos jesuítas e os extremos do temperamento espanhol. Além disso, a acção benéfica e protectora dos padres missionários encontrou melhores possibilidades e mais frequentes ensejos para proteger e curar... A mesma língua e os mesmos costumes não evitaram o fracionamento da América espanhola!

Para mim, o que manteve a integridade deste imenso Brasil foi o espírito dos dirigentes portugueses, aliado ao sentimento luso dos dirigidos.

O interesse e a compreensão pelo Brasil e seus problemas, demonstrados pelos administradores lusitanos, estão fixados nas precauções militares que não mediram dificuldades para se fixarem em pedra e cal ao longo de uma periferia de quase vinte mil quilómetros. Não me surpreendem tantos estudos portugueses de todos os pontos estratégicos do nosso litoral, pois os caminhos mais prováveis de possíveis invasores eram os marítimos. Mas, em todo o caso, é bom não esquecer que os Lusos estudaram e prepararam todas as elevações da nossa costa. Um oficial do nosso Exército me confessou um dia que todos os estudos actuais dos topógrafos militares coincidiam com os antigos dos portugueses. E ainda mais: que em todos os lugares de valor estratégico encontraram vestígios dos Lusitanos. E estes nunca se pouparam a trabalhos, despesas e canseiras! Os antigos fortes do extremo Oeste do Brasil são verdadeiros prodígios de perseverança, de determinação e de espírito construtivo.

O forte do Príncipe da Beira assombra, hoje, a todos os que conhecem a distancia a vencer, as dificuldades a transpor, as deficiências a superar para a fronteira Oeste do Brasil... Pois lá está o forte enfrentando a Bolívia e a selva dominadora! Como puderam levar todo aquele material construção, e aquelas toneladas de bronzze dos imensos canhões?... Através da selva, do pantanal e dos rios caudalosos

exemplo, só conheci o forte de Macapá em 1940... Talvez a prevenção contra os de língua espanhola tenha contribuido. Mas o que solidificou o espírito nacional brasileiro, o que lhe deu unidade e homogeneidade por paradoxal—que pareça—foi o sentimento português. Foi a força lusitana de querer bem! Foi a presença do português em todos os recantos do Brasil, sem escolher serviço sem repudiar posto, sem medir sacrifício, sem regatear amor á terra ou esforço pelo seu progresso... Aqui trabalham portugueses desde a mais delicada actividade intelectual ao mais rude trabalho braçal! E todos com o mesmo empenho. A capacidade civilizadora de Portugal fez grande o Brasil. O espírito de seus colonizadores o fez progredir e ser forte. O sentimento português de amizade, de solidariedade e compreensão humana, em fim de amor — é que o tornou in-

ram varando as distancias para fincar os mares de sua posse, a certeza de sua presença e a admiração de sua força!

Ainda agora não seria fácil repetir.

No extremo Norte, do outro lado do Amazonas, o forte de São José de Macapá é um monumento de arquitectura e de previdência. As pedras foram levadas de Minas Gerais... Só quem sabe as distancias pode avaliar o sacrifício.

As oito guaritas da fortaleza de Macapá são construídas e dispostas tão hábilmente que, cada uma das oito sentinelas pode ver perfeitamente, as outras sete, sem sair do seu posto. Mas essa moldura de fortalezas, esse cinturão bélico, não bastaria para a unidade sentimental e ideológica de uma grande nação, tanto mais quanto é certo que esse cinturão tem quase a amplitude de um continente! Eu, por

Manuel do Nascimento Vargas Netto, sobrinho do falecido presidente Getúlio Vargas, é das figuras do desporto brasileiro, uma das que reuniu, durante determinada época, nas suas mãos, maior poder, jamais detido por quaisquer outros, antes ou depois dele. Presidente da Federação Metropolitana durante dez anos, ocupou mais tarde a presidência do Conselho Nacional de Desportos, que trocou depois pela cadeira de deputado federal, mandato que lhe outorgara o povo do seu Estado—o Rio Grande do Sul. Poeta dos mais finos, tem vários livros publicados e, a par das suas actividades de Procurador da Prefeitura do Distrito Federal, exerce também a profissão de jornalista.

Significado da visita presidencial

por PEDRO CALMON

PEDRO CALMON

A visita do Presidente da Republica Portuguesa ao Brasil tem a significação multipla, de uma retribuição, de uma confirmação e de uma proclamação, pois corresponde literalmente ao reencontro dos chefes do Estado, á solene aliança dos povos e ao seu propósito unanime de projectar no universo a «presença» do Espírito lusíada. O preclaro general Francisco Higino Craveiro Lopes não faz ao Brasil a amabilidade protocolar de conhecê-lo. A sua viagem tem a transcendência —e a alta valia—de uma missão política em que se reafirmam os traços confluentes da Raço e da Cultura: é em verdade Portugal vivo, que vai oficialmente á outra banda do mar, sem sair da área da Língua comum, para dizer á gente do mesmo sangue, no idioma da mesma consciência, a Fé nos mesmos divinos desígnios, com a declaração de uma solidariedade que o tempo não dissolveu, porque no tempo se consolidou. A América que provém de Portugal não repudiou as suas origens. Ao contrário, engrandecendo-se, só tem motivos para zelar, no culto da tradição, as razões permanentes de sua unidade e de sua sobrevivência. O Brasil continua, no dilatado espaço em que se espalha a sua soberania, os rumos gloriosos que lhe marcou a mãe-pátria, no sentido imperial de suas vistas largas, no entusiasmo cristão do seu génio missionário, no arrebatamento heroico da sua alma latina, nos antecedentes formidáveis da sua expansão pelo Mundo. Fiel aos antepassados, guardando na intimidade das suas forças inesgotáveis o senso lusitano dos valores imortais, querendo ser uma nação benéfica e próspera, na órbita legítima do seu desenvolvimento, disciplinado pelas virtudes ancestrais e enervada por suas exemplares aspirações, rija, pujante e hospitaleira pátria em que as velhas qualidades portuguesas reverdescem e prosperam —a história é o seu argumento de permanência, embora o futuro seja a sua obcessão fulgurante. Para ser íntegra, é sentimentalmente a mesma. Não esquece, debruçando-se sobre os caminhos do Oceano, as fontes transatlanticas da sua emoção, as raízes europeias da sua estrutura, a substancia moral da natureza, as regiões natais do seu espírito. Estão persistentemente na sua recordação os descobridores, que nas caravelas de cruz alvorada lhe trouxeram a religião e o Estado; os colonizadores que desbravaram a imensidade do país; os fundadores das suas cidades, cujo sentimento católico frondejou na floresta de campanários que dá ás suas pasiagens a inefável poesia da Crença. Ama Portugal pelo que foi, e pelo que é. Ama-o no desdobramento das épocas e no seu esplendor contemporaneo. Ama-o com agradecimento e respeito. A Portugal que também não mudou. A Portugal de todos os séculos, de todas as aldeias, de todas as glórias e de todas as ternuras, humanizado no seu invencível humanismo. A Portugal de outrora; e de hoje—que na pessoa do seu ilustre mandatário vem dizer ao Brasil, em linguagem equivalente, que somos no universo a descendência dos capitães invictos, o povo de Camões, brasileiros e portugueses nele irmanados, culturalmente—lusíadas!

Pedro Calmon

Uma extraordinária instituição de assistência

A Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro

é a maior e mais admirável afirmação

dos sentimentos de humanidade e do bom coração

da gente lusitana que labuta em terras brasileiras

Esta é a entrada principal da sede social e dos pavilhões hospitalares da Beneficência Portuguesa, á Rua de Santo Amaro, vendo-se o monumento a D. Afonso Henriques, réplica do que se ergue em Guimarães

A Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Benficência do Rio de Janeiro, sociedade civil sem cor política ou religiosa, foi fundada em 17 de Maio de 1840, na sede do Gabinete Português de Leitura, por um grupo de Portugueses, para amparar os seus patrícios na doença e educá-los para a vida prática. Hoje é uma Sociedade exclusivamente hospitalar, possuindo pavilhões de clínica geral para ambos os sexos. Presta assistência, também, a estranhos ao quadro social, mediante remuneração, para o que dispõe de alojamentos próprios, cuja receita é totalmente aplicada na assistência hospitalar.

Foram seus fundadores, entre outros, o dr. José Marcelino da Rocha Cabral (encarregado do Consulado-Geral de Portugal) e o sr. Francisco João Moniz (secretário do Gabinete Português de Leitura), com o apoio do ministro de Sua Majestade Fidelíssima, Joaquim César Figniére e Mourão. A instalação da sua primeira enfermaria, á Rua Santo Amaro (prédio ainda existente) verificou-se em 16 de Setembro de 1858, e foi obra do dr. Hermenegildo António Pinto.

A área ocupada era de 800 m2 Actualmente, porém, é estimada em 3.900 m2, compreendendo os seus serviços de clínica geral pavilhões com apartamentos, quartos e enfermarias nas suas instalações da Rua Santo Amaro n.º 80, e Glória e na Rua Florianpólis n.º 112, a Jacarepaguá.

Brasileiros e Portugueses

A partir de 16 de Junho de 1941, a Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro passou porém, a admitir, também, sócios de nacionalidade brasileira, os quais participam dos mesmos direitos e deveres dos Portugueses. Consequentemente, a sua administração poderá ser exercida, indistintamente, por Brasileiros e Portugueses, na comunhão dos mesmos ideais, sem obrigatoriedade efectiva, legal e estatuária.

Desde a sua fundação, a Sociedade admitiu sócios de várias categorias, cujo numero atinge actualmente 80.000 indivíduos de ambos os sexos. Por falta, infelizmente, de dados estatísticos e impossibilidade de os obter, não se pode saber qual o numero de associados vivos, devido á admissão feita pelo sistema de quota reunida que não permite comunicação. Pode no entanto, calcular-se em 55.000 o numero de sócios vivos, cujo encargo de assistência é deveras pesado. A prova está em que a média diária de doentes internados nos diversos pavilhões hospitalares, é de 650. Entretanto, os clínicos atendem em média, diáriamente, 500 doentes E o hospital criou, recentemente, uma consulta para indigentes não-sócios, que pode atender diáriamente 20 doentes.

Para a prestação de todos esses serviços conta a Sociedade com pessoal habilitado, aproximadamente 450 pessoas, entre médicos, irmãs hospitaleiras e demais funcionários de todas as categorias.

A direcção, conselheiros, mordomos e membros do conselho deliberativo têm as suas atribuições definidas nos estatutos, nada recebendo de honorários por serviços prestados á instituição. Pelo contrário terão de concorrer, préviamente, com uma joia estipulada, se quiserem exercer os seus cargos. Os rendimentos da sociedade são empregados, totalmente, na assistência hospitalar e sómente no Brasil, como determina o artigo 1.º dos seus estatutos.

São muitos os títulos e condecorações conferidos á Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, destacando-se, pelo seu significado, as mercês de «Real» e «Benemérita», conferidas por D. Luís I, de Portugal; a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência, conferida pelo Governo de Portugal, em 31 de Março de 1941; e de «Utilidade Publica Municipal», por decreto do prefeito do Distrito Federal n.º 4.693, de 15 de Março de 1934.

Além disso, do quadro social da benemérita instituição fizeram parte ilustres figuras do mundo oficial e social do Brasil, como chefes de Estado e destacados elementos da sociedade brasileira, na qualidade de titulares graduados por serviços relevantes prestados áquela magnífica obra de assistência.

Entre as personalidades brasileiras que actualmente fazem parte do seu quadro associativo, destacam-se os srs.: dr. Wenceslau Braz, ex-presidente da Republica; ministro Luiz Gallotti; general Angelo Mendes de Morais e outros nomes não menos ilustres.

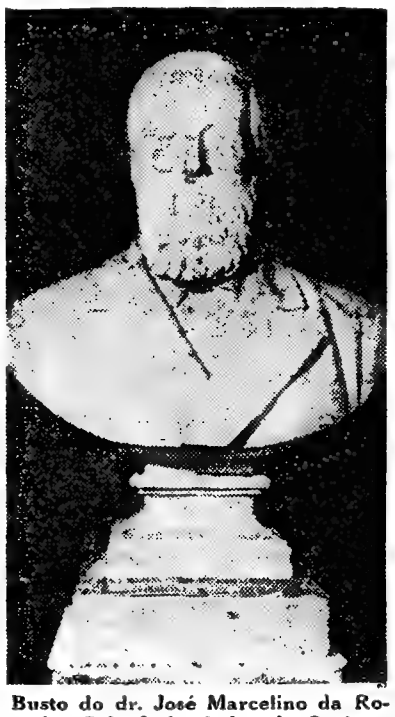
Espalhadas por todo o Brasil existem, em numero elevado, sociedades congéneres, com organização idêntica, porém com vida completamente independente da Beneficência do Rio de Janeiro. Naturalmente que as suas actividades, de menor vulto são proporcionais á importancia da população local, e aos recursos de que a mesma dispõe.

Pormenores de administração

Entretanto, convém recordar que a Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro é uma organização administrativa padrão. Regida pelo regime presidencial, a sua direcção é formada por um vice-presidente, dois secretários, dois tesoureiros, um síndico e quatro procuradores. Acima da direcção situam-se o conselho deliberativo, o conselho de mordomos, a comissão de contas e, como poder maior, a assembleia geral.

A direcção da Beneficência Portuguesa é actualmente constituída pelos srs. Abel Moreira Neves (1.º procurador) natural de Castelo da Maia e residente há 53 anos no Brasil; Américo Alves Moreira (vice-presidente), natural de Santo Tirso e residente no Brasil há 47 anos; Armando Ribeiro Machado (2.º procurador) natural do Porto e com 64 anos de permanência no Brasil; António Augusto Alves Sarda (síndico), natural de Vila Real e há 39 anos residente no Brasil; Franklim Bebiado Cepas (presidente), de Portalegre, e com 47 anos de vida brasileira; Benjamim Resende Reis (2.º tesoureiro), de Vila da Feira, há 52 anos no Brasil; Artur Sobral (3.º procurador) de Fão, Esposende, residente no Brasil há 38 anos; Fausto da Silva Costa (1.º secretário) natural de Amarante, com 26 anos de permanência no Brasil; e Evaristo Maria de Morais (1.º tesoureiro) natural de Braga e há 65 anos residente em terras brasileiras

A fim de facilitar, dando sentido mais racional e prático ás suas funções a sua actual administração resolveu dividir os departamentos em quatro, o da Administração, o Hospitalar, o Imobiliário e o Jurídico. Os dois primeiros estão subordinados á superintendência, enquanto que os Imobiliário e Jurídico se subordinam, directamente á direcção, orgão que se lhe vincula, levando-lhe os assuntos que requerem uma solução de responsabilidade para a sociedade.



Busto do dr. José Marcelino da Rocha Cabral, fundador da Sociedade Portuguesa de Beneficência

Compete á Superintendência resolver todos os assuntos de natureza disciplinar e de orientação de serviços, com recursos para a direcção quando provocadas. Por outro lado, o Departamento de Administração subdivide-se numa secretaria que se compõe de secções de actos, correspondência e arquivo geral; contabilidade, contando com as secções: de contadoria e caixa geral; recepção, para internamento de doentes e almoxarifado geral.

O Departamento Hospitalar divide-se, por sua vez, em dois hospitais, o Central e o de Jacarépaguá, este localizado na zona rural da cidade do mesmo nome.

Ao Hospital Central fica subordinado o «contrôle» da farmácia, enfermagem, cozinha e serviços médicos, subdividindo-se, este, em cardiologia, cirurgia geral, clínicas-alopática e homeopática, dermatologia, fisioterapia, gastroenterologia, ginecologia, laboratório, maternidade, neuro-psiquiatria, odontologia, oftalmologia, oncologia, ortopedia, otorrinolaringologia, pediatria, plantonistas, protocologia, radiologia, radioterapia, tisiologia e urologia.

O departamento de Jacarépaguá compreende o retiro da velhice, sanatório de tuberculosos, pavilhão de neuro-psiquiatria, cozinha, lavoura, criação e almoxarifado, este ligado ao almoxarifado central, para o respectivo fornecimento. Finalmente, o departamento imobiliário divide-se em três secções: contratos, ligado á secção de advogados; caixa, ligada á caixa geral, e serviço de obras. O departamento jurídico, por seu lado, divide-se em secção de advogados, despachantes e secção de pessoal.

Números que dizem dinheiro

Possuindo, ao encerrar-se o exercício de 1955, disponibilidades na ordem de Cr$ 38.206.617,50 (mais Cr$ 5.485.093,00 que no ano anterior) a Beneficência apresentava, ainda, no seu balanço um saldo de «quotizações a receber», no valor de Cr$ 15.412.425,00 e um património social de Cr$ 159.729.185,90.

A sua receita, no final daquele exercício, atingiu a soma de Cr$ 40.710. 050,00 e a sua despesa ascendeu a Cr$ 44.579.681,50, atestando o muito da assistência dada aos associados. Todavia, há, ainda, incorporados no património da instituição, nada menos de cento e dois imóveis, num montante de Cr$ 97.709.608,80, possuindo a benemérita Sociedade de Beneficência Portuguesa edifícios de rendimento, espalhados pela cidade, e que lhe garantem a subsistência sem se socorrer de auxílio estranho.

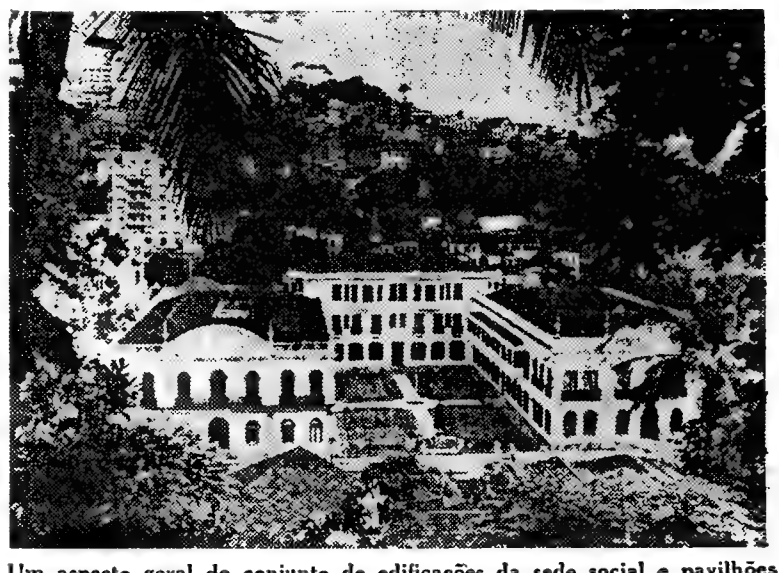
Apesar dessa independência económica, são muitos aqueles que, ao falecerem, deixam á instituição parte dos seus haveres, aumentando, desta forma o seu património. Basta dizer que só em 1955 foram legadas á Beneficência quantias que, somadas, atingiram Cr$ 322.061,50, não sendo este, aliás, o ano mais pródigo na rubrica de «legados a receber».

Detém, ainda, em seu poder, a Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, do Rio de Janeiro, títulos de renda que atingem a soma de Cr$ 12.469.450,00, incluindo apólices da Dívida Publica, acções diversas e Obrigações de Guerra.

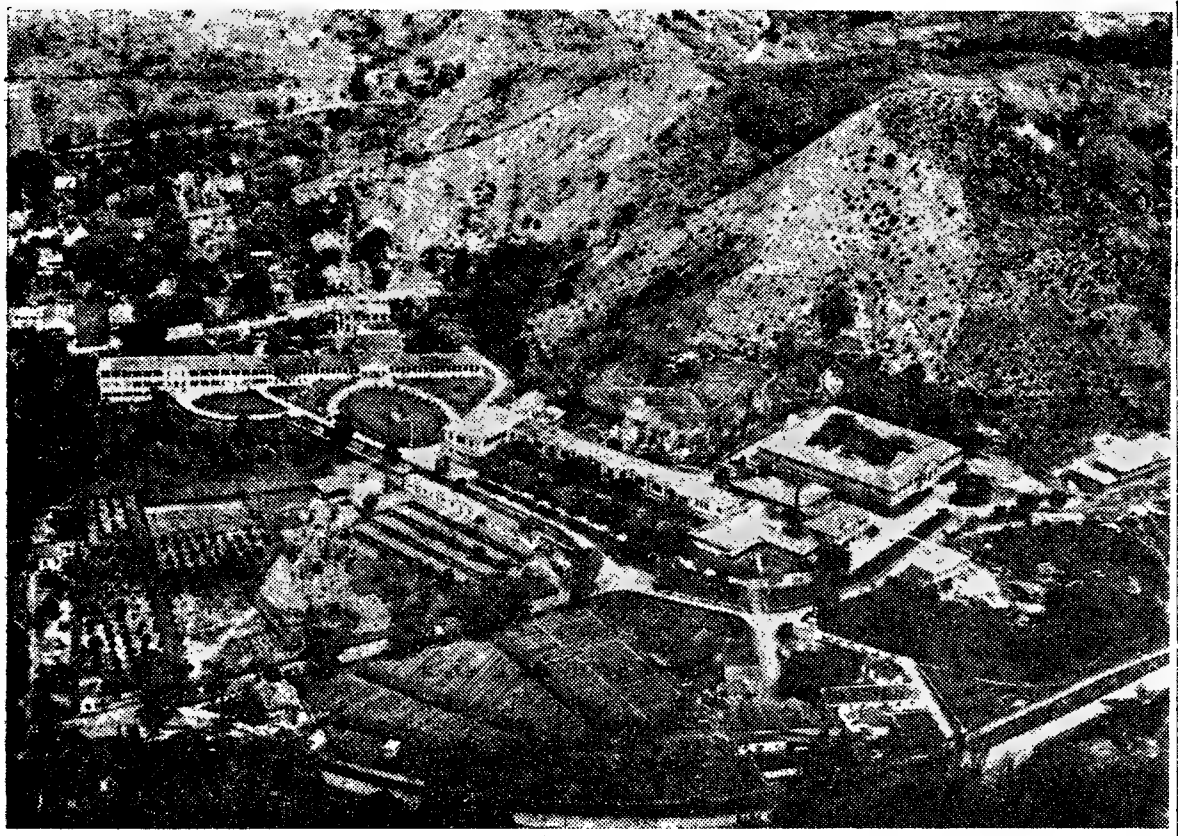
Realizações imobiliárias e movimento hospitalar

Traduzindo uma vida social intensa e um desejo de proporcionar o maior conforto áqueles que se socorrem dos seus serviços médicos-cirurgicos, frequentemente se amplia as suas instalações. Assim, no ano passado foram concluídas algumas obras que atingem Cr$ 97.709.680,80, conforme orçamento que foi estabelecido durante a construção, ficando assim distribuidos os recursos: edifícios hospitalares: Clemente Mourão, Jaime Sotto Maior, Neuro-Psiquiátrico, São João de Deus e Visconde de Morais; prédios de rendimento: além das obras destinadas aos hospitais, construiram ainda, os engenheiros contratados pela instituição, dois imóveis destinados a rendimento, num montante de Cr$ 10.139.703,20.

Tomando por base o balanço de



Um aspecto geral do conjunto de edificações da sede social e pavilhões hospitalares da Beneficência, á Rua de Santo Amaro



Vista aérea do conjunto de edifícios que a Beneficência Portuguesa possui em Jacarepaguá, impressionante como organização e realização

1955, que gentilmente nos foi cedido pela direcção a fim de que nele pudessemos colher os dados para esta reportagem, verifica-se que é enorme o numero de beneficiados com os serviços de assistência da instituição.

Asim, no exercício de 1955, no Hospital Central, registaram-se 1.175 doentes na cirurgia-geral; ginecológica, 587; dermatologia, 55; isolamento, 7; puérperas, 1.633; recém-nascidos, 820; medicina alopática, 599; homeopática, 16; medicina geral, 387; neurologia, 49; oftalmologia, 106; otorrinolaringologia, 353; urologia, 18; Proctologia, 57; traumatologia, 144; gastro-enterologia, 12; e cardiologia, 59; em Jacarépaguá, neuro-psiquiatria, 53; Retiro da Velhice, 21; sanatório, 34 (num total de 6.205 doentes) verificando-se, neste total, 168 óbitos, apenas, o que atesta a excelência dos serviços.

Basta, porém fazer uma referência á organização dos serviços de assistência feminina, cujo movimento no Hospital Central acusa, em cirurgia geral, 853 casos: cirurgia extra, 591; dermatologia, 296; medicina alopática, 1.011; medicina geral, 1.020; medicina homeopática, 15; oftalmologia, 120; otorrinolaringologia, 294; urologia, 587; neurologia, 185; traumatologia, 207; proctologia, 128; gastro-enterologia, 36; e cardiologia, 214; nas dependências de Jacarépaguá, neuro-psiquiatria, 83; Retiro da Velhice, 61; e sanatório, 184 (num total de 5.885), registando-se, apenas, 165 óbitos

Outros serviços a favor dos doentes

De ano para ano cresce o movimento deste departamento hospitalar padrão, em cujos quadros exercem a sua actividade alguns dos expoentes da Medicina brasileira. Assim, em 1955, para exemplificar com dados estatísticos positivos, dir-se-á que foram executados os seguintes serviços médicos: consultas, 103.271; curativos, 69.196; operações, 2.898; aparelhos gessados, 253; lavagens uretrais, 5.148; injecções diversas, 208.471; exames de laboratório, 48.423; aplicações de ondas curtas, 9.145; correntes galvanicas, 5.551; «duches», 657; massagens, 2.317; método eléctrico brasileiro, 7.000; ionizações, 3.916; raios infra-vermelhos, 3.496; ultra-violeta, 5.121; radiografias, 23.486; radioscopias, 2.675; abreugrafias, 2.579; banhos hidroterápicos, 304; pneumotorax, 767; pneumoperitônios, 767; electrocardiogramas, 851; metabolismo basal, 583; roentgenterapia (aplicações), 5.599; partos, 686; e transfusões, 282.

Como se verifica houve um movimento intenso em todas as clínicas, com prestação de assistência que é a melhor forma de elogiar o apetrechamento da instituição ao serviço dos seus associados.

Todos querem ser sócios

E' esse apetrechamento e a eficiência dos serviços que criam a psicose da afluência de novos sócios. Todos querem sentir-se amparados pela Beneficência Portuguesa—assim é conhecida, na linguagem simplista vulgar — todos procuram ser sócios. De modo que a direcção, para não tomar encargos que depois não possa cumprir, vê-se na necessidade de atender apenas aqueles que pelas suas condições, lhe mereçam carinho especial. Faz-se, pois, rigorosa selecção que possibilita uma assistência capaz, dentro das grandes tradições da benemérita instituição. Procura-se dar segurança na assistência á velhice e aos doentes. Procura-se que essa assistência seja o ultimo conforto dos que vão caindo pelo caminho da sorte. Ainda assim, mesmo levando-se em conta o que se contém no balanço de 1955, verificam-se que foram aprovadas nada menos de 2.571 propostas, sendo 1.532 homens e 1.219 mulheres, o que, em cruzeiros significa um rendimento de 53.744.600,00.

Foram admitidos no mesmo ano, 960 sócios, das categorias de beneméritos, honorários, benfeitores e efectivos os quais somados aos de iguais categorias, de 1954 totalizam 1.097 admissões.

Há um centro de estudos

Não retringe a Beneficência Portuguesa a sua acção á assistência aos seus associados. Pelo contrário, a par da tarefa de mitigar a dor alheia, mantém o Centro de Estudos Médicos que organiza periódicamente conferências em que tomam parte homens de renome na Medicina mundial. A par dos estrangeiros, por lá passaram o prof. Vítor Fontes, catedrático de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa; dr. Zeferino de Paulo, director-adjunto do Centro de Documentação Científica do Instituto de Alta Cultura de Lisboa; e prof. Diogo Furtado, da Faculdade de Medicina de Lisboa, que fez uma conferência sobre: «Meningite tuberculosa tratada»; prof. Alvaro Rodrigues, do Porto, que falou sobre o «Problema do cancro em Portugal». E tantos, tantos outros nomes da ciência médica, tiveram oportunidade em valorizar as sessões que o Centro de Estudos realiza, quer em simples conferências, quer em congressos e ainda através da ampliação da sua biblioteca onde se podem consultar todos os grandes livros da Medicina moderna.

Diálogo sincopado

com os dois mais velhos colonos portugueses

A história destes dois imigrantes portugueses, apesar da sua avançada idade, é simples. Estão ambos internados na Beneficência Portuguesa onde recebem o mais carinhoso tratamento, passando, livres de preocupações, os últimos dias da sua já longa vida. Ele chama-se Manuel Libório de Almeida e conta a bonita idade de 103 anos. Ela está também decidida a ser centenária — os noventa e um anos ainda não lhe pesam — e tem o nome de Maria Pureza Monteiro. O maior titulo de glória de ambos é, apenas, o de serem os mais antigos imigrantes do Rio de Janeiro, para não dizer do Brasil inteiro.

Pois, ouçamo-los.

O sr. Manuel Libório teve de recolher ao leito de uma enfermaria da Beneficência para sofrer uma intervenção cirurgica. Foi ali que estabelecemos com ele este rápido diálogo.

Ser rico, aspiração de um centenário...

— *Há quantos anos está no Brasil?*

— *Vim para cá em 1889, quando o marechal Floriano Peixoto proclamou a República.*

— *Qual era a sua profissão?*

— *Em Portugal era lavrador. No Brasil, inicialmente, fui caixeiro.*

— *Por que veio para este país?*

— *Foi mais uma aventura que tive vontade de realizar.*

(Continua na 10.ª página)

Foi-se enfeitar para tirar o retrato...

Tem 103 anos e a aspiração de enriquecer...

Um Português corajoso

salva vinte passageiros do «bondinho»

suspenso do Pão de Açucar

O Rio de Janeiro está cheio de episódios apaixonantes. Foram algumas vezes seus autores os Portugueses, como nesse caso do «bondinho do Pão de Açucar». A ele ficou ligado o nome de um nosso compatriota, o mecanico Augusto Gonçalves, da Companhia Caminho Aéreo do Pão de Açucar, que num acidente inédito, revelou a decisão da gente portuguesa, mesmo nos momentos difíceis e cruciantes. Foi ele quem se dispôs, com a sua coragem e sangue-frio a fazer voltar a tranquilidade ao seio daqueles vinte passageiros, apavorados e, talvez, já convencidos da impossibilidade de serem salvos.

Um homem que sabia dominar a presença do perigo...

Depois de ganhar o morro da Urca, descendo por uma corda, Gonçalves mostrou que o perigo não o amedrontava e era homem para vencê-lo. O seu feito foi de incalculável valor naquela hora dramática em que milhares de Brasileiros viviam, também, a tragédia dos seus vinte compatriotas presos no minusculo elevador a que chamam pitorescamente «bonde». Os aplausos que recebeu da multidão que, em baixo, aflita, acompanhava a evolução dos acontecimentos e os rasgados elogios que mereceu por parte de toda a Imprensa carioca, não foram as manifestações que mais encheram de orgulho Augusto Gonçalves. O que por certo mais fundo tocou na sua sensibilidade, foi a distinção que recebeu do Governo brasileiro, na pessoa do falecido presidente Getulio Vargas. Até hoje e já lá vão seis anos, Gonçalves ainda é lembrado com admiração por toda a gente. Quase não há um visitante do belo Pão de Açucar, conhecedor do episódio, que ao entrar no «bondinho» famoso, não se recorde ou mesmo não pergunte pelo mecanico português Augusto Gonçalves, homenageado pelo Governo brasileiro. Pela narração que fazemos do impossível acidente—pois assim o consideravam os técnicos engenheiros da Companhia que instalou o «bondinho do Pão de Açucar»—os deitores poderão compreender a razão de ter sido este episódio, um dos que mais impressionaram esta agitada cidade, fundada pelo português Estácio de Sá.

Vale a pena, porém, explicar o que foi o acidente.

Era uma sexta-feira e tudo parecia normal...

Eram, aproximadamente, 15 e 40 do dia 21 de Fevereiro de 1951. O calendário marcava sexta-feira e a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro vivia a agitação normal dos dias da semana, igual á das outras grandes Metrópoles. Aquela hora, um episódio dramático que se prolongaria pelo espaço de nove horas arrazaria de emoção quase dois milhões e meio de habitantes da «Cidade maravilhosa» e, por que não dizer, a maior parte da população do Brasil. O acontecimento mobilizaria grande numero de rádioreporteres que em «flashs» radiofónicos descreveriam os seus lances; cineastas empunhariam as suas máquinas; um batalhão de fotógrafos procuraria não perder um mínimo detalhe. A aglomeração popular a cada instante era maior. Pouco depois chegariam ambulancias, bombeiros, técnicos: todos cravavam os olhos a uma distancia de 110 metros de altura para ver o pequeno transporte aéreo, de cor verde, parado no espaço. Dentro dele, vinte pessoas, desesperadas, acenavam das janelas, com as mãos ou lenços, nervosamente, enquanto cá em baixo se intensificavam os preparativos de salvamento. Partira-se o cabo de tracção adquirido um ano antes pela empresa que explora o serviço de transporte. O cabo fora substituir o primitivo, em uso desde a inauguração, isto é, desde 1912, sem que houvesse até áquela data um acidente.

No momento decisivo pôde falar a voz da coragem...

O mecanico português Augusto Gonçalves estava, então, na coberta do «bondinho». Ali seguia havia muitos anos, assistindo ás viagens do elevador que, valha a verdade que se diga, nunca lhe deram trabalho por aí além. Enquanto os técnicos procuravam uma solução naquela triste emergência, Augusto Gonçalves, provando o seu grande arrojo, descia ao interior do «bondinho» e tranquilizava os passageiros dizendo que nada de mais grave aconteceria. Pouco depois, chegava ao extremo a sua coragem, quando no meio das apreensões gerais, descia por uma corda amarrada ao fio, até á encosta do morro da Urca e dali ganhava o tôpo do monte. Assim se chegara á conclusão de que o unico recurso para retirar os passageiros era por meio de uma improvisada carreta ligada ao cabo de suspensão. Assim se fez por conseguinte. Mas, até que fossem retirados os ultimos passageiros, consumiram-se nove horas. Contudo, todos se salvaram. O episódio ficou gravado pelo seu inéditismo, mas pairando muito alto ficou a bravura de Augusto Gonçalves naquelas horas de incerteza, uma presença de espírito e uma coragem em pessoa.

Augusto Gonçalves, o mecanico corajoso que salvou os passageiros do «bondinho do Pão de Açucar»

* * *

Falamos com este corajoso português que é natural de Roças e embarcou para o Brasil há 42 anos. Disse-nos que nunca mais voltou á sua terra onde tem família, que no entanto, não conhece.

A propósito do seu arrojado gesto, disse apenas:

—Foi a maior aventura da minha vida!

Manifestou-nos depois o seu contentamento pela visita do general Craveiro Lopes, afirmando:

—Nem calcula a minha satisfação por ir ver nas ruas desta grande capital que tanto estimo, o presidente da Republica do meu País!

DE LISBOA AO RIO DE JANEIRO NO MAR GRATO DO

O génio brasileiro teve o segredo e o mérito

o melhor do génio da gente portu

e no espirito das duas terras refazer o espirito et

RIO DE JANEIRO, Junho *(Via Panair do Brasil)*. — Viemos ao Brasil, fundamentalmente, para realizar um trabalho sobre a acção dos Portugueses neste país de grandeza e vastidão impressionantes. Contudo, não conseguimos levar por diante a missão de que foramos incumbidos, primeiro porque a obra levada a cabo pela gente lusitana nesta terra é tão vasta e profunda que seriam necessários muitos anos para o poder apreciar,

D. Pedro I do Brasil e quarto de Portuugal, do mesmo nome, tem no Rio um monumento simbolizando as virtudes do monarca das duas pátrias

não dizemos em toda a sua extensão, mas ao menos de molde a traduzi-la nas suas linhas fundamentais, depois, porque a extensão do território obriga a longas deslocações que, necessáriamente, não podiam fazer-se no pouco tempo de que dispunha quem vinha para colher informes e observar aspectos da vida de cada localidade em que as marcas e a influência lusíadas fossem mais flagrantes. E a verdade é que não há pedaço de solo brasileiro onde a luz da civilização tenha entrado que não revele a mão ou a iniciativa dos Portugueses. Entretanto, para além das conclusões fáceis ou apressadas que pudessemos tirar, tinhamos a opinião dos próprios Brasileiros, entre eles, o prof. Castro Filho, figura de grande prestígio e homem de sólida cultura que nos deu essa síntese lapidar: «Você sabe o que os Portugueses fizeram no Brasil? Simplesmente, o Brasil».

E, agora, se recordarmos as espantosas dificuldades que a nossa gente teve de vencer para fazer a penetração num território cujas dimensões ultrapassam oito mil quilómetros, sem vias de comunicação nem meios que permitissem o desenvolvimento normal da acção humana, poderá fazer-se ideia do que foi a gigantesca tarefa levada a cabo por todos esses homens que, através dos séculos, deixaram a ocidental praia lusitana» impelidos pelo mesmo ideal e fieis á nossa vocação histórica.

Para não incorrermos, portanto no erro de tratar de animo leve um assunto que é para todos nós motivo do maior orgulho e merece todo o respeito, limitámos o nosso campo de acção á «Cidade Maravilhosa» a cidade do Rio de Janeiro onde os Portugueses têm uma obra extraordinária que por assim dizer abrange todos os sectores de actividade social, e cuja história levaria anos de páginas a escrever. Poremos, pois, apenas em evidência alguns aspectos desse intenso labor desenvolvido pela nossa incansável colónia nos domínios da assistência, da cultura e no terreno associativo. Além de que, na reportagem que vai seguir-se, procuraremos ainda fazer uma rápida análise do clima social brasileiro e á mentalidade do seu povo, através de observações colhidas em diferentes meios, no convivio de dia a dia com pessoas das mais variadas categorias e em conversa com algumas das personalidades de maior prestígio, no campo intelectual e político, da grande terra brasileira.

Dez dias na cidade flutuante
Terra brasileira à vista

Ninguém consegue deixar o seu país — especialmente nós, Portugueses — sem uma ponta de emoção e um assomo de saudade. Não pudemos também fugir a esse fatalismo da raça. Ao subirmos para bordo, sentimos a estranha sensação inesperada, a ideia de que o monstro flutuante, acostado á Rocha Conde de Óbidos, iria levar-nos para muito longe, para um outro continente separado daquele que deixávamos pelo mar imenso e impenetrável, ficando distante dos nossos olhos a família, os amigos, os companheiros de todas as horas, as pequenas coisas que nos rodeiam e fazem parte da nossa existência, enfim tudo isso que nos habituamos a amar e está fixado no mais intimo do nosso ser: a terra onde demos os primeiros passos e balbuciámos as primeiras palavras. Por isso, enquanto o «Vera Cruz» descia o estuário do Tejo, fomos seguindo a linha da costa, pelo lado de estibordo, tentando guardar até ao ultimo momento uma imagem da terra portuguesa que cedo acabou por esfumar-se na linha do horizonte. Ficamos, apenas, entre o céu infinito e o mar um tanto agitado que mal fazia oscilar o arcaboiço da possante embarcação, começando logo a surgir as primeiras vítimas do enjoo. A Madeira não demorou muito a ser alcançada e quase todos experimentaram uma enorme sensação de alívio, pois dali para diante anunciava-se um mar mais calmo.

Para nós, porém, que somos «marinheiros» de todas as águas — o baloiçar do barco não nos causa a menor perturbação —, o que mais nos agradou foi voltar a avistar um pedaço de solo português, perdido no oceano, mas que a natureza transformou numa visão de sonho e maravilha, oferecendo a ilha, de bordo, um espectáculo deslumbrante pela magia do colorido que cobre as suas encostas a descer abruptamente para o mar bonançoso que as abraça. Depois de es-

Lembra uma cidadezinha provinciana portuguesa este trecho repousado do Recife

tarmos poucas horas fundeados em frente da cidade do Funchal para o reabastecimento do navio e desembarque de alguns passageiros, rumamos ao fim da tarde para S. Vicente.

A' medida que nos aproximávamos daquela ilha diminuia o bulício das águas, mas a atmosfera começava a tornar-se cada vez mais densa, quase pastosa, soprando um vento morno. Os corpos sentiam a mudança de clima. Depois, foi S. Vicente ao princípio da noite, no meio das águas rumorosas, envoltas nas trevas, recortado, o extenso arquipélago, adivinhando-se as suas elevações de terreno escarpado, pedregoso e árido, despido de vegetação e descendo a pique sobre o mar. Ali, porém, apesar de as inóspitas condições do meio, a vida desenvolve-se num plano de dignidade e amor ao trabalho. A bordo vieram pessoas de diferente condição social impressionantes pelo seu aprumo. Alguns aproveitam a oportunidade para passar algum tempo em alegre cavaqueira enquanto os empregados do «bar» iam despejando nos copos a bebida preferida — quase todos bebiam «Whisky» que na ilha se adquire por baixo preço. Outros dirigiram-se ao salão de baile onde no ambiente requintado da 1.ª classe dançaram durante algumas horas.

O «Vera Cruz levantou ferro ao princípio da madrugada, para se lançar, novamente, no alto mar onde navegaria três, dias, até que voltássemos a ver terra. Todos sentiam, contudo, o fenómeno curioso da sugestão de que afinal de contas não haviam abandonado o País. E' que não ouviramos ainda falar outra língua que não fosse a nossa, nem tocáramos em porto onde não flutuasse a bandeira nacional. Até o próprio mar tinha qualquer coisa de português, parecendo guardar nas suas entranhas o génio e a audácia dos nossos navegadores.

Mas para que este estado de espírito dominasse, muito contribuia também o ambiente em que a viagem se ia desenrolando, sem o mínimo sobressalto, num mar extremamente calmo em cujas águas, de um azul forte, mergulhavam, a cada passo, os estranhos peixes voadores. Vivia-se a bordo admirávelmente. O «Vera Cruz» é sem duvida um barco excelente e oferecendo, além de grande comodidade e conforto, qualquer coisa que é muito portuguesa: respeito, disciplina, uma organização, verdadeiramente modelar.

O navio é uma autêntica cidade flutuante, não só pela sua envergadura e complexidade dos serviços e maquinismos, mas também pela forma como se desenvolve a vida a bordo em que centenas de passageiros que toda a gente vê e fazem sentir a sua presença a cada instante, não conseguem, práticamente dar pela existência de quase quatrocentos tripulantes que trabalham sem dar nas vistas, e que aparecem, prontamente, em todos os momentos que são reclamados.

Além disso, são postos á disposição dos passageiros meios de diversão, havendo a constante preocupação de fazer com que todos encontrem dentro do «Vera Cruz» possibilidade de passar o tempo da melhor maneira e a seu gosto. Algumas das festas realizadas a bordo decorreram admirávelmente, constituindo um raro prazer, em pleno oceano, ouvir pela noite fora, misturados com o marulhar das águas, os acordes da orquestra que, ininterruptamente, tocava musica de todos os ritmos, enquanto os pares rodopiavam no estrado do salão de baile. A' volta, nas mesas, serviam-se bebidas e aspirava-se a brisa morna que refrescava, ligeiramente, o ambiente.

Passaram-se dez dias inesquecíveis — tantos foram os que andámos sobre as águas do mar no «Vera Cruz» que é, além do mais, uma afirmação da força e da capacidade realizadora do País.

Terra brasileira à vista

Avistamos por fim terra brasileira e sentimos uma enorme satisfação ao prepararmo-nos para pisar um país que tanto desejávamos conhecer. Foi, por isso, um momento de rara emoção quando o barco atracou ao porto de Recife e nós, imediatamente, descemos para conhecer a cidade cuja fisionomia oferece sugestivos contrastes: as casas baixas com as ruas estreitas onde uma densa multidão «assalta» os estabelecimentos comerciais e as amplas avenidas semeadas de arranha-céus que desafiam as alturas. Entretanto, vêem-se por toda a parte zonas verdes, com árvores de magnifico porte em muitas artérias e numerosas residências particulares com belos jardins, nos bairros afastados do centro. Não pudemos, porém, deter-nos diante da cidade que percorremos de taxi — pagámos a hora a duzentos cruzeiros — pois o navio partia duas horas após haver atracado.

No alto duma colina escarpada...

Acompanhando durante largo tempo o desenvolvimento da costa brasileira, o «Vera Cruz» foi vencendo a distancia que o separava da cidade de S. Salvador, primitiva capital do Brasil que ocupava uma restrita área fortificada e defendida por peças de artilharia, transportadas na frota de Tomé de Sousa em 1549. No alto de uma colina escarpada, debruçada sobre a margem oriental da baía de Todos os Santos, ergueu-se esse histórico aglomerado humano que hoje se estende por uma vasta área e oferece uma visão dslumbrante pela sua grande beleza natural, dominada por uma densa vegetação a que o próprio mar — que mais parece um lago, repousado e transparente, se associa com as suas águas de um verde esmeralda muito intenso. Por isso, jamais se apagará da nossa retina o espectáculo maravilhoso que contemplamos, quando o navio pôs diante dos nossos olhos em toda a sua extensão essa terra de sonho e lenda.

Ao calcorrear as primeiras ruas da cidade, na sua parte baixa e mais antiga, verifica-se, imediatamente, a sua feição nitidamente portuguesa que se revela nos mínimos pormenores. Tomamos um táxi e seguimos para a zona alta de fisionomia mais moderna. Fomos depois visitar o Convento de S. Francisco de Assis, monumental construção do Sec. XVIII em que trabalharam grandes artistas portugueses, entalhadores, douradores, pintores, etc. Centenas de azulejos monocromos revestem as paredes dos claustros, da sacristia, da igreja, e da portaria. Contudo, é na igreja que encontramos um trabalho artístico de mais elevado nível em que avulta a talha dourada que orna todos os altares e paredes circunvizinhas, assim como a biblioteca e a famosa Sala do Capítulo.

A gente da Baia tem viva admiração pelos Portugueses por terem construido na sua cidade obras de tão grande expressão e valor. E nós próprios assistimos a um episódio, nas imediações da igreja de S. Francisco, revelador deste sentimento.

Uma senhora, sentindo-se explorada por um homem que na via publica vendia livros, disse-lhe a certa altura:

«Olhe que eu não sou portuguesa, sou brasileira como você. Por isso não tente enganar-me.

Com a maior serenidade o vendedor retorquiu-lhe:

«Português e brasileiro para mim é tudo a mesma coisa. Até digo mais: Português para mim vale mais que Brasileiro, se não fossem eles não tinhamos aqui obras de arte como essa igreja».

Percorremos, seguidamente, outros locais da cidade que possui magníficas construções, cobertas de tradição e contendo valiosos tesouros artísticos, tendo ao mesmo tempo várias edificações em linhas ultra-modernas como o Forum Rui Barbosa, o Palácio da Aclamação e o Hotel Baía. Admirável também a localização do Iate-Clube, engastado entre o mar e a íngreme encosta do promontório de Santo António da Barra. A' mistura com bairros antigos e típicos como o da Baixa dos Sapateiros, da Sé e da Rua do Passo, a Baía não se esqueceu de erguer elegantes viven-

O velho porto dos pescadores do Rio de Janeiro, documento de ontem ou de hoje, não importa, porque é Brasil de sempre

das ajardinadas nos modernos bairros residenciais da Graça, Canela, Barra, Avenida Oceanica, etc.

Entretanto as suas praias são de incomparável beleza. Em algumas, como as do Rio Vermelho e da Barra, vêem-se as ondas quebrar de encontro aos rochedos; noutras estendem-se preguiçosas pelas areias finíssimas como sucede nas praias de Amaralina, Tituba, Itapoã e do Farol, emolduradas por coqueirais intermináveis que dão á paisagem uma graça inconfundível.

E quando o barco largou voltamos a ficar presos desse quadro indefinível e aliciante desenhado pela natureza e onde o homem português principiou a construir, há quatro séculos, no alto de uma colina escarpada, a história do imenso Brasil.

Cidade maravilhosa

Quando o «Vera Cruz» entrou, na baía de Guanabara, ás primeiras horas da manhã, ainda traziamos os olhos impregnados da beleza que envolve a cidade que foi já capital do Brasil. Contudo, nada há mais harmonioso ou subtil, do que esse conjunto admirável que é a capital do Brasil com o seu recorte paisagístico soberbo de contrastes, dominado pelos morros verdejantes, com formas estranhas e segurando alguns deles nas suas encostas as humildes e populares favelas com as suas modestas casinhas a formar linda cascata. E, num dos mais altos morros, lá está o Cristo do Corcovado, sinal do génio do homem, no génio da Natureza. Não cabe nesta reportagem, porém, anais do que o apontamento, estonteante e luminoso que centilam na pena de um poeta.

A verdade é que mais um Português descera na Praça Maria, este disposto a ver e a adivinhar a ofegante palpitação da vida no Rio de Janeiro. A Europa ouve dizer

ATLANTICO

r de refundir em si mesmo
guesa que foi ao Brasil
erno da luso-brasilidade

que essa vida é aqui carregada de problemas sociais e políticos convulsivos, insegura e desequilibrada pela sua permanente agitação económica. Quem chega, porém, não o dirá. Há, sobretudo, conceitos novos de vida nova, sem indícios de desordem nem indisciplina; uma maneira diferente, de encarar problemas, dentro, talvez de um pensamento mais amplo, mais aberto, sem se ligar importancia a aspectos e pormenores da vida. Cada um raciocina á sua maneira e não se importa que o vizinho pense de maneira muito diferente, ande de saca na rua com o Sol a pino ou prefira vestir um «short» e passear de tronco nu. Para o Brasileiro, tudo está bem, desde que o deixem viver, livremente ou conforme lhe aprouver.

E este estado de espírito estende-se aos domínios da politica como o sentimos durante os longos e demorados debates, no Parlamento, á volta do caso Carlos Lacerda. Apaixonou, vivamente, o publico que, no entanto, nunca se manifestou, violentamente, mantendo sempre a maior calma e limitando-se a comprar as sucessivas edições dos jornais para seguir o desenrolar da discussão. Até nos comícios que se realizaram ao ar livre se verificava a compostura e o civismo do povo brasileiro: nas proximidades de cada local, tudo era calma, como se nada estivesse a passar-se.

Trabalho intenso sob o signo das multidões

Assim se explica que se andem nas ruas e avenidas do Rio de Janeiro, muitos quilómetros, sem se encontrar um polícia, um homem que parecesse vigilante e velasse pela ordem e segurança pessoal de cada um. O próprio transito, apesar da sua extraordinária intensidade, é comandado por sinais luminosos, nos pontos cruciais e nos cruzamentos, raro se vendo em serviço um agente da autoridade.

O publico tem o espírito da auto-disciplina e toda a vida do Rio de Janeiro assenta no trabalho constante, sob o signo das multidões, andando apressadamente. Há um comércio intenso no Rio de Janeiro, onde tudo se compra e vende, uma vez que são poucos os que pensam em amealhar para o dia de amanhã. Vive-se, acima de tudo, a hora presente e por isso se gasta o dinheiro sem hesitações, circulando de mão em mão, permitindo o enriquecimento de alguns e o apreciável nível económico da maior parte.

Não há duvida de que reina na capital do Brasil, um ambiente fervilhante e de permanente agitação desde que o Sol desponta até que se esconde no ocaso, mas isso exprime apenas o desenvolvimento e o irreprimível progresso que se faz sentir em todos os sectores de actividade do país. Aquilo que de mau, porventura, exista, passará despercebido diante deste caminhar seguro e surpreendente para aproveitar os espantosos recursos do Brasil, aumentando ainda mais a sua já enorme prosperidade. E uma coisa é certa: nesta terra, ao contrário do que possa imaginar-se, a arte, normalmente, só sorri áqueles que trabalham de maneira incansável. A árvore das patacas não dá frutos aos parasitas...

A simplicidade dos Brasileiros

Contudo o que mais surpreende na gente brasileira, é a sua simplicidade, o modo carinhoso e afável do seu trato. E caso curioso quanto mais elevada é a sua categoria, maior a sua modestia e a sua comunicabilidade. Está no caso, por exemplo, o próprio Presidente da Republica. O Supremo Magistrado da Nação, a quem falámos no Estádio de S. Januário, durante a Festa do Trabalho, é um homem extremamente atencioso, acessivel. Depois de conversar connosco breves momentos, acabou por nos dizer:

«Oxalá você leve do Brasil a mesma impressão que eu trouxe de Portugal».

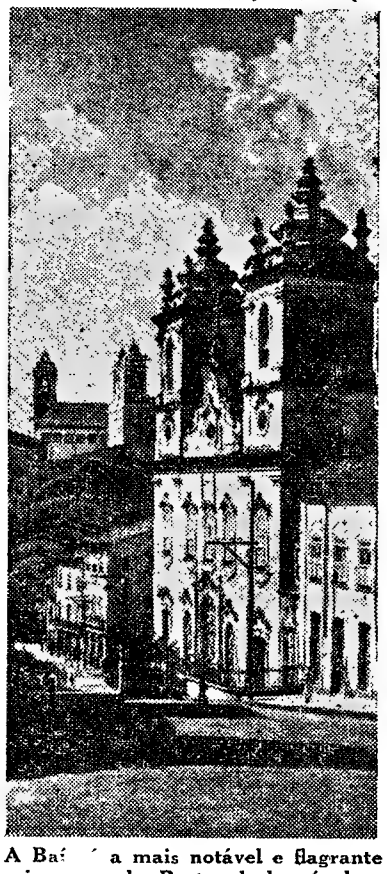
Essa extrema simplicidade que sentimos nas pessoas de todas as categorias sociais e domina, particularmente, os individuos de maior projecção e classe mental, estende-se, aliás, a vida brasileira que no meio da sua complexidade e permanente movimentação deixa sempre vir ao de cima o seu fácil e a sua espontânea tendência para fugir ás complicações, procurando simplificar todas as coisas. Isto permite uma descontracção, íntima, uma maneira menos rígida de comportamento, deixando a cada um a possibilidade de levar uma existência mais de harmonia com as suas inclinações e, ao mesmo tempo, podendo dar largas ao seu espírito de iniciativa.

Homens de envergadura mental

Quem tiver oportunidade de conhecer algumas das figuras que mais se agitam no palco do pensamento brasileiro, e conversar, com algumas delas poderá colher a seu respeito impressão magnifica. Há, no país irmão, homens de grande envergadura intelectual servida por sólida cultura e uma mentalidade esclarecida para a compreensão dos horizontes abertos aos povos pelo progresso e evolução da Humanidade. Mas o que mais viva admiração causa e toca fundamente quem chega de Portugal, é o conhecimento profundo que aqui todos revelam em relação á nossa vida e á nossa história, literária e política. E, mais do que isso, homens como Osvaldo Aranha, João Neves da Fontoura, Edmundo da Luz Pinto, Olegário Mariano, Pedro Calmon, Castro Filho, João Lira Filho, e outros, deixam transparecer a sua desinteressada e sincera amizade por Portugal, não se cansando de elogiar a nossa gente, os nossos costumes, as nossas tradições e o nosso progresso.

A maior ambição

A admiração e o prestígio do nosso País no Brasil, não se circunscreve, aliás, ás camadas intelectuais ou ás individualidades políticas. É, antes, um sentimento comum, natural, que atingiu todas as classes e os diferentes sectores de actividade nacional. Talvez por isso as Brasileiras, esposas de Portugueses, falam da nosas terra com tanto ou mais entusiasmo e que os próprios maridos, pedindo-lhes que as tragam para Portugal. Entretanto, não é dificil observar a onda de simpatia, a curiosidade por tudo que se relaciona com Portugal e o respeito pelo seu nome, que se espalhou entre todo o público deste gigantesco país. Poderia até dizer-se que não há hoje Brasileiro que não tenha a ambição de conhecer Portugal ou revê-lo, se já o conheceram.



A Ba[illegible]a mais notável e flagrante imagem de Portugal do século XVIII no Brasil

Admiráveis Portugueses

A atracção pelo nosso País e a simpatia com que é olhado no Brasil deve-se, em boa parte, ás notícias que aqui chegam sobre a situação económica, financeira e social reinantes no nosso País. E dizemo-lo, sem a intenção de elogiar um regime ou de desprestigiar outro, mas, simplesmente, para pôr em evidência um facto que, a mais de oito mil quilómetros de distancia, toma proporções desconhecidas. Entretanto, há um outro factor a considerar, o que se refere á extraordinária acção desenvolvida pelos admiráveis, e quantas vezes ignorados Portugueses, que mourejam por aqui. Com a sua conduta irrepreensivel, o seu inultrapassavel patriotismo, a sua incansável actividade, o seu espírito abnegado e altruista e a sua dedicação que não conhece limites quando é preciso dignificar e elevar o nome da sua terra, eles têm contribuido também, poderosamente, para criar e alicerçar esse ambiente de admiração e de estreita amizade que a gente brasileira nutre pela Pátria e pelo povo portugueses.

Elevados sentimentos humanitários

Através dos depoimentos que vão ficar arquivados nas páginas deste jornal ou nas reportagens que nos falam dos Portugueses do Rio de Janeiro, poder-se-ão, de resto, colher imagens e ideias vivas dessa labuta quotidaina, ao mesmo tempo simples e heroica para erguer com o seu esforço e sem compensações (antes suportando, por vezes, pesados encargos financeiros e sacrificios pessoais) uma série de instituições de diferente finalidade e que são, ao mesmo tempo, notáveis empreendimentos ao serviço da assistência, da cultura, da educação física, etc. Em todas elas há, sem dúvida, através da sua história ou no momento actual, a presença de altas figuras, de homens devotados ao bem, verdadeiros altruistas atrás de um idealismo superior, que deram corpo, transformando em magnifica realidade aquilo que era veemente desejo de tantos outros, ignorados, mas em cujo coração viviam os mais nobres e elevados sentimentos. Por isso as raelizações da colónia são na sua essência a expressão do espírito inigualável e das mais raras qualidades dos Portugueses, afirmadas de maneira surpreendente em terras brasileiras. Falam por todos os que venham, as obras de Beneficência Portuguesa, do Gabinete Português de Leitura, do Liceu Literário Português, do Clube Ginástico Português e do Clube de Regatas Vasco da Gama. Isto, aliás, para falar só de alguns.

Força inigualável

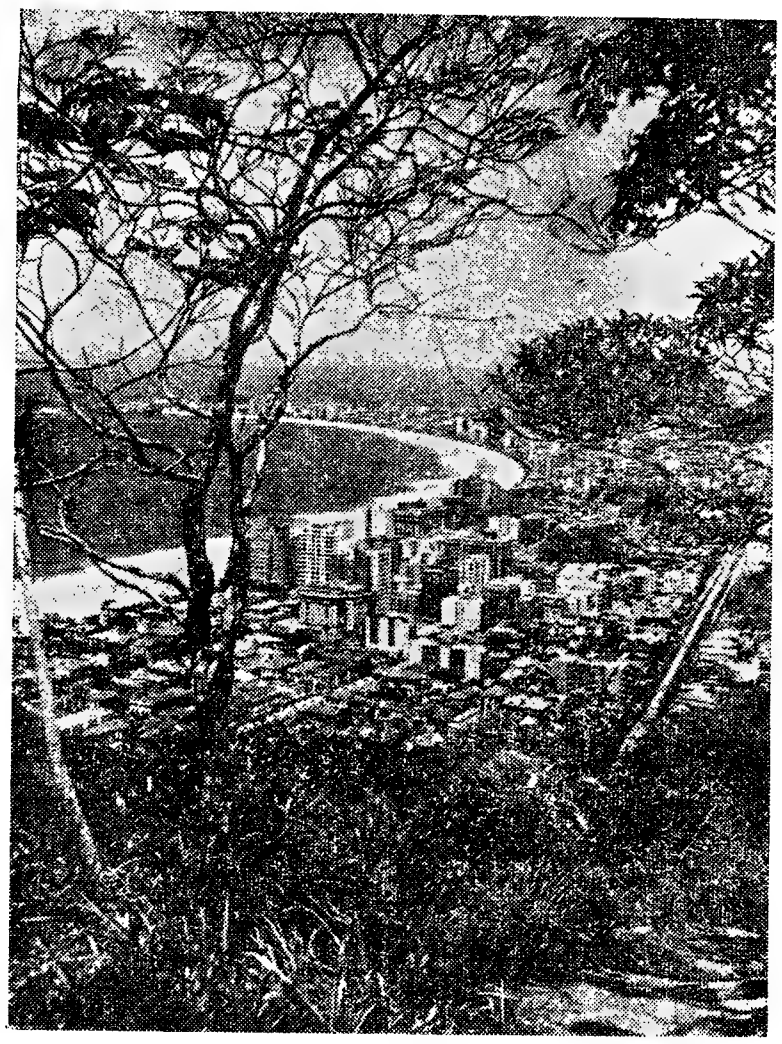
Porque, não se julgue que são estas, apenas, a sobras de carácter e sentido português, existentes no Rio de Janeiro ou muito menos em todo o seu Estado. Há, ainda, muitas outras de grande significado e importancia. Não queremos alongar-nos, pelos seus anos de vida e pela projecção criada á volta da colónia lusa. Constituem as pedras de toque do seu entranhado portuguesismo, na nobreza, elevação e dignidade dos seus sentimentos, servidos por um espírito abnegado e empreendedor. As restantes — e tantas elas são — enquadram-se, perfeitamente, no âmbito daquelas de que traçamos adiante, um rápido perfil, estando ligadas e identificadas por um elo comum.

Entretanto, a acção dos Portugueses no Brasil não se limita á criação de umas tantas instituições de beneficência ou a amealhar uns cruzeiros através da sua esgotante actividade comercial, industrial ou financeira. Não. Ela é muito mais vasta e extremamente complexa. Para se poder avaliar em toda a sua magnitude e expressão, seria preciso um estudo que envolvesse a própria génese da vida brasileira. Há, porém, que atender ao velho génio civilizador português que deu ao Brasil uma mentalidade nova. E isto porque o nosso homem, ao contrário do que está largamente divulgado, não é apenas um excepcional elemento de trabalho. Tem alguma coisa mais, uma inteligência arguta e um inteiro sentido da sua missão em qualquer campo a que for chamado a empregar a sua actividade. Por isso, ao debruçar-se sobre a vastidão do território do Brasil, cujas proporções, dificilmente se apreendem, o Português vê diante dos seus olhos, sagazes e prescrutadores, um mundo novo, enquanto aos seus ouvidos chega a voz do matuto, lá do interior, que lhe diz: «o mato é largo, senhor!...».

A partir desse momento, sente que a sua existência terá de ser conduzida por um caminho mais amplo e de mais dilatadas perspectivas. Essa ideia jamais abandona o seu pensamento que vai evoluindo até atingir, por vezes, uma forma superior e moderna da comprensão dos problemas.

E, no seu espírito, nunca deixa de ter presente que «o mato é largo, senhor!...».

LOPES DO SOUTO



Copacabana, um dos grandes centros elegantes do Mundo, incrustada na concha doirada da Guanabara

A opinião
de João Neves da Fontoura

(Continuação da 4.ª página)

julgou — e com razão que assunto tão magno pudesse ser resolvido em tão poucos dias e sem um exame aqui pelo Presidente Dutra e outras altas autoridades da época.

Não teve, assim, seguimento ainda naquela oportunidade a iniicativa que depois veio a concretizar-se no vigente Tratado de Amizade e Consulta.

Por essa razão é que o embaixador Gracie trazia o assunto ao meu exame, rogando-me uma decisão. Está claro que vi com os melhores olhos a possibilidade de levar a cabo a obra que me coubera começar mais de cinco anos antes. Imediatamente telegrafei ao embaixador Gracie, autorizando-o a levar o texto ao Ministério dos Estrangeiros de Portugal, como base para a discussão.

A negociação prosseguiu sem dificuldades. De um lado e outro só havia boa vontade.

O embaixador de Portugal, no Rio, o ilustre sr. António de Faria, como o embaixador Gracie, em Lisboa, foram incansáveis artífices do instrumento internacional, que assinalou um grande passo para a comunidade luso-brasileira.

De Vargas posso depor que deu sempre mão forte á nossa iniciativa.

Apenas não me coube a satisfação de subscrever o Tratado, como plenipotenciário do Brasil, e sim ao meu digno sucessor, o Professor Vicente Rao. Mas, quando deixei a direcção do Itamaraty, já os textos se achavam aprovados pelos dois Governos.

Agora, é seguir avante. Os acontecimentos exigem cada vez mais que se unam as Nações do Ocidente, sobretudo aquelas que são galhos da mesma árvore, como Portugal e Brasil. Só a esse preço é que a nossa civilização escapará ao perigo do comunismo internacional. Ainda habitamos uma faixa do mundo livre. Até quando? Depende de nós.

Duas vezes pôsto das chamas

o Clube Ginástico Português

reune à volta das suas modelares instalações

Portugueses e Brasileiros do mesmo sangue

É uma moderna e elegante construção de linhas sóbrias o edifício do Clube Ginástico Português

O Real Sociedade Clube Ginástico Português é uma reafirmação do poder realizador do povo lusitano e um dos motivos de orgulho da nossa colónia, no Brasil. Fundado a 31 de Outubro de 1868 por dois irmãos, João José e António José Ferreira da Costa, contando com o decidido apoio de Manuel Mariano Ribeiro e mais dezoito associados, já a 31 de igual mês de 1872 — ou sejam quatro anos após a sua fundação — inauguravam sede própria no mesmo local em que haviam fundado a colectividade.

O progresso meteórico da associação poder-se-á medir pela série de melhoramentos que num curto prazo se verificaram. Contando apenas sete anos de existência, possuia já, em época de pouco entusiasmo pela educação física no Brasil, escolas e ginásios de esgrima, musica e corpo cénico, procurando levar á prática do desporto e da arte a mocidade brasileira.

Tão assinalados serviços prestou nos seus primeiros anos de actividade que antes de completar nove anos, o rei D. Luís de Portugal, baseando-se na finalidade «util a que se destinava», concedeu-lhe o título de Real Sociedade, sendo autorizado a usar tal designação por decreto da princesa imperial do Brasil, Isabel, a «Redentora».

De conquistas em conquistas, o Ginástico Português foi conquistando através de dificuldades, êxitos que haviam de culminar nas suas belas realidades presentes. De facto, no momento, o clube está instalado num moderno edifício, localizado numa das artérias principais da capital brasileira, no mesmo terreno onde se ergueu o primeiro prédio, possuindo excelentes instalações desportivas que possibilitam o exercício físico e mental da juventude, revesando-se no adestramento do corpo e no enobrecimento do espírito, as novas gerações de Brasileiros e Portugueses, abrigadas sob o seu tecto hospitaleiro como o próprio Portugal.

Marcado pela fatalidade

Todavia, o Clube Ginástico Português também teve as suas horas graves e duas delas bem sinistras, pois o fogo devorou-lhe as instalações e tudo o mais que era o seu património material e espiritual.

O primeiro desses incêndios verificou-se em 1934, precisamente a 20 de Agosto, ficando então totalmente destruido, o edifício construido em 1911 e danificados, seriamentes os melhoramentos concluídos em 1931.

A reconstrução do prédio começou logo, porém, a 10 de Novembro, do ano seguinte, quando na presença do prefeito da cidade, era lançada a pedra fundamental do novo edifício. A reconstrução começava, propriamente, só em 1936, sendo o edifício entregue aos sócios a 20 de Agosto de 1938.

Estava escrito, porém, que não seria este o ultimo sinistro a cair sobre o tradicional centro de educação física e artística luso-brasileiro, pois, agora, em plena fase de preparativos para a recepção ao presidente da Republica portuguesa, foi novamente atingido pelo fogo que destruiu, totalmente o seu teatro e causou sérios estragos no salão nobre e noutras dependências, subindo os prejuizos a alguns milhões de cruzeiros.

Lance dramático

No incêndio de 11 do mês de Maio findo, uma vida se perdeu, em lance heróico, sufocada pelo fumo e envolta pelo lençol ardente, a de Jaime Onyldo Cabral. Jovem empregado, tendo trocado o dia de folga com outro colega que necessitava de ultimar negócios naquela data, só tarde se apercebeu de que o fogo ameaçava o teatro que faz parte do prédio do clube e que estava arrendado ao Teatro Brasileiro de Comédia que tinha em representação a peça de Tenesse Williams «Gata em tecto de zinco quente», interpretada pela grande artista brasileira Cassilda Becker.

Decidido, lançou mão do extintor de incêndio e, só tentou dominar as chamas. Era, porém, muito tarde.

Cansado, sentindo a inutilidade da sua luta, mesmo assim não fugiu. Continuou a lutar e procurou o aparelho telefónico, a fim de avisar os bombeiros. Entretanto, a morte acabou por abatê-lo com o extintor numa das mãos e o telefone na outra.

A acção do fogo, avassaladora, destruiu, totalmente, o teatro que fica, justamente, sob o salão nobre do clube, prejudicando a estabilidade do seu piso. Ameaçava ruir e verificou-se uma depressão em determinado local, onde operários ultimavam os preparativos para a ornamentação destinada á recepção ao general Craveiro Lopes.

Diante da ameaça que pairava, em face do aparecimento da depressão no piso do salão nobre, a direcção do Ginástico adoptou as providências indispensáveis. Deste modo, o chefe do Estado português será recebido naquela dependência durante o banquete que a colónia lhe oferecerá no dia 9.

Mais uma vez os homens portugueses provaram a sua decisão perante a fatalidade, vencendo dificuldades.

Magníficas instalações

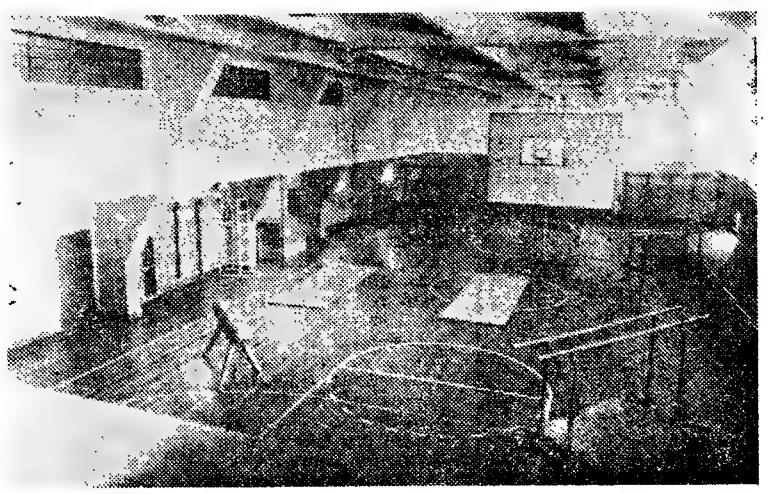
O Clube Ginástico Português está, magnificamente instalado — dissemo-lo já — em sede própria de dez andares. No 1.º pavimento ficam-lhe o «hall» de elevadores e entrada interna para o Teatro Ginástico que é uma das grandes fontes de receita da colectividade. No «hall» há um retrato do fundador, João José Fererira da Costa, com seu irmão, António José. No 2.º pavimento, fica-lhe o amplo salão de festas; no 3.º, o balcão do salão de festas e «hall» de elevadores com sala de recepção; no 4.º pavimento, barbearia, biblioteca, sala da direção, sala de estar, restaurante e cozinha; no 5.º pavimento, «bar», sala de televisão, salas de bilhares e de jogo de cartas; no 6.º e 7.º pavimentos, ginásios (para menores e adultos), vestiários femininos e masculinos, sala de xadrez, sala de fisioterapia (duches, vapor, sala de massagens, gabinete médico, salas para aplicações de ondas curtas, ultravioleta, etc.); no 8.º pavimento, rouparia, vestiário de menores almoxarifado e arrecadação; no 9.º pavimento-piscina e sala de pesos e halteres e, finalmente, no 10.º pavimento-terraço com a casa das máquinas.

Actividades actuais

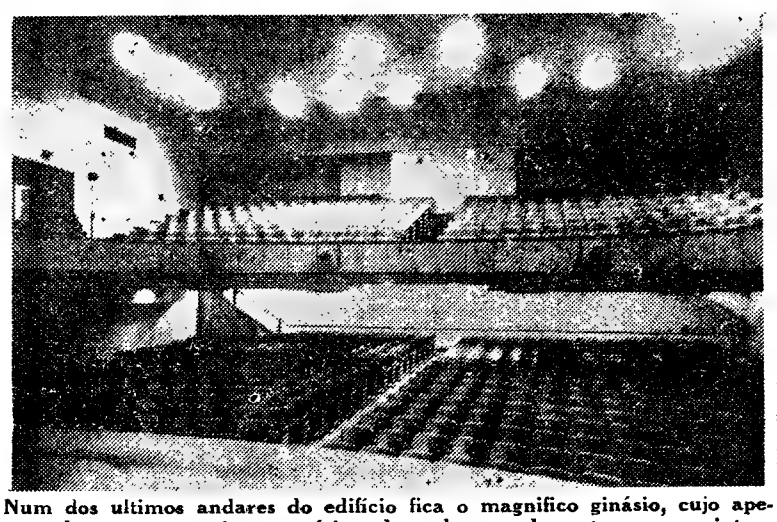
Sem ter em conta trabalhos mas o propósito firme de tornar o Clube Ginástico Português de significado cada vez maior, as suas sucessivas direcções têm apresentado sempre programas que atraem novos associados. Estes são no momento, nada menos de 13.967, dos quais uma grande parte pertencentes á colónia portuguesa. Daquele total, 2.447 praticam o desporto, defendendo o nome da associação nas competições oficiais de voleibol, ginástica, halterofilismo, basquetebol, natação, saltos, «water-polo», handebol, futebol de salão, esgrima, «jiu-jitsu», sem falar do «ballet»-aquático que é um dos melhores grupos do Rio de Janeiro.

Com uma administração capaz e incansável, o Ginástico Clube Português continua a desenvolver-se, apesar dos contratempos porque acima de tudo há a determinação de uma raça que sabe enfrentar, como nenhuma outra, a adversidade e vencer as dificuldades.

A direcção do Clube Ginástico Português é constituida (no 1.º plano, da esquerda para a direita) pelos srs. Damião António Dias Junior (vice-presidente); António Garcia (presidente); Francisco Morais Sarmento (do departamento de Finanças); e Manuel Gomes de Oliveira (relações internas). No 2.º plano, dr. Alfredo Souto de Almeida (relações sociais); Aguinaldo Santos e dr. Jaime Gomes da Cruz (cultura e divulgação); Manuel Faria da Silva (património) e Augusto Ribeiro de Araujo (actividades artísticas)



Era este o moderno Teatro do Ginástico, destruido pelo incêndio de Maio findo e que a tenacidade dos homens reconstruiu a tempo de receber o presidente Craveiro Lopes



Num dos ultimos andares do edifício fica o magnifico ginásio, cujo apetrechamento permite a prática de todos os desportos em recinto fechado

Associações Portuguesas do Rio de Janeiro

Com a indicação da sede, seu actual presidente e data da fundação.

Banda Lusitana — Praça 15 de Novembro, 3-1.º — António Fernandes da Costa — Fundada em 19 de Junho de 1923.

Camara Portuguesa de Comércio e Industria — Av. Presidente Vargas, 463-14.º — Alfredo Monteiro Guimarães — Fundada em 10 de Agosto de 1912.

Casa dos Açores — Av. Melo Matos, 25 — João Soares de Medeiros — Fundada em 17 de Julho de 1952.

Casa das Beiras — Rua Barão de Ubá, 341 — Israel da Silva Fontes — Fundada em 19 de Novembro de 1953.

Casa Ilha da Madeira — Rua Senador Furtado, 36 — Silvestre Vieira Caetano.

Casa do Minho — Rua Conselheiro Josino, 22 — Manuel Fernandes de Brito Filho — Fundada em 8 de Março de 1924.

Casa do Porto — Av. Rio Branco, 47-1.º — António Augusto Marques da Silva — Fundada em 2 de Agosto de 1945.

Casa de Portugal — Rua do Bispo, 72 — Horácio Gomes Salvador — Fundada em 13 de Junho de 1928.

Casa dos Poveiros — Rua do Bispo, 302 — Alvaro Gonçalves da Silva — Fundada em 8 de Janeiro de 1930.

Centro Trasmontano — Av. Melo Matos, 19 — Dr. Bruno José Gonçalves — Fundada em 28 de Julho de 1923.

Legião Portuguesa 28 de Maio — Rua do Lavradio, 100-2.º — José Pereira da Costa e Vale — Fundada em 22 de Julho de 1938.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra — Rua do Bispo, 72 — António Pinto Ferreira — Fundada em 18 de Fevereiro de 1931.

Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados — Av. Henrique Valadares, 158 — Joaquim Alves Santos — Fundada em 14 de Outubro de 1921.

Real Gabinete Português de Leitura — Rua Luís de Camões, 30 — Albino Sousa Cruz — Fundada em 14 de Maio de 1837.

União Portuguesa Oliveira Salazar — Largo de Santa Rita, 6-1.º — Manuel Fernandes da Costa — Fundada em 8 de Janeiro de 1933.

Federação das Associações Portuguesas — Rua Luís de Camões, 30 — Fundada em 14 de Agosto de 1931.

Os mais velhos imigrantes

da colónia portuguesa do Brasil

(Continuação da 7.ª página)

— *Ainda tem parentes em Portugal?*

— *Não me recordo.*

— *Voltou alguma vez á sua terra?*

— *Não, mas gostaria muito de poder lá voltar.*

— *Que pensa da visita do Presidente Craveiro Lopes?*

— *Sinto muito não poder vê-lo e abraçá-lo.*

— *Qual é o seu maior desejo?*

— *Ficar rico.*

O eterno feminismo

Não foi fácil conversar com D. Maria Pureza Monteiro. E tudo por causa do fotografo... Ao aperceber-se da sua presença disse-nos:

— O senhor não vai só entrevistar-me. Aproveitará também a oportunidade para mandar tirar o meu retrato. E isso não quero porque estou muito feia.

Encaminhou-se, imediatamente, para o seu quarto e da porta gritou:

— Espere, por favor, que vôu arranjar-me.

Passada mais de meia hora, a desenvolta nonagenária aparecia, cuidadosamente arranjada, toda de preto com um cordão de oiro e um medalhão com o retrato do marido. Pediu-nos para a companhar até ao jardim e, uma vez ali, sentou-se num banco. Preparamo-nos para desfechar a primeira pergunta quando D. Maria Monteiro verifica que está de meias brancas. Levanta-se, prontamente, para ir substituí-las por outras. Justifica, porém, a sua atitude:

— Estas destoam do conjunto.

O fotografo, contudo, salva a situação, dizendo-lhe:

— Não se preocupe com o pormenor porque farei, apenas, uma fotografia de meio corpo.

Tranquiliza-se D. Maria Monteiro e com ela a sua vaidadezinha, bem feminina, que não cede á idade por mais adiantada que seja...

E por fim o diálogo começou:

— Há quantos anos está no Brasil?

— Vim com 25 anos para aqui.

— Qual a sua profissão?

— Doméstica, mas há tempos, fui guia de cego.

— Porque veio para o Brasil?

— Candidatei-me a um emprego, por intermédio de anuncio.

— Tem família em Portugal?

— Não sei se ainda estão vivos os meus parentes.

— Que regime dominava o Brasil quando cá chegou?

— A Monarquia.

— Já voltou ao nosso País?

— Não, mas tenho grande vontade de lá ir.

— É casada?

— Sim.

— Tem descendentes?

— Cinco filhas e dois filhos.

— Namorou muito?

— Fui noiva duas vezes. A minha vida é um verdadeiro romance. Se a contasse, daria um livro apaixonante, umas vezes com capítulos encantadores, outras com lances bem tristes.

O esforço associativo da colónia portuguesa

testemunha a sua força de coesão

— diz-nos o sr. António Sarda, vice-presidente da Federação

A colônia portuguesa do Rio de Janeiro é uma força coesa, disciplinada, sempre pronta a manifestar os seus altos sentimentos de bondade e humanitarismo, tão característicos da nossa gente, e proclamar o seu inatacável e firme espírito patriótico. Contudo, para que, através dos tempos, se tenha mantido essa comunhão e unidade á volta da bandeira da Pátria e uma identidade de pensamento dirigida num sentido comum, foi necessário que alguns homens abnegados e gozando de simpatia geral, tomassem a iniciativa de orientar e estabelecer a indispensável coordenação de todas as actividades dispersas.

Por isso hoje como ontem, a intensa vida associativa da Colónia é impulsionada por meia duzia dos seus elementos que não olham a sacrifícios, para se desempenharem da sua missão. Entretanto, nesta luta que jamais se extingue para reafirmar sempre o nome de Portugal e congregar os esforços de todos para idêntico objectivo, um nome se destaca, o do sr. António Augusto Alves Sarda.

Desde 1918 no Rio de Janeiro e ocupando, presentemente, um alto posto na vida financeira — é o director do Banco Mercantil de Niteroi — o sr. António Sarda goza na Colónia do maior prestígio pela sua superior conduta, equilíbrio e inteligência, revelados na direcção das diferentes e, de certo modo, numerosas colectividades, em que tem desenvolvido a sua já notável acção.

Por todos considerado, o digno e futuro sucessor do comendador Albino de Sousa Cruz, desempenha, actualmente, além de outros cargos, de carácter associativo, o de vice-presidente da Federação das Associações Portuguesas.

Eis porque a sua opinião autorizada sobre os diferentes aspectos do panorama associativo da Colónia portuguesa do Rio de Janeiro oferece incontestável interesse.

O movimento associativo da Colónia principiou em 1837 com a fundação do Gabinete Português de Leitura. Foi esta a primeira pedra duma obra que viria a tomar grandes proporções. Três anos depois, surgiria a Beneficência Portuguesa, de que foi fundador um emigrado político, José Marcelino da Rocha Cabral, de Macedo de Cavaleiros. Outros se lhe seguiram, na mesma época, com as Ordens Terceiras e as irmandades dos Hospitais do Carmo e da Ordem Terceira da Penitência. Depois, como lhe perguntássemos qual era a finalidade destas instituições, o sr. António Sarda que é um homem extremamente cativante, lembrou-nos ainda que a Beneficência, por exemplo, se destinava, em princípio, a ministrar instrução aos emigrantes portugueses e a repatriar aqueles que por doença não se aclimatassem. Mais tarde passou a funcionar como hospital, auxiliando no combate á epidemia de febre amarela. Contudo, era o espírito de benemerência, indiscutívelmente, que prevalecia em todas as suas iniciativas humanitárias.

ANTÓNIO SARDA

—Como surgiram as outras colectividades? — perguntámos.

—Uma das grandes preocupações da Colónia era a alfabetização dos emigrantes. Foi essa a ideia que presidiu á fundação do Clube Ginástico Português e do Liceu Literário Português. Criaram-se, ainda, outras instituições, algumas delas desaparecidas, até que, em 1923, apareceu outro transmontano, semente lançada á terra brasileira, donde havia de nascer o movimento regionalista triunfante entre Portugueses. Cada província fundou o seu centro regional. Inspirada no centro transmontano e como elemento destinado a congraçar os interesses de todas as províncias, criou-se a Casa de Portugal. A verdade é que alguns centros teriam vida efémera, como o alentejano, o beirão e o duriense.

Mais tarde, por inspiração do cônsul Sampaio Garrido, fundou-se a Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados, destinada a promover a repatriação dos nossos patrícios. Mantinha, além disso, ambulatórios para os sócios. Entretanto a Casa de Portugal alargava a sua acção, construindo um imponente edifício com hospital para prestar assistência aos sócios. Esta obra magnífica foi realizada sob a presidência do comendador José Gomes Lopes que pode considerar-se o seu principal obreiro, tendo dispendido com ela muitos milhares de contos.

Novo surto do regionalismo

Vinha talvez a propósito perguntar como se dera a evolução da actividade associativa nos ultimos tempos. Então, o sr. Sarda lembra que, há uma dezena de anos, o regionalismo teve um novo surto. Fundou-se a Casa do Porto; restaurou-se a Casa das Beiras; a Casa dos Poveiros, fundada havia vinte e seis anos, tomou grande desenvolvimento, adquirindo o ano passado uma nova sede, o mesmo sucedendo com a Casa de Vila da Feira, Terras de Santa Maria e Casa dos Açores que tem dado um contingente de elevado valor cívico e social á vida da colónia.

—O Centro Transmontano — recorda ainda o nosso entrevistado— que há dez anos atrás construiu uma nova sede, presentemente, e actualmente presidida pelo dr. Bruno José Gonçalves e procede a ampliações de grande vulto para corresponder ao desenvolvimento do seu quadro social.

—As sedes de todas estas colectividadec espalham-se pelo Rio de Janeiro ou estão agrupados em determinada zona?

—E' interessante notar-se que todas elas principiaram no centro da cidade e estão hoje a afastar-se para o aristocrático bairro da Tijuca, dispondo de instalações bastante confortáveis e que correspondem perfeitamente, ás finalidades que orientam a sua criação. Devo ainda dizer-lhe que o Orfeão de Portugal iniciou a construção da sua sede na Tijuca. E' um excelente grupo coral que apareceu em 1928, após uma cisão que se verificou no Orfeão Português, fundado em 1917 e que reuniu elevado numero de admiradores, tendo actuação de muito relevo nas festas do centenário. Também por essa altura as bandas de musica da colónia que eram em numero de três, estiveram em evidência, pelo sabor e valor das suas interpretações. Hoje, resta apenas uma dessas bandas—, a que tem o nome de Portugal.

A força e o prestigio

E era a altura de saber qual o papel desempenhado pela Federação das Associações Portuguesas, na vida da colónia. Pelo que o sr. António Sarda nos disse:

—O movimento associativo que constitui, antes do mais, uma grande força moral, está agrupado á volta da Federação, entidade do maior prestígio e preponderancia que representa, colectivamente, perante as autoridades portuguesas e brasileiras os anseios da nossa gente. A Federação teve no seu início o concurso feliz do grande intelectual Carlos Malheiro Dias, seu devotado amigo, contando depois com a dedicação de Portugueses do mais alto valor moral. Lembro-lhe os nomes de Albino de Sousa Cruz, do dr. Sousa Baptista, Alfredo Rebelo Nunes, Ricardo Seabra, Guilherme Perestrelo d'Orey, Alfredo Monteiro Guimarães e os irmãos António e Franklin Cepas, sem falar em muitos outros entusiásticos patriotas, em numero superior a cem, que constituem o conselho da colónia.

E prosseguindo:

—Foi também a Federação que há vinte e cinco anos instituiu o Dia de Camões, a 10 de Junho, como a data escolhida para a festa da colónia, realizando-se sempre no Gabinete Português de Leitura grandes solenidades comemorativas em que, normalmente, usam da palavra um orador brasileiro e um orador português, sempre figuras dos quadros intelectuais luso-brasileiros.

A finalidade das associações

Há quem não concorde com a dispersão da colónia em vários nucleos associativos, defendendo o ponto de vista de que uma concentração, especialmente de todas as colectividades regionalistas, traria maiores beneficios para a sua verdadeira finalidade.

Ouçamos, por isso, o pensamento do nosso entrevistado:

—Entendo que a dispersão dos elementos da nossa colónia por vários blocos — chamemos-lhes assim — ligados pela mesma ideia e com idêntico objectivo, serve de igual modo a causa em que todos andamos empenhados, desde que abandonamos a nossa Pátria. As associações mantêm sempre vivo o interesse dos Portugueses pela terra de origem e são elementos de grande projecção e utilidade para o entrelaçamento das relações de amizade com os Brasileiros. Algumas delas, como o Ginástico, o Orfeão e hojo mesmo a Beneficência e casas regionais admitem no seu seio sócios brasileiros que são incondicionais simpatizantes do nosso meio associativo.

O prestigio de Portugal

Demos á entrevista um novo rumo e fizemos ao sr. António Sarda a seguinte pergunta:

—Qual o conceito que Portugal goza de momento, no Brasil?

—O interesse e admiração pelo nosso País manifesta-se nas camadas mais modestas e nas mais altamente intelectualizadas. Ainda aqui há umas duzias de anos, os Brasileiros iam á Europa e só ficavam em Portugal o tempo de escala do barco no porto de Lisboa. Hoje sucede o contrário: vão á Europa, para permanecer a maior parte do tempo em Portugal. O progresso, a doce quietude da terra portuguesa, as suas tradições e o seu povo, o seu passado e o seu presente cativam os Brasileiros que nos visitam, tocados pelo carinhoso tratamento que lhes dispensa a nossa gente.

O sr. António Sarda teve depois palavras altamente elogiosas para a nossa administração publica e, a propósito da visita do sr. presidente da Republica, o vice-presidente da Federação das Associações Portuguesas, declarou-nos:

—A presença do nosso Chefe de Estado em terra brasileira constitui um acontecimento de transcendente importancia e do mais alto significado. Ao mesmo tempo, a assinatura do tratado de amizade e consulta feita com feliz oportunidade perante o Supremo Magistrado da Nação Portuguesa, trará consequências do maior alcance e interesse para os dois povos, concretizando-se, assim, uma série de velhas aspirações.

Não quero deixar de render a minha homenagem ao nosso embaixador, dr. António de Faria pela sua acção inteligente e eficaz, no sentido de dar realidade ao tão histórico documento que consagra perante os povos a comunidade luso-brasileira.

E assim encerrámos o nosso rápido diálogo com o sr. António Sarda. As suas ultimas palavras servem, de facto, para fecho da entrevista.

Constituem o directório da Federação das Associações Portuguesas da esquerda para a direita) os srs. Joaquim Fernandes Bordalo, de Alverca da Beira (Guarda), há 34 anos no Brasil; Francisco António Cunha, de Bornes (Macedo de Cavaleiros), há 29 anos residente no Brasil; Joaquim Alves dos Santos, de Grijó (Vila Nova de Gaia), desde 1910 no Brasil, onde preside á Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados; Aventino Fernandes da Silva, Laje, de Laundos (Póvoa de Varzim), 30 anos de permanência no Brasil; João Pires Claro, de Viseu, e há 45 anos no Brasil; António Augusto Alves Sarda, de Vila Real, há 30 anos residente no Brasil; Alfredo Monteiro Guimarães, natural do Porto, residente no Brasil, desde 1925; dr. José Calmon Botelho, de Porto de Mós, residindo no Brasil, desde 1953; Manuel Fernandes de Brito Filho, de Aboim das Choças (Arcos de Valdevez), há 52 anos no Brasil, é o actual presidente da Casa do Minho; João Soares de Medeiros (encoberto), natural de Angra do Heroismo, está no Brasil desde 1925 e é presidente da Casa dos Açores; Álvaro Gonçalves da Silva, natural de Póvoa de Varzim, é hoje presidente da Casa dos Poveiros; Manuel Fernandes da Costa, de S. Martinho da Gandara (Aveiro), residente no Brasil há 39 anos, actual presidente da União Portuguesa Oliveira Salazar; e António Augusto Marques da Silva, natural do Porto, há 16 anos no Brasil onde preside á Casa do Porto

Associações Luso-Brasileiras do Rio

Indica-se a localização da sede, actual, presidente e data da fundação.

Associação Atlética Portuguesa — Rua Barão de São Félix, 16 — Eduardo Nunes dos Reis — Fundada em 17 de Dezembro de 1924.

Banda Portugal — Praça 11 de Junho, 26-1.° — João Baptista Lauria — Fundada em 26 de Agosto de 1921.

Benemérita Associação Portuguesa Memória a Luís de Camões — Rua da Conceição, 19-1.° — Fundada em 10 de Junho de 1880.

Caixa Beneficente dos Filhos de Seixas — Rua do Bispo, 72 — Carlos Luís Esmeriz — Fundada em 13 de Janeiro de 1929.

Casa da Vila da Feira e Terras de St.ª Maria — Rua Hadock Lobo, 195 — Silvio António da Silva — Fundada em 6 de Julho de 1953.

Centro Alcofrense — Rua do Bispo, 72 — António Cid Lopes — Fundada em 6 de Agosto de 1944.

Centro Luso-Brasileiro Paulo Barreto — Rua do Lavradio, 100-1.°

Centro Santacruzense e Beneficência e Progresso — Rua Conselheiro Josino, 22 — Joaquim Diogo — Fundada em 30 de Junho de 1945.

Clube de Regatas Vasco da Gama — Av. Rio Branco, 181-9.° — Dr. Artur Pires — Fundado em 21 de Agosto de 1898.

Fraternidade dos Filhos da Lusitania — Rua Buenos Aires, 170-1.° — Fundada em 8 de Julho de 1882.

Liceu Literário Português — Rua Senador Dantas, 118 — Com. José Rainho da Silva Carneiro — Fundado em 10 de Setembro de 1868.

Orfeão Portugal do Rio de Janeiro — Rua do Senado, 267 — Dr. Delio Ribeiro de Sá — Fundado em 26 de Maio de 1926.

Orfeão Português — Rua dos Andradas, 59 — Com. Albertino Joaquim Pinto — Fundado em 25 de Junho de 1915.

Real Associação de Socorros Mutuos Memória a D. Luís I. — Rua Buenos Aires, 170-1.° — Fundada em 19 de Abril de 1876.

Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência—Rua Santos Amaro, 80 — Franklin Bebiano Ceppas — Fundada em 17 de Maio de 1840.

Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V — Avenida Marechal Floriano, 185 — Barão de S. João de Loureiro — Fundada em 31 de Maio de 1863.

Real Centro da Colónia Portuguesa — Rua Buenos Aires, 170-1.° — Fundado em 23 de Dezembro de 1892.

R. S. Clube Ginástico Português — Av. Graça Aranha, 187 — António Garcia — Fundado em 31 de Outubro de 1868.

Real Associação Beneficente Condes de Matozinhos e São Cosme do Vale — Rua Buenos Aires, 170-1.° — Fundada em 15 de Agosto de 1885.

O prestigioso Gabinete Português de Leitura

por um impulso de Portugueses

e é um repositório variado e altamente valioso

Foi numa época verdadeiramente difícil para os Portugueses, que sofriam, no seu território, as consequências das lutas fraticidas entre os partidários de D. Miguel e D. Pedro e, no Brasil, um clima de intranquilidade em face da possibilidade de virem a sofrer violências, tendo em vista as rebeliões surgidas logo após a proclamação da Independência brasileira, que se fundou o Real Gabinete Português de Leitura, um dos mais importantes centros de cultura de todo o Brasil. Coube, aliás, a um emigrado político português a ideia da sua fundação. Tendo chegado ao Rio de Janeiro em 1829, esse emigrado político—José Marcelino da Rocha Cabral, formado em Direito na Universidade de Coimbra—reuniu, imediatamente, alguns condiscípulos e irmãos de crenças liberais, dentre os quais Francisco Eduardo Alves Viana, natural da ilha da Madeira, negociante estabelecido, então, na Rua do Ouvidor, e o dr. António José Coelho Lousada, em cuja residência, á Rua Direita (hoje Rua Primeiro de Março) n.° 20, a 14 de Maio de 1837, se fundava o Gabinete Português de Leitura. Quarenta e três pessoas participaram da assembleia que ia fundar a nóvel sociedade, não tendo havido nenhuma voz discordante.

Dirigentes e direcções

Nessa sessão inicial foi eleita a mesa da assembleia geral dos accionistas subscritores para dirigir os trabalhos das sessões seguintes, bem como uma outra para organizar o projecto dos estatutos. Posteriormente, a 4 de Junho do mesmo ano, foi eleita a primeira direcção de acordo com os estatutos prévlamente elaborados e aprovados, a qual ficou a ser constituída pelo dr. José Marcelino da Rocha Cabral, João Joaquim Pestana, Francisco Eduardo Alves Viana, Luís Miguel Afonso, José de Almeida e Silva Joaquim José Pinto de Lima e Agostinho Correia de Azevedo.

Após a aprovação dos estatutos e tendo já nomeados os seus corpos gerentes, o Gabinete Português de Leitura iniciou, própriamente as suas actividades de cunho cultural, funcionando inicialmente na Rua de S. Pedro, n.° 83, junto da antiga igreja de igual invocação (demolida por ocasião da abertura da Avenida Presidente Vargas). Em 1842, a sede do Gabinete foi transferida para a Rua da Quintanda, n.° 55; em 1850, mudou-se para a Rua dos Beneditinos .° 12, onde permaneceu até á sua definitiva instalação, no majestoso edifício da Rua Luís de Camões, n.° 30, solenemente inaugurado na noite de 22 de Dezembro de 1888, com a presença de figuras eminentes nas letras, política e diplomacia. Entre as grandes figuras, as maiores o imperador D. Pedro II e Joaquim Nabuco.

O escrinio com a cadeia e o relógio de bolso que pertenceram a Guerra Junqueiro e que foram oferecidos ao Gabinete Português de Leitura pelo falecido presidente da Republica, dr. António José de Almeida, por ocasião da sua visita ao Brasil

O que são as instalações de hoje

E' impressionante e sumptuoso o edifício-sede do Real Gabinete Português de Leitura, construído em pedra e ferro, no rigoroso estilo manuelino. O seu projecto foi traçado em Lisboa pelo arquitecto português Rafael da Silva e Castro. Na fachada toda de pedra lavrada, estão os bustos de Camões, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e o infante D. Henrique. O interior do edifício, por sua vez, é grandioso e imponente. Dezenas e dezenas de estantes pejadas de livros, alinhadas á volta da sala onde funciona a biblioteca, impressionam logo o visitante, que vê a seguir, as duas enormes galerias rendilhadas de ferro e algumas soberbas colunas de bromze, guarnecidas de ouro velho, bem como o monumental e artístico lustre pendente de uma claraboia de lindos e coloridos vitrais.

As decorações e pinturas do Gabinete constituem um encanto para os olhos; sobretudo as que estão nas duas salas de entrada, onde figuram alguns quadros de Malhoa e Eduardo Malta e vários objectos de arte, dois dos quais são o relógio que pertenceu a Guerra Junqueiro e foi depois oferecido á instituição pelo falecido presidente da Republica, dr. António José de Almeida, e a histórica pá de prata que serviu parya argamassar a pedra fundamental do edifício e que foi usada, pela primeira vez, pelo imperador Pedro II. Na sala á direita, usalmente destinada á recepção dos visitantes ilustres, autoridades e outros convidados, vêem-se também um busto, de bronze, de D. Carlos I, obra de Costa Mota (tio). Foi oferecida ao Gabinete pela Comissão constituída para receber D. Carlos na sua projectada viagem ao Brasil, prejudicada pela tragédia de 1 de Fevereiro de 1908. Um retrato a óleo, de Alexandre Herculano, — que foi patrono do Gabinete e seu presidente honorário—assinado por «Rodrigues» e datado de 1861 —foi uma oferta da Sociedade Madrépora á direcção do Gabinete.

Na sala á esquerda, reunem-se nas suas sessões ordinárias, a direcção e o conselho deliberativo da instituição. Também nesta sala, se guarda um sem numero de objectos de arte e duas telas de Malhoa: «O Sonho do Infante» e «Descobrimento do Brasil».

Livros e obras de arte

Do vestíbulo que separa estas duas salas, passa-se para um pequeno átrio e deste para o vasto salão da biblioteca, pelos seus anos de existência e qualidade e quantidade das suas colecções bibliográficas considerada uma das mais completas do Brasil. O numero dessas espécies ascende hoje a 200.000 volumes, devidamente classificados e catalogados, datando os primeiros catálogos de 1840, 1844, 1846 e 1858, e o penultimo de 1868 organizado por Manuel de Melo, bibliófilo ilustre que lhe juntou muitas notas biográficas. Vinte e sete anos depois ou seja, em 1895, o historiador e bibliófilo brasileiro Ramiz Galvão encarregou-se—aceitando o convite que lhe foi feito—de elaborar o catálogo geral da biblioteca, usando então o sistema decimal de Dewey na classificação das espécies. Durou cinco anos o trabalho meticuloso de Ramiz Galvão e consta de dois grossos volumes, abrangendo tudo quanto em matéria bibliográfica entrou no Gabinete, desde os seus primrdios até 1905, ano em que foi publicada no Rio de Janeiro.

O soberbo recinto da biblioteca mede 400 metros quadrados de altura 23 metros e meio na vertical, tirada desde o pavimento ladrilhado a mosaico, até á claraboia de vitrais coloridos que ilumina e cobre toda a slala. Ao centro do salão e desta mesma claraboia, pende o artístico e monumental lustre que ilumina todo o recinto nas noites de grande solenidade. Também a biblioteca é um depositário de valiosas obras de arte, a começar pelo soberbo busto de Camões, fundido em bronze e original de Pinto do Couto, que parece dominar todo aquele ambiente austero e respeitável. A' esquerdà e á direita da grande mesa de jacarandá, destinada á presidência das sessões solenes, estão dois magníficos bustos de mármore, um assinado por Simões de Almeida e outro por Costa Mota. São de Eduardo Lemos e Ramalho Ortigão, que foram, respectivamente, os presidentes da instituição no acto do lançamento da pedra fundamental do edifício (1880) e na solenidade da inauguração (1887). Há, ainda, artísticamente dispostos por todo o impressionante recinto, outros objectos de arte e valor, tais como («altar da pátria), que figurou na Exposição Internacional de 1922, adquirido por um grupo de Portugueses e depois oferecido ao Gabinete; o modelo da canhoneira «Pátria», construída em Lisboa e oferecida ao Governo de Portugal pelos Portugueses do Brasil, e, ainda, a artística vitrina de jacarandá e cristal com o «Relicário da Saudade», em sentida homenagem a Sacadura Cabral. Nas galerias vêem-se também um outro busto de Camões, os de Camilo Castelo Branco, Gago Couti-

Um voto

que se cumpriu

Em 21 de Agosto de 1898, um grupo de Portugueses e Brasileiros, com os olhos voltados para o futuro das duas grandes Pátrias e pensando na epopeia dos navegadores resolveu fundar o Clube de Regatas Vasco da Gama, que desde o primeiro estatuto teve por fim, praticando a principio o remo e mais tarde todos os desportos, trabalhar pela constante aproximação do Brasil e Portugal.

Esse voto manteve-se inalterável nestes cinquenta e nove anos de vida fecunda. E hoje, mais do que ontem, está enraizada na alma do vascaino, esse sentimento de que aqui não há Brasileiros nem Portugueses, mas homens de boa vontade que, sem indagar de nacionalidades. se preocupam em tornar cada vez mais forte e poderoso o seu clube. Este deixou de ser uma expressão do Brasil ou de Portugal, para ser uma afirmação dessa Raça admirável, a deste Mundo Novo que fala o mesmo idioma e assentou as suas convicções na Civilização que, partindo do Tejo, veio ás Américas, á Africa, ás Indias e á Asia, que levou, enfim a todos os continentes a sua fé inquebrantável.

Praticando todos os desportos, possuindo estádios majestosos de futebol e natação, ginásio e três sedes em continuo funcionamento, o Vasco da Gama tem no Brasil mais de dois milhões de adeptos e um quadro social que, sózinho, é mais numeroso do que os outros onze maiores clubes de futebol da capital da Republica reunidos.

Os actuais dirigentes do Clube de Regatas Vasco da Gama são, da esquerda para a direita, no primeiro plano, os srs. Candido Carvalho (vice-presidente); Aquiles Astuto (vice-presidente administrativo); Alberto de Carvalho e Silva (vice-presidente do conselho deliberativo); dr. Artur Pires (presidente); dr. José Osório (presidente do conselho deliberativo); Firmino Morais (da secção de voleibol). No segundo plano, também da esquerda para a direita, dr. Rubem Baptista (vice-presidente dos desportos aquáticos); Manuel Salvador (do departamento infanto-juvenil); João Ribeiro (do património); Edgar Campos (do departamento social); Armando Marcial (vice-presidente dos desportos aquáticos); Sousa Fernandes (propaganda); António Bandeira (finanças); Osório Lopes (remo); e Antenor Martins (desportos terrestres)

Quanto á sua expressiva e simbólica bandeira, tem origem na gloriosa história da epopeia dos navegadores: o preto representa a treva em que viviam os povos descobertos pelos Portugueses; a faixa branca, em diagonal, é a réstea de luz que levou a Civilização ao Mundo Novo; e a Cruz de Malta, a vermelho, é a fé inscrita nos panos pungentes das caravelas.

ARTHUR BRAGA RODRIGUES PIRES
(Presidente do C. R. V. G.)

Conhecermo-nos bem para melhor nos estimarmos

regra de aplicação permanente sugerida por um director do G. P. L.

O dr. Augusto de Sousa Baptista é um dos grandes industriais do Rio de Janeiro e considerado, pela colónia portuguesa do Brasil, um dos mais válidos expoentes da cultura e da inteligência no meio dos que lutam na terra amiga.

Natural de Agueda, de onde saiu há 38 anos, contando, então, 31 de existência, ràpidamente se adaptou ao novo ambiente e construiu alicerces económicos. Consolidou amizades, caminhou com outras figuras da colónia lusitana no Brasil ao encontro de ideais que muito animam os verdadeiros Portugueses.

Há 26 anos director do Gabinete de Leitura, dois outros pares, apenas, lhe vão á frente na orientação dos destinos daquela casa de cultura, os comendadores Sousa Cruz e Alfredo Rebelo Nunes.

Campanha dos 10 mil contos

Em entrevista concedida ao «Diário de Lisboa, o industrial que é o intelectual Augusto de Sousa Baptista, assim falou da obra admirável do Real Gabinete de Leitura:

—Estamos empenhados na campanha pela construção de um edifício que nos possibilite uma receita mensal de cem contos, a fim de fazer face ás despesas com a conservação desta obra de Portugueses, a favor da cultura do povo. Necessitamos, para tal, de dez mil contos e já conseguimos, em menos de dois meses, metade desta quantia, vinda das mais diversas procedências. Uns enviam-nos quinhentos mil réis, outros cinco contos. Enfim, cada qual contribui na medida da sua capacidade financeira, de boa vontade; ás vezes, até, escondendo-se no anonimato. Operários portugueses, desconhecidos, sabendo da nossa campanha, trazem o produto do seu trabalho e colaboram para que amealhemos, no mais curto prazo, a quantia que desejamos para concretização do nosso plano financeiro. Ainda recentemente um modesto trabalhador, que recebeu um aumento de salário, nos veio trazer cinco contos.

Necessária a obra

O sr. dr. Augusto de Sousa Baptista passa depois a explicar a razão da deliberação adoptada:

—Todos nós, os directores do Real Gabinete de Leitura, temos encargos que não se medem, apenas, pelo trabalho intenso. Nada se ganha para exercer os misteres pesados de direcção. Pelo contrário: temos de pôr muito dinheiro dos nossos bolsos para manter a instituição. Para que se tenha uma ideia, basta dizer que temos um rendimento de dezasseis contos mensais, para fazer frente a despesas que orçam pela casa dos cem contos. Ora, não havendo fonte de receita, aos directores e amigos do Gabinete cabe entrar com a diferença orçamentária, a fim de que a obra não pereça. Daí, a campanha pela construção de um prédio que garanta um mínimo de cem contos mensais, a fim de livrar o Real Gabinete de Leitura da dependência dos seus dirigentes, vi-

(Continua na página seguinte)

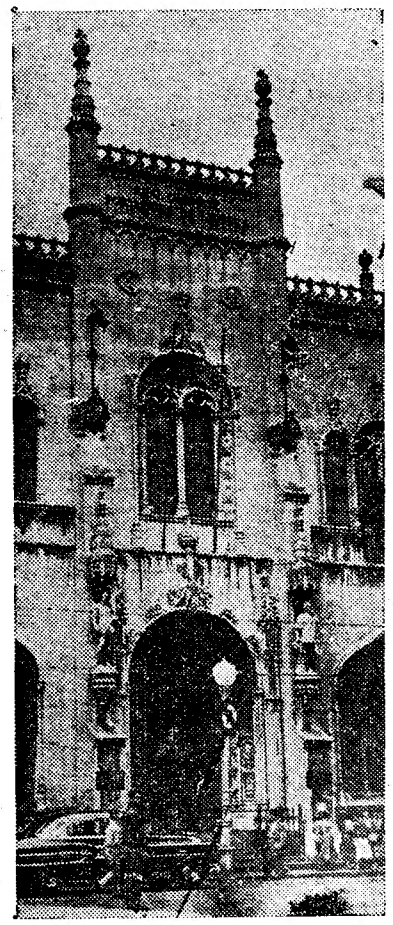
O dr. Sousa Baptista durante uma das ultimas reuniões ocorridas no Gabinete Português de Leitura

foi fundado no Rio de Janeiro

fugidos ao absolutismo

de raras espécies bibliográficas

nho, infante D. Henrique e Paulo Barreto, este ultimo oferecido ao Gabinete pela mãe do saudoso jornalista, que também doou á instituição toda a biblioteca que fora de seu filho, bem como as suas co-



O Gabinete Português de Leitura, cujo corpo central do edifício reproduzimos, é todo decorado em estilo manuelino, em homenagem aos Descobrimentos que nos levaram a Terras de Santa Cruz

mendas, insígnias e outras preciosas recordações.

A Sala dos Brazões

Voltando ao átrio, depois de se deixar o salão da biblioteca que o antecede, fica, á direita, a majestosa escadaria de mármore, em quatro lances, que conduz ao segundo andar. O salão nobre, de magnífico cunho artístico, conhecido pela «Sala dos Brasões». Ali figuram, sob o belo tecto pintado nos tons de purpura e sépia, os brasões das armas das principais cidades portuguesas do continente e do Ultramar. Formam uma cornija de relevos magníficos.

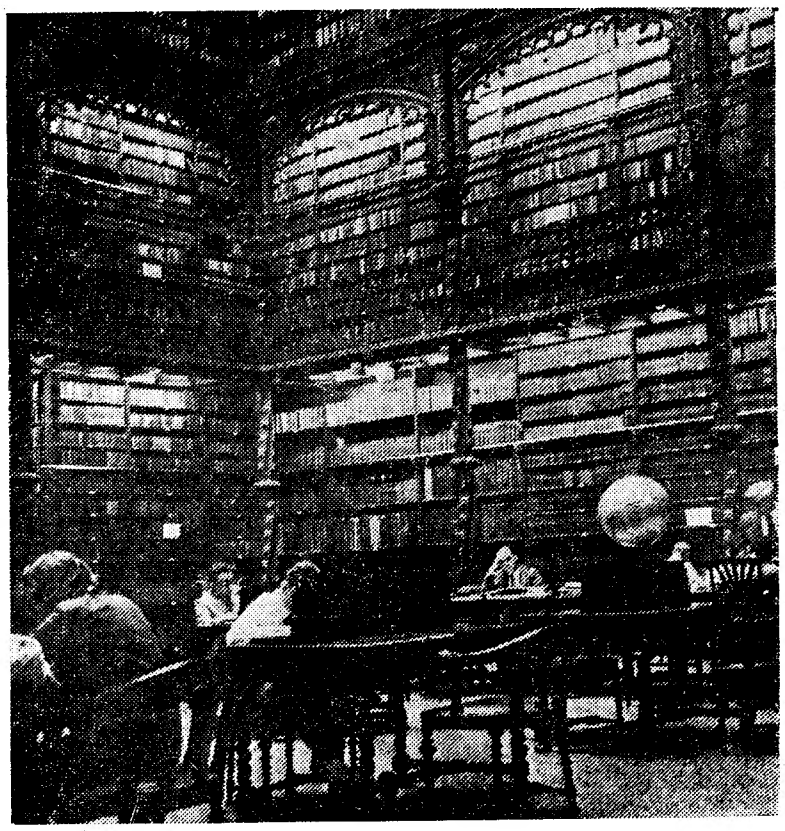
Neste salão para conferências e recepções solenes, tendo-se feito ultimamente, cursos, exposições ou a exibição de filmes culturais que falem do progresso e da vida portuguesa no campo da técnica, da engenharia, do urbanismo, da cultura, enfim.

Obras raras

Como é fácil de imaginar, o Gabinete Português de Leitura possui colecções raras e valiosíssimas, muitas das quais com anotações de Ramiz Galvão, no seu catálogo, com a indicação que proíbe aos conservadores da biblioteca de lhes dar saída para leitura fora da sede da sociedade.

Entre essas obras há as que se tornaram valiosas pela sua raridade, como a primeira edição dos «Lusíadas» (com privilégio Real—Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição & do Ordinário—em casa de António Gonçalves, impressor. 1572); «La relacion que vio Alvar Nuñez Cabeça de Vaca» (Impresso em Zamora por Augustin de Paz y Juan Picardo, 1542); «Verdadeira Informaçam das terras do Preste Joan, sengundo vio e escreveo o padre Frederico Alvarez» (Impresso na casa de Luís Rodrigues, livreiro de sua alteza. Lx. 1540); «Capitolos de Cortes e Leis que se sobre algus delles fezeram» (Impresso por Germã Galharde. Lisboa 1539); e outras cujo valor lhes vem de terem pertencido a homens notáveis ou de terem sido por eles anotadas, como o exemplar dos «Lusíadas» (Edição de 1670) que foi trazido por Sacadura Cabral e Gago Coutinho na primeira travessia aérea de Portugal ao Brasil, em 1922; as «Poesias» de Elpino Duriense (1812), com anotações literárias e gramaticais, autógrafas, do insigne dicionarista brasileiro Antonio de Morais Silva; o «Dicionário Bibliográfico Português», de Inocêncio Francisco da Silva (1858) que pertenceu a Camilo Castelo Branco, com preciosas anotações marginais do punho deste; e o «Dicionário da Lingua Tupy», que é um valioso manuscrito, autógrafo, de Gonçalves Dias, oferecido ao Gabinete, em 1874, pelo dr. Ataliba de Gomensoro (médico brasileiro).

Por tudo isto, o Real Gabinete Português de Leitura que possui a mais importante biblioteca particular da América do Sul, constitui, além do mais, uma admirável afirmação do espírito e da cultura lusitana, mantida no Brasil pela superior devoção patriótica daqueles que, mesmo distantes, jamais conseguem esquecer a pátria gloriosa.



Um recanto da magnifica Biblioteca do Gabinete Português de Leitura

As declarações do dr. Sousa Baptista

sobre a acção empreendida pelo Gabinete

(Continuação da página anterior)

vendo tanto quanto possível dos seus próprios recursos.

A melhor biblioteca do Rio no «solar» dos Portugueses

Continuando a falar desta obra que é orgulho de todos os Portugueses radicados no Brasil, diz ainda o dr. Augusto de Sousa Baptista:

—Temos a melhor biblioteca do Rio de Janeiro, a que mais ràpidamente atende ao leitor que vem socorrer-se dos nossos livros. Contamos com obras que falam do Brasil e de Portugal e fazemos propaganda da Pátria-Mãe, promovendo conferências e mantendo cursos, frequentados por professores e alunos brasileiros.

E prossegue:

—A par desta actividade de aproximação luso-brasileira, mantemos, ainda, reuniões entre Portugueses que aqui residem, partindo das salas do Gabinete Português de Leitura, manifestações que dizem do ideal dos homens que vivem neste país que vieram de Portugal. Todos os acontecimentos de relevo são por nós encarados, partindo do Gabinete fórmulas de expressão que podem ser de aplauso ou repulsa, mas que constituem sempre o sentir e o pensar da gente lusa. Foi assim, ainda há pouco, com o movimento criado á volta da India Portuguesa. Na verdade, o Gabinete Português de Leitura está de tal modo ligado a Portugal, que Malheiro Dias o designou, com muita propriedade, «o solar dos Portugueses».

Relações luso-brasileiras

Abordando outros aspectos mais amplos das relações culturais entre Brasil e Portugal, o dr. Augusto de Sousa Baptista revela a sua franqueza:

—Cada dia se estreitam mais os laços afectivos e as relações culturais entre Brasil e Portugal. Julgo, porém, necessário que estas relações se façam num plano cada vez mais elevado, com a permuta de verdadeiros homens da inteligência portuguesa e brasileira. A reciprocidade dessas visitas é indispensável. Mas é preciso evitar os excessos de «personalismo» intelectual, porque trazem prejuizos a este entrelaçamento, já que em vez de virem para defender e difundir a cultura—e a recíproca é verdadeira—procuram fazer a auto-propaganda, tentando aparecer como entidades—e isto sucede muita vez—com capacidade que não possuem na realidade. Os verdadeiros representantes da cultura dos dois países é que devem trocar ideias em visitas mutuas e em plano superior. Não pseudos-sábios e pseudo-literatos.

O Brasil, esse desconhecido

Ao encarecer o entrelaçamento da cultura luso-brasileira, o dr. Augusto de Sousa Baptista não esquece os aspectos sentimentais dos dois povos irmãos, já que o elo cultural seria—na sua opinião—um dos liames para tornar mais sólida e consistente a amizade que os deve unir:

—Infelizmente, uma parte dos Portugueses não pode entender nem compreender o Brasil. Por exemplo, a classe média de Portugal quase desconhece tudo quanto se refere ao Brasil. Contudo, o povo nutre amor pelo povo brasileiro. E' necessário, por isso, um conhecimento mais amplo dos assuntos brasileiros. Principalmente, para que, conhecendo-se, possam amar-se, pois ninguém pode amar o desconhecido. A cultura brasileira é uma realidade que se afirma e que precisa de ser conhecida em Portugal. Os Portugueses, ao chegar ao Brasil, deviam trazer da sua terra uma ideia mais nítida da grandeza da terra que demandam, á procura de novos horizontes.

Benefícios que hão-de vir

Exemplificando o sentido de utilidade que pode significar para os Portugueses o intercambio cultural e um conhecimento mais directo do que se passa no Brasil, diz o dr. Augusto de Sousa Baptista:

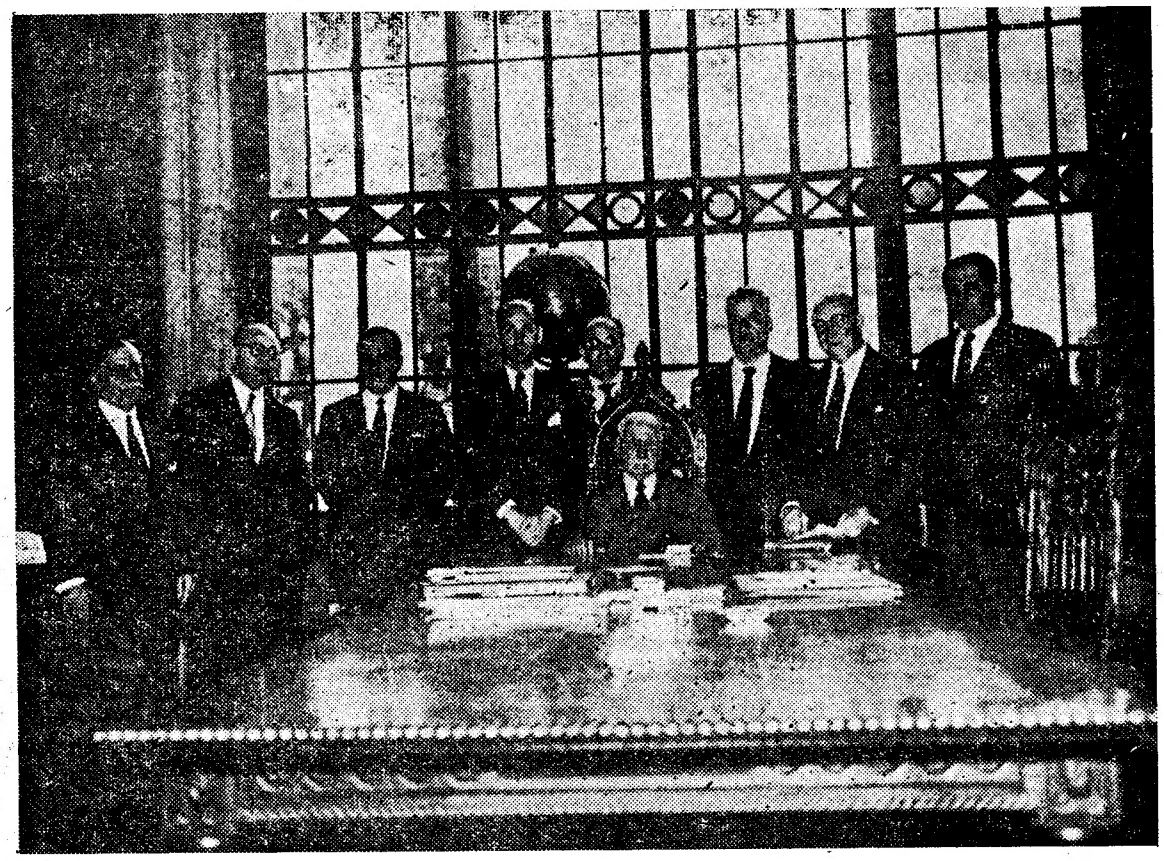
—O Português mais modesto que chega ao Brasil adquire muitas vezes uma visão mais ampla dos acontecimentos, cria mais alta mentalidade, transforma-se num homem de valor social diferente. Adquire, enfim, melhores condições de trabalho e de concepção da vida. Em Portugal—observo-o sempre que lá vou—alguns homens meus conhecidos mantêm as mesmas opiniões a respeito da vida que lhes conheci há trinta anos. Para esses, a vida não mudou, rege-se pelas mesmas leis e segundo a mesma moral e os mesmos conceitos. E' como se de então para cá nada de novo se tivesse passado sobre a parte da Terra...

—Questão de meio, de exemplos, de educação...

—Será. Mas, repare, já não ocorre o mesmo com o Português que vem para o Brasil. Sentindo-se num meio novo, adquire uma personalidade diferente da que trouxe. Quantas vezes não sobe mesmo muito alto, como sucedeu a Ricardo Malheiro Dias, Serafim Leite e Ferreira de Castro.

Depois, concluindo, o dr. Sousa Baptista diz ainda:

—Tenho uma grande esperança de que estamos apenas num verdadeiro limiar do conhecimento do Brasil e Portugal. A aproximação de intelectuais luso-brasileiros e a divulgação das duas verdadeiras culturas estão porventura a ensaiar os seus primeiros passos. Aguardemos o futuro, porque o futuro é da verdadeira comunidade luso-brasileira, no que ela tenha de mais intercompreensivo e amistoso.



A direcção do Gabinete Português de Leitura, vendo-se, da esquerda para a direita, os srs. comendador João de Figueiredo Sucena, natural de Águeda e há 50 anos residente no Brasil; António Pedro, natural de Lisboa, há 14 anos residente no Rio de Janeiro; Juliano Ferreira Cancela de Penafiel; Aventino Fernandes da Silva Laje, de Landos (Póvoa de Varzim) e residente no Brasil há 30 anos; Francisco António Cunha, de Bornes (Macedo de Cavaleiros) chegado ao Brasil em 1928; comendador Albino de Sousa Cruz (sentado) que preside aos destinos da instituição e que, sendo natural de Santa Eulália da Palmeira (Santo Tirso) chegou ao Brasil há 7 anos; Horácio Pinto Coelho, de Santa Maria de Ramos (Vila da Feira) há 49 anos residente em terras brasileiras; comendador Alfredo Rebelo Nunes, de Castanheira de Pera, que vive no Brasil há 55 anos; e Joaquim Fernandes Bordalo, de Alverca da Beira (Guarda), que há 34 anos desembarcou no Brasil, pela primeira vez

A Beneficência Portuguesa
da cidade de Niteroi
e a sua acção relevante

Em Niterói, cidade que, pela sua posição está para o Rio de Janeiro como Cacilhas e Barreiro para Lisboa, vamos encontrar organização portuguesa nos moldes da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência da capital da Republica Brasileira — a Sociedade de Beneficência de Niterói.

Cidade que é capital do Estado do Rio de Janeiro, estando projectada a alteração do seu título para Estado da Guanabara, quando da mudança da capital brasileira para o planalto goiano, sofre no seu progresso os efeitos da proximidade da sede do Governo, muito embora não tenha parado no tempo e conquiste, com o labor dos seus filhos, importância capaz de a fazer digna da designação da sede do Poder Estadual.

Em Niterói residem cerca de quatro mil Portugueses, que ajudam a transformá-la em cidade moderna, digna da maravilhosa praia que rivaliza com a famosa Copacabana que é Icaraí, recanto encantado lançado sobre o Atlantico.

Foi nesta cidade, (que se liga á capital pelo sistema de barcas e lanchas que partem de quinze em quinze minutos, em ambas as direcções, transportando milhares de niteroienses que trabalham no Rio de Janeiro) que se fundou, no dia 1 de Dezembro de 1904, o Centro da Colónia Portuguesa de Niterói, com finalidades beneficentes, mas que em 1918 veio a desaparecer.

Surge a Beneficência

Logo, porém, no ano seguinte, um grupo de Portugueses tendo á frente Roberto Nogueira da Silva, Tomaz de Aquino, Manuel de Azevedo Falcão e outros, iniciou o primeiro movimento para a construção de um hospital para atender não só a Portugueses e Brasileiros, mas também a doentes de outras nacionalidades.

Tal movimento foi tão bem recebido e compreendido que, em 1920, fundou-se a Sociedade Portuguesa de Niterói, que na sua 5.ª assembleia geral deliberou construir um hospital, visto que, então, só existia o de São João Baptista, pertencente á municipalidade, mas insuficiente para atender as necessidades da população da capital do Estado do Rio.

Para medir o que foi a construção do hospital, em 1923, tão cheia de sacrificios e de extraordinária dedicação, basta que se diga que, naquela época, quase não havia veículos motorizados e que o transporte de materiais de construção era feito por carros de tracção animal.

União para o bem

Depois, eram Portugueses e Brasileiros, sem distinção social, que auxiliavam os pedreiros a preparar barro, a chegar-lhes tejolos e a prestar serviços; eram senhoras que promoviam festas e espectáculos teatrais, cujas rendas revertiam em favor do então futuro hospital. E assim foram continuando as obras, ás vezes interrompidas por falta de numerário, para logo prosseguirem quando apareciam recursos. Até que chegou o dia 3 de Maio de 1930, dia de Santa Cruz, em que foi inaugurado o hospital que recebeu o nome daquela invocação. Não parou o sacrifício com a inauguração, tornando-se ainda maior, porque veio então o problema da sua adaptação e manutenção, só resolvido pela abnegação de muitos, entre os quais é de justiça destacar o grande português e amigo sr. Joaquim José Moreira de Sousa que, nos dois primeiros anos de funcionamento, custeou o fornecimento alimentar do hospital, compras que ia fazer diária e pessoalmente, fazendo-se acompanhar dos seus empregados para não desfalcar o hospital dos que ali davam a sua dedicação, muito valiosa também da parte dos médicos que, durante muitos anos, formaram o corpo clinico hospitalar sem qualquer remuneração.

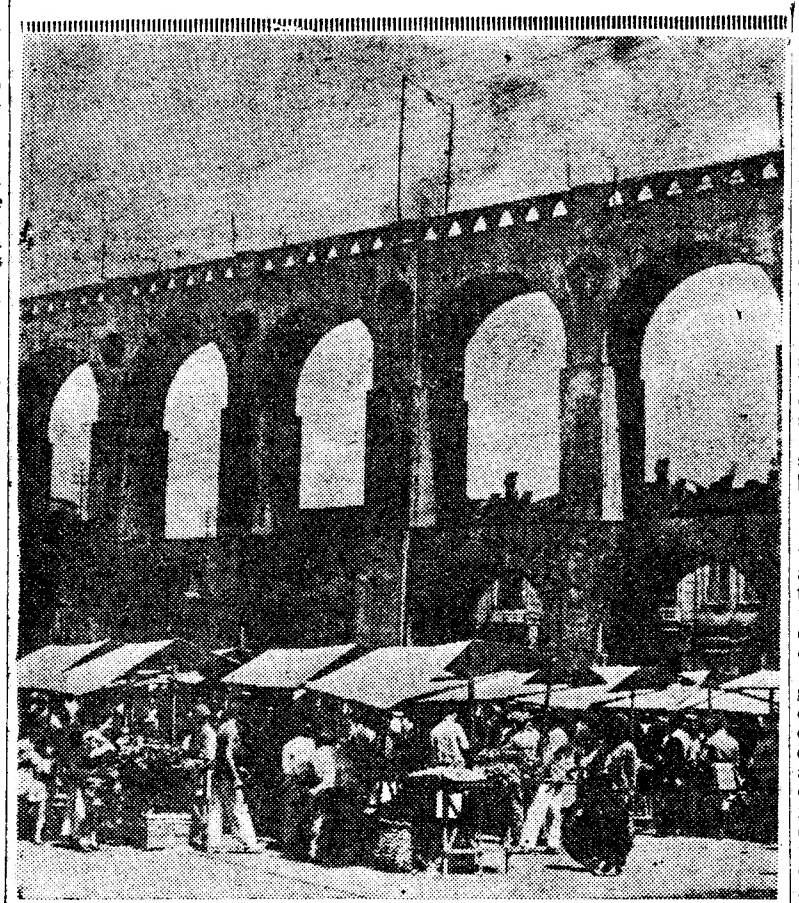
Vem, assim o Hospital Santa Cruz, nestes 27 anos, a prestar valiosos serviços á população, com a sua capacidade para internamentos, crescendo sempre, e possuindo hoje, na parte térrea, quatro consultórios e serviço completo de aplicações eléctricas em geral, e farmácia com grande quantidade de medicamentos; no primeiro andar, duas salas de intervenções cirurgicas, serviço de esterilização, potente aparelho de Raio X, serviço de gesso, e gabinetes para consultas; no segundo andar, a maternidade com berçário e incubadora, duas salas, uma de Ginecologia e outra de Obstetrícia, além de outras duas para intervenções gerais. Todas as salas são abastecidas de perfeito serviço de refrigeração e de sucção de ar. No seu quadro clínico há os médicos de clinica geral, cirurgiões e clinicos de todas as especialidades. O Hospital Santa Cruz dispõe de 40 quartos e 10 apartamentos, todos com telefones privativos ligados á mesa central, assim como 6 enfermarias.

Dificuldades superadas pela colaboração

A magnifica instituição, apesar de ser considerado o melhor apetrechado no Estado do Rio como hospital particular, continua, no entanto, a sentir dificuldades constantes, que obrigam a sua direcção, ás vezes, a pesados sacrificios pessoais, recorrendo também a amigos, que não recusam os seus donativos, destacando-se mais uma vez, nessa obra generosa, Joaquim José Moreira de Sousa e António Augusto da Paz, assim como muitos outros que deixamos de mencionar porque seria muito grande a relação de seus nomes. Ainda agora se projecta erguer o Edificio Santa Cruz, com 5 andares e 6 lojas, o qual, com os seus 32 apartamentos, virá facilitar a continuação permanente de auxilio aos seus 2.800 sócios, devendo-se pôr em evidência, que tal construção será feita com grande parte do auxilio de dedicados amigos da instituição.

A Beneficência Portuguesa de Niterói teve até á presente data sete presidentes, tem uma direcção de onze membros a que preside o sr. José Augusto Carvalho e admite sócios sem distinção de raça, cor ou religião, mas as direcções são compostas apenas, por Brasileiros e Portugueses. O hospital é administrado actualmente por um distinto médico português, o dr. Mário Moreira Neves, natural da Maia, Porto, que tem da direcção todo o apoio nas suas iniciativas, mercê da sua dedicação e capacidade administrativa. Muito mais poderia ainda escrever-se sobre a Beneficência Portuguesa de Niterói, uma obra de sublime humanitarismo, paralela, felizmente, a muitas outras que existem neste imenso Brasil, desde o Pará ao Rio Grande do Sul.

O presidente da Beneficência Portuguesa de Niteroi, José Augusto Carvalho, saudando o embaixador António de Faria, por ocasião de uma sua recente visita á prestimosa instituição



Mesmo no coração do Rio de Janeiro, para os lados de Riachuelo, no sopé da aristocrática Santa Teresa, o velho mercado dos Arcos é ainda uma sugestiva evocação portuguesa, igual a outras, aliás, que se encontram, um pouco por toda a parte, no imenso Brasil. Lá no cimo do viaduto, passa o «bondinho» que nos leva á Cascatinha, lugar fresco, repousante e perfumado pela flor de ipê

Movimento hospitalar
da Beneficência de Niterói
durante 18 meses de exercício da actual direcção

Receita de 18 meses	Cr. 27.023,974,50
Compra de medicamentos	5.474,450,30
Benefícios fornecidos aos sócios	2.749,902,50
Salários a funcionários	6.041,707,30
Géneros alimentícios	2.393,694,60
Equipamento Hospitalar	2.017,470,50
Luz, gás e telefone	3.855,400,00
Internamentos	47.014
Operações	2.313
Falecimentos	66

As relações comerciais
apreciadas pelo presidente
da Câmara de Comércio do Rio

O intercambio comercial entre o Brasil e Portugal, além do enorme interesse popular que a visita do Presidente Craveiro Lopes tem despertado em terras brasileiras, será um dos assuntos de maior importancia a ser tratado no momento histórico que se avizinha. E pelo que já tivemos oportunidade de verificar, nos contactos com algumas das mais proeminentes figuras da colónia, a próxima assinatura do Tratado de Amizade e Consulta entre os dois países, a ser ratificado por ocasião da visita do supremo magistrado da nação portuguesa, corresponderá, integralmente, aos anseios dos que vêm lutando para intensificar o intercambio comercial entre as duas pátrias. Esta, pelo menos, é a opinião do sr. Alfredo M. S .Monteiro Guimarães, presidente da Camara de Comércio e Industria do Rio de Janeiro e, também, vice-presidente da Federação das Associações Portuguesas, que vive há cerca de trinta anos, no Rio, onde ocupa lugar de grande relevo na sua vida comercial, sendo ao mesmo tempo uma figura de prestígio nos meios associativos.

MONTEIRO GUIMARÃES

Melhores dias

Depois de agradecer a oportunidade que o «Diário de Lisboa» lhe concedia para saudar todos aqueles que de qualquer forma têm contribuído com o seu esforço para o desenvolvimento das relações comerciais entre o Brasil e Portugal, o grande industrial declarou-nos:

—Se é certo que, sob o ponto de vista quantitativo, o intercambio de mercadorias tem estado consideràvelmente afectado por factores diversos, sendo o principal a lei que determina a venda em leilão das moedas dos diferentes países, é certo também que, com a assinatura do Tratado de Amizade e Consulta entre os dois países, cuja regulamentação, anuncia-se, será assinada quando da próxima visita do Presidente Craveiro Lopes, se pode esperar que melhores dias virão e que se hão-de estabelecer normas satisfatórias para a troca de produtos, com as consequentes vantagens para os interesses ligados ao comércio luso-brasileiro.

Mercados assegurados

O sr. Monteiro Guimarães não tem duvidas quanto ao êxito das negociações comerciais luso-brasileiras, desde que venha a ficar estabelecida a questão de reciprocidade comercial. Assim disse-nos:

—É do conhecimento geral de que á visão e á sabedoria politica dos nossos ancestrais se deve a criação e a defesa da unidade geométrica, politica, espiritual e intelectual que consolidou, inquebrantàvelmente, o Brasil, hoje a maior nação latina do continente americano, legítimo orgulho de todos nós Portugueses.

E prosseguindo:

—Pela preferência que o consumidor dá aos produtos portugueses, os mercados estão assegurados; apenas o problema da reciprocidade comercial, estabelecido nas Convenções Comerciais, tem que ser posto em equação, para que o curso das exportações portuguesas entre na normalidade que se impõe, como consequência natural das nossas afinidades etcnicas. O intercambio comercial entre Portugal e Brasil deve estar na raíz das estreitas

Em prol da unidade comercial

relações entre as duas pátrias.

Em seguida, o sr. Monteiro Guimarães revelou-nos o esforço que a Camara Portuguesa de Comércio tem realizado para transformar numa realidade evidente a unidade comercial luso-brasileira, concluindo:

—Neste sentido a Camara Portuguesa de Comércio está a empreender uma obra positiva e de considerável projecção, a favor da unidade comercial luso-brasileira, que a intimidade das relações pessoais entre os naturais dos dois países favorece singularmente. Aliás, a corrente de imigração portuguesa, mais util ao Brasil do que outra qualquer, tem sido grande factor a ajudar essa obra. E a preferência dos Portugueses pelo Brasil justifica-se porque ao nosso imigrante não se apresenta o problema de adaptação ou assimilação; as suas atitudes, sentimentos e tradições estão imbuidos na raça. E até o patriotismo, pois ninguém melhor do que o imigrante português o sente, como se esta fosse a sua própria pátria, porquanto, foi na fonte pura do passado das duas nações irmãs que ele bebeu o seu amor por ambas. Afinidades que se cimentam na mesma origem comum e que correspondem a um património de valor bem raro na história das relações entre Estados».

Interesses materiais e espirituais

O sr. Monteiro Guimarães falou-nos no interesse do Governo brasileiro pela assinatura do Tratado, esclarecendo:

—Pelo reconhecimento dos nossos esforços, ao serviço do País, terá todo o interesse em impulsionar o desenvolvimento das relações económicas luso-brasileiras e há-de permitir, pelos motivos expostos, que nos Convénios Comerciais, entre os dois países, sejam adoptadas condições excepcionais que levem em conta a conveniência de proporcionar ao imigrante português a possibilidade de obter, aqui, produtos do seu país, assim lhe mitigando a saudade da terra.

Muitas serão as vantagens resultantes da assinatura do Tratado de Amizade e Consulta. Mas, entre todas, o sr. Monteiro Guimarães faz questão de salientar:

—Este Brasil gigantesco, vindo já do tempo dos nossos maiores, criou, por sua vez, o espírito de comunidade consubstanciado no Tratado de Amizade e Consulta. Este instrumento afirma, no campo prático, uma autêntica lição de unidade espiritual e a consciência dos sentimentos e interesses que os factos e o tempo consolidaram. Como consequência imediata da sua assinatura o transcendente diploma veio abrir novas perspectivas políticas e económicas ás relações entre Portugal e o Brasil. No campo comercial e financeiro, as facilidades mutuas hão-de ser um facto.

E concluindo, o sr. Monteiro Guimarães declarou-nos:

—Não se pode negar que foi, em grande parte através das relações comerciais, que duram há mais de quatro séculos, que se consolidaram as sucessivas gerações de Portugueses que têm aqui deixado o seu suor, o seu trabalho, o seu sangue e até as suas vidas, na fusão das duas pátrias. São estes sentimentos tão vivos que animam a Camara Portuguesa de Comércio — tem hoje quase meio século de existência — a prosseguir na sua missão de íntimo estreitamento do comércio e da industria dos dois países. E são todas estas circunstancias que acabo de expor que, estou certo, hão-de ser evocadas e tidas em consideração por todos aqueles a quem está confiada a missão de congraçar os interesses luso-brasileiros, em quaisquer próximos acordos, tratados ou convénios que venham a estabelecer-se entre os nossos países, consolidando os vínculos morais e materiais que os unem há mais de quatrocentos anos.

Fala Herbert Moses

(Continuação da 3.ª página)

sa identidade que está nas consciências e nos corações de Brasileiros e Portugueses.

Seria talvez inútil acentuar quanto concorreu para reforçar e dinamizar essa identidade e o seu actual reconhecimento á Imprensa de ambas as Pátrias. Desde que é certo que a Imprensa só está á altura da sua missão quando interpreta e reflecte o sentir do povo que serve, não poderiam os jornais e os jornalistas de Portugal e do Brasil tomar qualquer atitude contrária á união luso-brasileira ou que, sequer, a pusesse em dúvida, sem quebra irremediável, desastrosa e até criminosa desse pacto que a Imprensa contrai tácitamente com o seu público.

Corram-se os olhos pelos jornais de uma e de outra banda do mar comum que as caravelas da Descoberta dominaram e se for possível encontrar em qualquer deles comentário ou notícia sobre uma ou outra Pátria que não seja de exaltação, que não fale de amizade ou que não pregue maior união entre os dois povos, há de ser por essa excepção que se considera necessária para confirmar a regra fraternal que funde Brasileiros e Portugueses.

Admitamos a excepção para estarmos de bem com a verdade, que é esse também um dos deveres do jornalista. Mas, ainda que existam, cremos que desaparecerá nestes dias de festa e de elevação, ofuscada na unanimidade com que o povo do Brasil e a sua Imprensa rendem tributo na pessoa do seu primeiro mandatário aos irmãos que nos deram essa Língua que com orgulho falamos, que desbravaram com o seu suor e o seu sangue os nossos sertões, que nos deram esse coração generoso e largo da raça comum, e que fizeram para todo o sempre um Portugal americano que nunca deixará de ter para o Brasil europeu braços fraternais abertos e boca cheia de louvor.

Dr. Herbert Moses, o incansável presidente da Associação Brasileira de Imprensa, a quem a aproximação luso-brasileira muito deve

(Este artigo, do melhor recorte literário e de belo significado afectivo, vai ser publicado no Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, a propósito da viagem do sr. general Craveiro Lopes, ao Brasil).

Albino de Sousa Cruz

símbolo do Portuguesismo no Brasil

Albino Sousa Cruz, considerado o símbolo dos Portugueses do Brasil, nasceu em Santa Eulália de Palmeira, concelho de Santo Tirso, em 11 de Novembro de 1870.

Filho de Manuel Joaquim de Sousa Cruz e de D. Maria Joaquina de Sousa Cruz, rumou para o Brasil aos 14 anos, acompanhado de seu pai e de seu irmão João, de 11 anos. Era em Outubro de 1885 chegando ao Rio de Janeiro a 15 de Novembro do mesmo ano. Começou por viver á sombra da lavoura, numa pequena quinta adquirida por seu pai. Depois, um dia, empregou-se na Casa Veado, de propriedade de José Francisco Corrêa & Cia, casa especializada em tabaco, onde permaneceu durante 18 anos, já com interesses na casa.

Com o dinheiro ganho nesta empresa, abriu casa própria na Rua Gonçalves Dias, 16, em Março de 1903, data em que iniciou uma obra que ficaria inigualável no seu género. Espírito de pioneiro, já naquela época lançava os fundamentos do que hoje se chama assistência social, dando aos seus empregados recursos médicos e amparo nas necessidades.

Em 1914 cedeu parte das suas acções na já desenvolvida empresa, a British American Tobaco Company Lhd., facto que veio alicerçar a situação da firma que se projectou e conquistou a primazia sobre as mais antigas organizações. Terminara o seu curso primário aos 13 anos—um ano antes de embarcar para o Brasil—e os seus afazeres não lhe permitiram estudar durante a mocidade. Deste modo, Sousa Cruz, homem de rija têmpera, só aos 40 anos podia prosseguir nos seus estudos, contrando mestres que consolidaram a sua instrução.

Assim veio a colaborar nos jornais, «O País» e «Jornal do Comércio», publicando a colectanea dos artigos sob o título «Os grandes problemas—Rio de Janeiro, 1918».

Homem de negócios, Albino Sousa Cruz, não foi apenas prosador. Foi poeta e publicou crónicas saborosa e versos de muita beleza e estilo apurado. Como chefe de família não revelou menos mentalidade do que o homem de iniciativa nas industrias e no comércio. Educou os seus quatro filhos, diplomando-os em Direito e Medicina, de harmonia com as suas vocações.

Hoje, com 87 anos, todos eles dedicados ás obras de engrandecimento do Brasil e Portugal, Albino Sousa Cruz é considerado pelos seus próprios compatriotas paradigma da dignidade do povo lusitano e espelho em que se podem mirar homens de bem.

ALBINO DE SOUSA CRUZ

Pelos seus grandes e assinalados serviços, foi galardoado com o grau de grande oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul; e, ainda, com o grande oficialato de Mérito Infante D. Henrique e a Grã-Cruz de Cristo. Como presidente da Federação das Associações Portuguesas no Rio de Janeiro e do Real Gabinete Português de Leitura, Albino Sousa Cruz imprime ás duas prestimosas instituições um sentido de responsabilidade e conceito modelares.

Artista do lápis, pois entre outras virtudes detém esta, Albino Sousa Cruz é também um homem de sensibilidade e justifica, assim, o que dele disse Herculano Reborbão: «mesmo sem o poder de praticar a benemerência, seria sempre um realizador de bondades». Sobre as suas muitas outras virtudes dizem melhor, porém, as suas próprias obras.

Três grandes figuras

das Letras Brasileiras

colaboram neste suplemento do «Diário de Lisboa»

Pedro Calmon

Um dia — foi há pouco mais de um ano — falando ao «Diário de Lisboa», o dr. Pedro Calmon a si próprio se intitulou «caixeiro viajante do intercambio cultural português e brasileiro». Na verdade, se quisermos tomar a designação no sentido de viageiro de ida e volta, para propaganda de sentimentos nas duas orlas atlanticas, nenhuma outra expressão terá maior sentido de justiça e de verdade. O «reitor magnífico» da Universidade do Brasil, construtor de tantos actos fecundos das relações culturais dos dois países irmãos deixou um dia, a cátedra, para abraçar a política. Foi ministro da Educação do Brasil, voltou a reitor da sua Universidade, foi presidente da Academia Brasileira de Letras, veio a Portugal, por causa do Acordo Ortográfico — era o mês de Maio de 1952 — e voltou, a convite da Comissão Brasileira do Tratado de Amizade e Consulta, para iniciar um magnífico movimento de permutas de professores e estudantes dos dois países. Doutor «honoris causa» pela Universidade de Coimbra, a passagem do prof. Pedro Calmon pela nossa Academia, onde foi solene e festivamente recebido ficou a assinalar uma data inesquecível, essa de 24 de Abril do ano passado. Com uma rara autoridade, porque ás suas palavras corresponde uma acção viva e permanente, Pedro Calmon pôde um dia reafirmar a verdade do Atlantico «área da nossa fraternidade histórica», porque o Atlantico não é uma barreira, antes «um braço de mar que nos estreita».

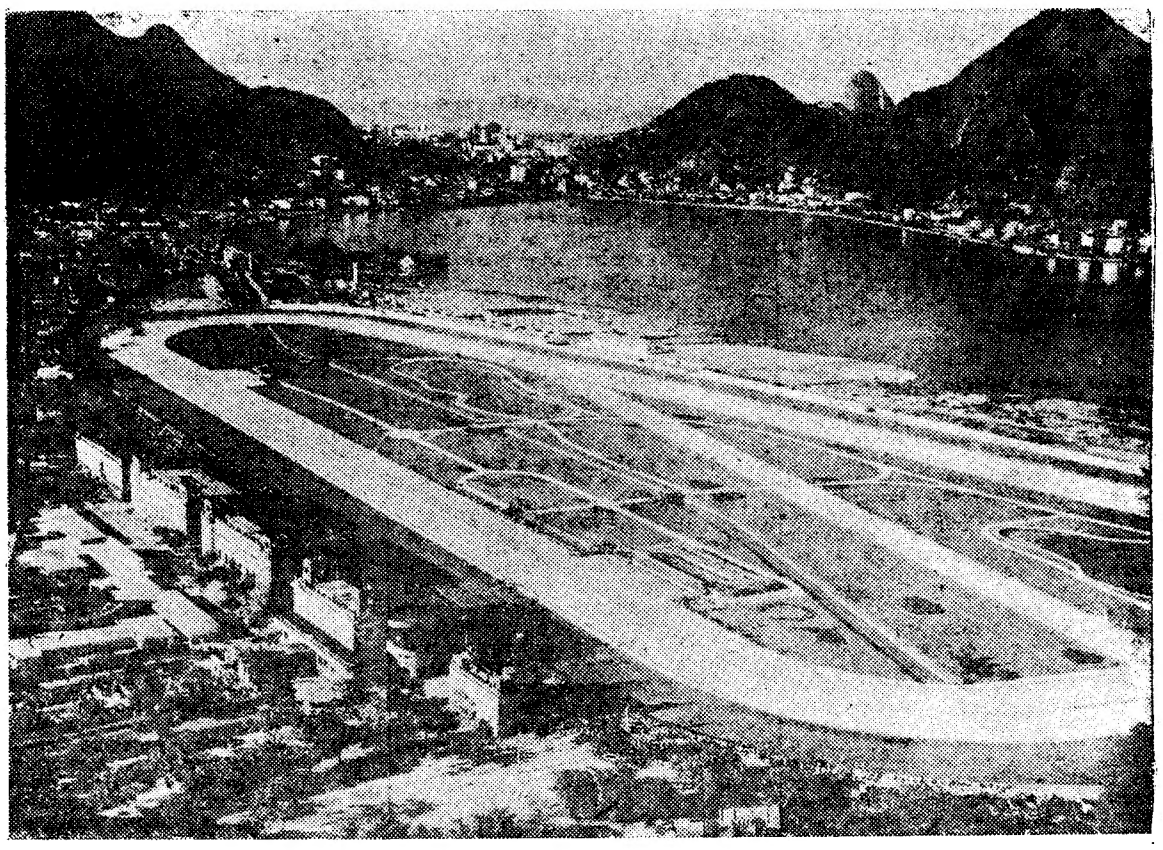
João Neves

O autor ao «Evangelho da Sombra e do Silêncio» não precisa de ser apresentado. Olegário Mariano é o poeta das coisas simples, cujas páginas correm de mão em mão em Portugal. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, os Portugueses já amavam o cântico boémio da sua poesia, mesmo antes de 1940, quando veio do Brasil, integrado na missão cultural que assistiu ás celebrações dos Centenários. A' sua força de comunicabilidade poética, Olegário Mariano juntou, então, o dom de simpatia pessoal. Aqui conquistou amizades e de aqui levou vozes do coração que fez cantar no Brasil. Foi um dos mais sinceros e entusiásticos embaixadores brasileiros de Portugal. E tão sincero, que passou de ministro plenipotenciário na missão Francisco José da Silva ás Comemorações Centenárias, a verdadeiro representante do seu país em Lisboa. De facto, Olegário Mariano em 1953 suspendia a sua carreira de notário e vinha ocupar o alto cargo de embaixador do Brasil. Conquistara-o por amor a Portugal. Getulio Vargas, seu amigo pessoal, reconhecendo a força dessa ternura, concluiu que nenhuma outra poderia melhor ver e resolver assuntos do coração luso-brasileiro. Além de que o poeta das «Ultimas cigarras» devia a Portugal outras razões da sua presença: fora um dos obreiros, como delegado do Governo brasileiro, da Convenção Ortográfica de Lisboa.

Olegário

Num belo sábado de Maio de 1943, desembarcava em Lisboa um homem que as multidões ignoravam. O Mundo estava em plena guerra e o dr. João Neves da Fontoura vinha como embaixador do seu país com a missão bem cara aos Portugueses de marcar entre nós a posição do Brasil no grande conflito. Assim, o antigo advogado gaucho, deputado, prefeito da Cachoeira, antigo vice-presidente do Estado, «deader» de Getulio Vargas, membro da Academia de Letras, modestamente recolhido nas horas vitoriosas do Presidente, logo acorria em defesa do amigo, nas horas mais conturbadas. João Neves da Fontoura definiu a política do seu país aos olhos dos Portugueses, na pior hora em que o Mundo alinhava correntes e simpatias, exigindo coerência e compostura. A vida política do dr. João Neves da Fontoura cedo, na verdade, havia de transcender do clima nacional para os grandes debates internacionais, umas vezes como delegado especial do Governo, outras vezes na sua missão de diplomata. Mestre de jurisprudência, estadista, orador e escritor de uma forma que mergulha as raizes estilisticas nos melhores clássicos da literatura luso-brasileira, o depoimento que damos noutro local define aquele que o inspirou. Grande e fervoroso amigo de Portugal, um dos responsáveis pelo Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, admirável de tenacidade e força de expressão, o dr. Neves da Fontoura deixa nele pulsar o coração, sem contudo abafar a voz de todas as razões que criaram a verdadeira comunidade luso-brasileira na linguagem magnífica em que falaram Paulo Barreto e João de Barros.

O Rio de Janeiro multiplica-se em quadros de deslumbramento



QUADRO DE RARA BELEZA — **Por alguma coisa o Rio de Janeiro é a Cidade Maravilhosa. Este trecho de rara beleza justifica-lhe o título e documenta o aspecto geral do Jockey Clube Brasileiro, tendo por fundo a magnifica Lagoa Rodrigues de Freitas. O presidente da Republica portuguesa irá ali, no dia 9, assistir a uma corrida de cavalos que constituirá um acontecimento mundano de grande realce na vida carioca**

A história do Clube de Regatas Vasco da Gama

numa saudação ao general Craveiro Lopes

pelo presidente da prestigiosa colectividade

PROFESSOR MANUEL FERREIRA DE CASTRO FILHO — Personalidade de grande relevo na vida brasileira, o prof. Castro Filho tem desempenhado as mais altas missões, conquistando os maiores triunfos pela elegancia das suas atitudes e superior cultura. Pintor, jornalista, crítico de arte e professor, Castro Filho afirma, continuamente, nestas actividades, o seu admirável talento, o seu espírito cintilante e um superior critério de análise. O seu nome é respeitado pela sua conduta e grandeza moral. Tem recebido várias distinções por serviços relevantes prestados ao seu país, possuindo, além disso, condecorações conferidas por algumas nações estrangeiras. Ocupou, também, altos postos na organização desportiva brasileira, sendo elemento do mais elevado prestígio dentro do Clube de Regatas Vasco da Gama, onde, além de outros, desempenhou os cargos de presidente da direcção e do conselho deliberativo.

Orador de invulgares recursos, foi designado pelo Vasco da Gama para proferir o discurso de saudação ao Presidente Craveiro Lopes, na sua visita ao Estádio de São Januário, onde o grande clube prestará ao Chefe do Estado português recepção do maior significado.

Bellini

o portentoso futebolista sauda a compreensão do luso-brasilidade

Os Portugueses, entusiastas ou não das práticas desportivas, conhecem de sobra a grandiosidade do Clube de Ragatas Vasco da Gama, colectividade que reune a quase totalidade da colónia portuguesa do Rio de Janeiro, no seu quadro associativo. Por outro lado, os adeptos do futebol, conhecem a maioria dos «ases» cruzmaltinos que, várias vezes, já se exibiram em rectangulos portugueses. Devem, portanto, recordar-se, entre todos, do vigoroso e atlético defesa Bellini, actual capitão da equipa campeã carioca de 1956 e, nesta altura, titular da selecção brasileira que se prepara para intervir na Taça do Mundo.

Presentemente, em grande forma, Bellini é um verdadeiro ídolo dos sócios do Vasco da Gama. O seu prestígio, diga-se de passagem, foi alcançado, principalmente, em consequência do ardor com que luta em defesa das cores do seu clube. Bellini, aliás, conquistou no ano findo, além do título de campeão da cidade pelo Vasco da Gama, outro galardão importante, o de «Craque do ano», que lhe foi conferido pela totalidade dos jornalistas desportivos cariocas!

*

Após uma vitória do Vasco da Gama, num dos jogos do torneio Rio-São Paulo, tivemos a oportunidade de falar, rápidamente, com Bellini, por sinal revelado por Flávio Costa ao futebol brasileiro. Sabia do nosso interesse em ouvir a sua opinião acerca da próxima visita do Chefe do Estado português ao Brasil. Na sua qualidade de representante unico dos atletas vascaínos e brasileiros, Bellini não nos negou algumas palavras:

—A visita do presidente da Republica portuguesa honra excepcionalmente os Brasileiros, e de modo especial os vascaínos que se habituaram a gostar cada vez mais das coisas da pátria irmã. O general Craveiro Lopes é uma figura muito querida no nosso país e a sua vinda servirá para estreitar ainda mais as relações de amizade entre os dois povos. Desejo, pessoalmente, que o supremo magistrado da Nação Lusitana tenha no nosso país uma estadia condigna, que leve uma óptima impressão dos Brasileiros e que, sobretudo, tenha a recepção que bem merece como bom Português.

E' necessário que se recue um pouco na história da nossa cidade, para encontrarmos a pedra fundamental deste edifício esplendoroso que é o «Vasco da Gama». E' necessário que se recue a uma cidade ainda alumiada a querosene, na qual, senhoras de saias como as de hoje, mas de costumes mais ataviados, pouco apareciam pelas ruas. E' preciso que se recue para um tempo em que, só a medo, se tinha coragem de falar do corpo e de falar do físico, para um tempo em que a Republica apenas ensaiava os seus incertos passos, engatinhando nos seus primeiros dias; para um tempo em que, só um ou outro moço de coragem tinha audácia de contrariar conceitos conselheirais e falar do que já se fazia além-mar: a prática da educação física.

O meio ambiente

Era num ambiente assim, quase hostil, que a golpes de audácia se havia de fundar um clube re regatas. Já os havia de ginástica; mas, de remo, esse desporto feito ao sol e no mar, só os tinham por aqui aqueles cuja influência tinha vindo de rapazes louros de nomes arrevesados.

Destes rapazes louros, por muito que pese á sua simpatia, diziam os de então: «têm nomes que não se decoram com facilidade e para que nos tornemos companheiros, falta-nos a compreensão mutua do idioma».

Os nossos rapazes, portugueses do comércio, que tinham de se levantar cedo, para dias inteiros de canseiras, procuravam as praias, para os banhos de mar, sòmente aos domingos.

Os clubes a que pertenciam os jovens de nomes arrevesados, ou os estudantes das academias, iniciavam suas actividades muito tarde e aqueles que haviam de ser dos nossos, começavam a sua labuta quase pela madrugada. Esses rapazes precisavam, portanto, de ter uma agremiação sua, de acordo com os seus hábitos, onde todos falassem a mesma língua e onde todos sentissem as mesmas emoções. Surgiu, então, a ideia, dentro de um dos clubes de ginástica da época, de se fundar um clube de remo.

O grande patrono e a fundação

Por esse tempo, havia em todos os jornais farto noticiário a respeito do 4.º Centenário do «feito das Indias»; páginas de heroismo do grande Vasco da Gama eram relembradas com fervoroso carinho e esses rapazes, que sempre tiveram na «glória dos olhos e no bem do pensamento» a pátria distante, esses rapazes lembraram-se de fundar uma agremiação que consagrasse o nome do grande almirante português. Assim surgia, a 21 de Agosto de 1898, o «Vasco da Gama», o Clube de Regatas Vasco da Gama.

Os primeiros dias

Os seus primeiros dias foram dias incertos, como incertos e inseguros são os primeiros dias da plantinha que nasce. Eram dificuldades financeiras de toda a ordem a entravar-lhe o progresso almejado. Os idealistas da fundação tiveram de recorrer a homens de certa pecúnia. Mas vieram os primeiros barcos: o seu anelo estava satisfeito. Já era possível à rapazes da mesma língua, de buços do mesmo tom, contando as mesmas histórias, sulcarem as águas da linda Guanabara.

Esses rapazes, Portugueses e Brasileiros, foram os fundadores deste grande clube. Vieram, porém, os primeiros tropeços: foi quando alguém resolveu tirar o clube do lugar em que ele nasceu, desejando levá-lo para uma zona distante, considerada, então, muito elegante.

Os rapazes do comércio, que tinham de começar cedo o seu trabalho, não se conformaram e os «donos do clube», os donos dos barcos, levaram as embarcações. Os «donos» levaram o que era seu, mas o clube ficou e com ele os idealistas que o haviam de resguardar da dissolução.

Suponho que, nesse dia, acabaram, no Vasco da Gama, os «donos do Vasco», porque aqueles rapazes, aqueles que tinham no pensamento uma ideia firme e tinham no entendimento uma noção exacta do que o clube poderia ser, esses, em breve procuraram firmar o seu seu conceito e firmar o nome da associação.

O pavilhão da Cruz de Malta

Tiveram esses rapazes, que foram escolher para patrono o «forte navegante», a ideia de fazer uma bandeira e, em torno de um pavilhão, que lhes fosse um escudo, contiuarem suas lutas.

Ideias foram trocadas. «Ele será branco, como branco foi o estandarte que o filho de Estêvão Gama, aquele que haveria de ser o grande almirante, recebeu das mãos de D. Manuel, «o Venturoso». Alguém aventurava: «terá as cores negras da cidade de Lisboa». Encontrou-se uma solução: ele seria negro, negro como os mares ignotos singrados, pelas caravelas no caminho das descobertas, e teria uma faixa branca, da tralha ao extremo inferior, que lembrasse o sulco de civilização feito pelas caravelas invictas, e teria, então bem no meio, a cruz de Cristo, que levou a benção cristã aos povos da India. Assim, surgiu o pavilhão que havia de reunir todo esse grupo de lutadores e abençoar a união de Portugueses e Brasileiros.

Tempos melhores—o Estatuto

O clube foi-se desenvolvendo. As primeiras vitórias surgiram. Reuniram-se mais adeptos, e esta gente, brasileira e portuguesa gente, teve de elaborar o seu Estatuto. No primeiro artigo, este artigo que tem sido repetido em todos os estatutos do Vasco da Gama, escreve-se: «o clube existirá como elemento de aproximação entre Brasileiros e Portugueses».

O clube foi-se desenvolvendo e ganhando foros de grande associação. Começaram, então, as grandes vitórias, os campeonatos... O presidente da Republica, em 1906, não esconde a sua alegria ao entregar o troféu do campeonato da cidade a um desses rapazes que envergava a camisa preta com a faixa branca e a Cruz de Malta.

Seguem-se, assim, as vitórias em rosário, e segue, com o remo, o Vasco para a trilha do seu apogeu.

Do «Lusitania» ao «Vasco», em futebol

A esse tempo, surgiram no Rio de Janeiro os primeiros entusiasmos pelo futebol. Era um desporto praticado pelos Ingleses aqui radicados na industria incipiente. A princípio, pouco do nosso entusiasmo; mas, depois, fundaram-se alguns clubes brasileiros. Neles, começaram a ingressar muitos dos rapazes da nossa sociedade e, eis senão quando, vem ao Brasil um quadro português, a praticar o futebol.

Os rapazes do Vasco passam, também, a entusiasmar-se pelo novo desporto. Havia, nessa época, um clube, o «Lusitania», que vivia em certas dificuldades; no Vasco da Gama, a medo, foi sugerida a ideia de se criar uma secção de futebol. Numa assembleia movimentadíssima, a ideia dos «ousados» mereceu a atenção da Directoria e eis que uma comissão foi designada para estudar o assunto.

A comissão, no dizer dos daquele tempo, foi organizada «muito de industria», porque o seu parecer, de antemão, era favorável ao intento. Surgiu, assim, o futebol no «Vasco da Gama».

Desporto das multidões, em pouco apaixonou a todos, levando novo e numeroso contingente de associados para o «Vasco». Para ali começaram a fluir novas correntes de glória, novos triunfos, e eis que o Vasco enceta uma campanha memorável.

DR. CASTRO FILHO

Vindo das derradeiras divisões e galgando, ano após ano, a série principal, ele levanta, então, um campeonato da Cidade do Rio de Janeiro. O seu triunfo foi retumbante. Por essa época, ainda me recordo, eram grandes as passeatas, era a alma vascaína a transbordar de júbilo por esta cidade.

O estádio de São Januário

Pelas dificuldades naturais da lei desportiva, não podia, porém, o Vasco continuar como «grande clube». Não tinha um estádio, não tinha um campo seu, devia ser rebaixado de divisão. Foi como que uma vergastada no entusiasmo dos vascaínos. Mas, como todas as vezes que esse gigante é vergastado, ele se levanta mais vibrante, despertando para eventos maiores, respondeu á ameaça construindo «São Januário», então, o maior estádio da América do Sul. Ele que não tinha nada de seu, deu á cidade o maior estádio daquele tempo.

Ergueu-se um grande marco na história do desporto brasileiro.

Surgindo «São Januário», surgiram as pistas, o campo de basquetebol, os campos de voleibol, de ténis; surgiram aspectos novos do desporto, naqueles campos. E aquela mocidade empenhou-se cada vez mais, com mais fervor, para glorificar o nome de Vasco da Gama. Raiaram, então, dias áureos para o Vasco: as suas conquistas firmaram-no, definitivamente, no conceito dos seus pares, como um grande entre os grandes, como um dos maiores clubes do Brasil. Mais de 500 troféus cerca de 4.000 medalhas e 180 campeonatos diversos são o seu galardão.

Um grande quadro social

O seu quadro social atinge um numero jamais alcançado por outro co-irmão. Aqui estão cerca de 30.000 homens e todos vibram a uma vitória e todos sofrem a uma derrota.

São pretos, são brancos, São Portugueses, são Brasileiros e, como irmãos, tendo a Cruz de Malta como símbolo, trabalham para engrandecer este clube, entrelaçando, no mesmo abraço, Brasil e Portugal.

São pretos, como aquele marinheiro, que na memorável sessão comemorativa do nosso cinquentenário, nos foi levar o seu aplauso, e com seu aplauso, estremecia no peito as condecorações de duas guerras. São brancos, como o embaixador Oswaldo Aranha que muito honra o quadro social do Vasco da Gama. Assim, num ambiente da mais pura democracia e da maior espiritualidade, vai vivendo este quadro social, dando Portugueses e Brasileiros o mais que podem do seu entusiasmo por este País, pelo Brasil, filho dilecto de Portugal.

Ciro Aranha

dirigente vascainho e amigo dos Portugueses

Ciro Aranha, gaucho de boa têmpera, é figura da maior preponderancia dentro do Club de Regatas Vasco da Gama pelo seu poder galvanizador de vontades. Chamado a presidir aos destinos da importante colectividade em fase agitada da sua existência, mercê de sua popularidade e personalidade marcante, conseguiu unir Brasileiros e Portugueses adeptos do Clube da Cruz de Cristo. Assim voltaram a pulsar, todos ao mesmo ritmo e vibrando com o sentimento de luso-brasilidade. Duas vezes levado á direcção máxima do Vasco da Gama, conseguiu reeleger-se, fixando o sentimento de união das duas pátrias dentro da tradicional colectividade. Durante algum tempo membro do Conselho Nacional de Desportos do Brasil, o dr. Ciro Aranha, pelo seu trabalho a favor do estreitamento de relações de amizade entre Portugal e Brasil foi já condecorado pelo Governo português